

O Portador da Luz Para os buscadores da Verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

Edição temática:

A Hierarquia da
Compaixão – mundial,
de todos os tempos

A Hierarquia da
Compaixão – mundial,
de todos os tempos

O despertar da
humanidade

Escolas de Mistérios

Impulsos espirituais
antes da chegada de
H.P. Blavatsky em 1875



**Interessado em nossas
palestras?**

assista-as em nosso
canal no YouTube:

[@theosophicalsociety-tspl](https://youtube.com/theosophicalsociety-tspl)

As três proposições fundamentais da Teosofia

Por mais abrangentes que sejam os ensinamentos teosóficos, eles se baseiam em três proposições fundamentais. Para uma compreensão adequada da Teosofia, é necessário considerá-las cuidadosamente.

A primeira proposição fundamental: Ilimitabilidade

*Um PRINCÍPIO Onipresente, Eterno, Sem Limites e Imutável sobre o qual toda especulação é impossível, pois transcende o poder da concepção humana e só poderia ser diminuído por qualquer expressão ou similitude humana. (...) Uma Realidade absoluta que antecede todo ser manifestado, condicionado.**

E, embora desconhecida, essa realidade absoluta é a base de toda a vida.

A segunda proposição fundamental: Ciclicidade

*A Eternidade do Universo in toto em sua totalidade como um plano sem limites; periodicamente 'o cenário de inúmeros Universos que se manifestam e desaparecem incessantemente', chamados de 'as estrelas que se manifestam' e as 'centelhas da Eternidade'.**

Todos os seres são 'centelhas da eternidade' imperecíveis, passando alternadamente por fases de vida ativa e descanso interior (sono ou morte), em um processo cíclico incessante.

A terceira proposição fundamental: A equivalência essencial de toda vida

*A identidade fundamental de todas as Almas com a Alma Suprema Universal, sendo esta última, por sua vez, um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória de cada Alma - uma centelha da primeira - através do Ciclo de Encarnação (ou 'Necessidade') de acordo com a lei cíclica e kármica, durante todo o período.**

A mesma Vida Única flui através dos corações de tudo o que existe. Tudo está vivo. Não há matéria morta. Portanto, tudo é essencialmente igual. Tudo possui latente as mesmas faculdades que o todo maior do qual faz parte (Alma Suprema) e gradualmente desdobra essas faculdades inerentes, reincorporando-se constantemente (segunda proposição). Esse crescimento da consciência sempre ocorre em interação e é ilimitado (primeira proposição).

* Fonte: H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I, p. 43-47 (paginação edição original).

Para mais explicações, consulte nosso website:
blavatskyhouse.org/about-us/what-is-theosophy/

Edição temática:

A Hierarquia da Compaixão – mundial, de todos os tempos

18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia

A origem, o impacto e o futuro do impulso espiritual de 1875

p. 114

Em 2025, a Sociedade Teosófica de Point Loma realizou uma série de palestras sobre o impulso inspirador que H.P. Blavatsky e seus colaboradores têm proporcionado ao pensamento humano desde 1875. Essas palestras serão publicadas em uma série de edições especiais. Esta edição é a primeira dessa série e estabelece as bases para todas as edições subsequentes. O tema principal desta edição é: ‘A Hierarquia da Compaixão – em todo o mundo, em todos os tempos’.

Editores

A Hierarquia da Compaixão – mundial, de todos os tempos

p. 116

Em todas as épocas e em todo o mundo, existe uma cooperação ativa que se preocupa com o desenvolvimento moral e ético da humanidade como um todo. Seus membros fazem parte da Hierarquia da Compaixão. Quem ou o que é essa Hierarquia? Com que objetivo e como ela funciona? E o que ela significa para nós hoje?

Erwin Bomas

O despertar da humanidade

p. 129

Neste segundo artigo desta edição temática sobre a Hierarquia da Compaixão, dedicamos atenção ao despertar da humanidade. Trata-se de a história de cada um de nós, do que nos torna humanos, mas também de como surgimos.

Erwin Bomas

Escolas de Mistérios

p. 140

Um marco importante na evolução humana foi a fundação das Escolas de Mistérios. O que são as Escolas de Mistérios? Por que passaram a operar em segredo? E ainda estão em atividade hoje?

Erwin Bomas

Impulsos espirituais antes de H.P. Blavatsky (1875)

p. 146

Ao longo da história e em todo o mundo, houve impulsos de sabedoria, compaixão e paz. Qualquer pessoa que investigar descobrirá que, do Oriente ao Ocidente, é possível traçar linhas de ligação entre esses impulsos espirituais, suas origens e sua continuidade desde o passado distante até a história recente.

Erwin Bomas e Herman C. Vermeulen

Acolhimento caloroso às ideias teosóficas em Lisboa

p. 160

O simpósio Quatro ideias para melhorar o mundo, realizado em Lisboa no dia 11 de outubro, recebeu reações entusiásticas dos participantes. Durante as oficinas, houve uma intensa troca de ideias.

Editores

Perguntas e Respostas 161

» Seis perguntas relacionadas ao tema desta edição do *Lúcifer*: A Hierarquia da Compaixão – mundial, de todos os tempos

Agenda 163

- » Palestras em inglês
- » Curso Sabedoria Universal



18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia

A origem, o impacto e o futuro do impulso espiritual de 1875

Em 2025, completam-se 150 anos desde que Helena Petrovna Blavatsky, juntamente com alguns colaboradores, fundou a Sociedade Teosófica e começou a difundir a Teosofia. Ela fez isso seguindo as instruções de seus Professores, os Mestres da Loja da Sabedoria e da Compaixão, pois a condição mental e espiritual da humanidade encontrava-se em situação muito crítica. As pessoas que buscavam compreensão, sabedoria e um caminho para um mundo melhor permaneciam de mãos vazias, pois as crenças clericais dogmáticas e a ciência materialista, igualmente dogmática, dominavam o pensamento geral. Os ensinamentos universais que os Mestres da Sabedoria revelaram por meio de sua discípula H.P. Blavatsky sob o nome de ‘Teosofia’ fazem parte da *Theosophia* ou *Sabedoria Universal*, com a qual nos referimos à ‘sabedoria dos Deuses’, à ‘Sabedoria Divina’. A Theosophia nos oferece uma visão da unidade essencial de toda a vida, bem como da estrutura e do funcionamento do Cosmos. Ela nos oferece uma visão holística, lógica, universalmente aplicável e profundamente ética do Homem e do Cosmos. Ela nos ensi-

na, a nós, seres humanos, nossa unidade fundamental e nossa interconexão com todos os seres vivos e, assim, a lógica da fraternidade universal.

A *Theosophia* é atemporal. Partes relevantes dela vêm sendo periodicamente divulgadas pela Loja da Sabedoria e da Compaixão há 18 milhões de anos, desde que nossas mentes despertaram. Essa Loja enviou, e continua enviando, mensageiros – grandes Mestres espirituais – sempre que a humanidade precisa de um novo impulso, a fim de manter acesa, nos corações das pessoas, a chama do *amor à verdade* e da *compaixão pelos outros seres*. Por meio do impulso de 1875, muito mais da Teosofia foi divulgado do que havia sido feito por um longo período antes, a fim de romper os moldes mentais rígidos e dogmáticos daquela época.

Em 2025, já haviam se passado 150 anos desde então. Vale muito a pena olhar para trás e investigar o impacto dessas ideias universais na maneira geral de pensar, nos desenvolvimentos na religião, na filosofia e na ciência, bem como nas rápidas mudanças na sociedade. Por esse motivo, a Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL)

dedicou todas as suas palestras, de janeiro a maio de 2025, ao tema ‘18 milhões de anos de Theosophia, 150 anos de Teosofia’, com o objetivo de publicá-las posteriormente. Faremos isso por meio de uma série de edições especiais de nossa revista *Lúcifer – o Portador da Luz*, da qual a edição atual é a primeira.*

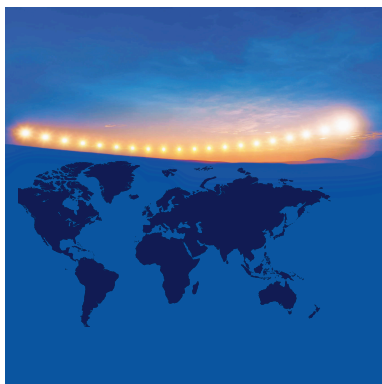
Esta edição é, portanto, a primeira da série. Ela explora ‘A Hierarquia da Compaixão – em todo o mundo, ao longo dos tempos’ e é composta por quatro artigos de Erwin Bomas e Herman C. Vermeulen. Os quatro artigos baseiam-se em quatro palestras ministradas em janeiro de 2025. Nas próximas edições, publicaremos gradualmente as demais séries de palestras sobre ‘18 milhões de anos de Teosofia, 150 anos de Teosofia’.

O conteúdo desta edição suscita alguma dúvida? Convidamos você a enviá-las, pois isso nos dá a oportunidade de fornecer esclarecimentos adicionais. Caso publiquemos uma pergunta e resposta na *Lúcifer*, ela será sempre anônima e com o consentimento do remetente.



A Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL) realizou, no primeiro semestre de 2025, uma série de palestras sobre o impulso espiritual de 1875, em holandês e em inglês. Em anexo, os cartazes do evento em inglês. A série de artigos que agora também será publicada em português é baseada nessa série de palestras.

* Uma palestra dessa série já foi adaptada para um artigo: Bouke van den Noort, ‘A compaixão como um modo de vida universal’. Artigo em: *Lúcifer*, número 4, outubro de 2025, p. 123-132.



A Hierarquia da Compaixão – mundial, de todos os tempos

Ideias-chave

» Uma hierarquia é liderada por um hierarca – o líder, o ponto de partida – que inspira toda a hierarquia com um campo de influência sagrado: voltado para o todo, repleto do divino.

» A compaixão pode ser descrita como pensar e agir a partir do senso de unidade, do amor universal, da sabedoria e do conhecimento.

» Por meio do pensamento, o ser humano pode orientar suas ações de forma consciente e, assim, colaborar conscientemente com a Natureza.

» Muitas vezes, as pessoas ainda demonstram pouca compaixão porque temos uma visão limitada e agimos a partir da ignorância.

» A Loja da Sabedoria e da Compaixão nunca imporá nada, apenas inspirará.

» Já somos capazes de ser um elo na grande obra da Hierarquia.

Em todas as épocas e em todo o mundo, existe uma cooperação ativa que se dedica ao desenvolvimento moral e ético da humanidade como um todo. Essa cooperação é conhecida como a Loja da Sabedoria e da Compaixão. Essa Loja pertence à Hierarquia da Compaixão. Quem ou o que é essa Hierarquia? Com que objetivo e como ela funciona? Como podemos reconhecê-la, e o que ela significa para nós hoje?

Em 2025, completaram-se 150 anos da fundação da Sociedade Teosófica. Foi o início de um enorme impulso de sabedoria espiritual proveniente da Hierarquia da Compaixão. Embora o nome da Sra. H.P. Blavatsky esteja especialmente associado à Sociedade Teosófica, foi, na verdade, a Hierarquia da Compaixão que a levou a fundá-la em 1875, em Nova York. Assim surgiu o Movimento Teosófico moderno, que continua a se expandir por meio do trabalho dos teosofistas em todo o mundo. Esse impulso não surgiu do nada, mas se insere em um padrão de impulsos espirituais cíclicos, como descreveremos nesta edição temática.

O significado desse impulso ainda é bastante subestimado. Foi revelada uma sabedoria que permaneceu oculta por milhares de anos. Uma sabedoria que oferece soluções para todos os problemas em nossa vida e neste mundo. Uma sabedoria com a qual cada um pode acelerar sua evolução e a de seus semelhantes. E assim, com seu conhecimento e possibilidades

recém-adquiridos, pode proteger seus semelhantes e a si mesmo de muitas armadilhas e, dessa forma, evitar sofrimento. Uma sabedoria que merece muito mais atenção no mundo de hoje!

Começamos pela fonte: a Hierarquia da Compaixão. Uma colaboração que atua em todo o mundo – na verdade, até mesmo além do mundo – e em todas as épocas. Descrevemos, nos artigos desta edição temática, o trabalho dessa Hierarquia da Compaixão até o impulso de 1875, com a chegada de H.P. Blavatsky.

A Hierarquia em nossa vida cotidiana

Em um mundo como o de hoje, muitas pessoas se perguntam: onde está a liderança? Onde está a sabedoria? Onde está a compaixão? Onde estão as pessoas que se levantam e podem nos inspirar com seu exemplo de vida, que nos inspiram com amor altruísta, visão, discernimento e conhecimento? Que podem nos dar esperança e coragem para alcançarmos

uma sociedade livre, pacífica e alegre? Onde estão os sábios? Se eles existem, por que não se mostram? No entanto, todo ser humano tem uma certa percepção de que deve haver mais sabedoria e de que um mundo mais pacífico e compassivo é possível. Muitas vezes, as pessoas partem em busca de conhecimento ou orientação em outros lugares, fora de si mesmas. A sabedoria milenar, porém, sempre aponta para dentro: para a sabedoria que está presente em nós mesmos. Compartilhamos essas visões de uma vida melhor, porque todas elas estão dentro de nós. Sabemos que é possível fazer melhor! Sentimos que, apesar de todas as lutas e sofrimentos, existe unidade e solidariedade. Todos nós possuímos a imaginação necessária para criar ideais de uma sociedade fraterna. Esses ideais também não são novos. Em todo o mundo e em todas as épocas, houve mestres universais. Eles trouxeram a mesma mensagem de compaixão, sabedoria e paz. Pense em Krishna, Gautama, o Buddha, Pitágoras, Zaratustra, Lao-Tse, Platão, Confúcio, Jesus de Nazaré. Ainda hoje reconhecemos o valor ético disso.

A mensagem de esperança deles é, invariavelmente, que nós mesmos podemos determinar nosso destino. Mas também que nós mesmos somos a causa do sofrimento que vemos. Eles apontam para nossa própria responsabilidade.

Aí está a dificuldade: na verdade, sabemos muito bem disso, mas ainda não agimos de acordo. E sejamos honestos conosco mesmos: até que ponto não buscamos frequentemente uma solução rápida? Algo ou alguém que resolva isso por nós? Buscamos, então, soluções fora de nós mesmos. Muitas pessoas ainda acham que isso funciona. Elas escolhem líderes que, aos seus olhos, são fortes e prometem resolver todos os problemas num piscar de olhos. Muitas vezes, esses supostos líderes fortes apontam uma causa externa para todo o sofrimento – um inimigo, um país vizinho, outro grupo populacional ou o migrante – para partir em guerra contra ela. O apelo dessas visões limitadas decorre de uma visão de mundo baseada no medo e no egoísmo. Decorre da ilusão de que estamos sozinhos na vida, de que estamos em conflito com os outros para sobreviver.

O resultado é que atribuímos poder a alguém que tomará as decisões por nós. Que colocamos no poder um autocrata que restringe o pensamento livre e, com isso, limita nosso livre arbítrio. Será esse, então, o caminho para o crescimento? Não, pois assim não exploramos nossa própria sabedoria interior.

No entanto, esse é frequentemente o caminho que escolhemos e que deu à palavra ‘hierarquia’ um tom negativo. Quando se fala em ‘hierarquia’, a maioria das pessoas pensa em poder. Em chefes. Em pessoas que dizem o que você

deve fazer e, de certa forma, impõem sua vontade a você. Infelizmente, há exemplos de sobra desse tipo de chefe. Mas recebemos exatamente os líderes ou chefes que merecemos. Muitas vezes, fomos nós mesmos que os escolhemos. E, para muitas pessoas, é natural que quem está no topo determine o que acontece. A liberdade se limita ao que esse chefe permite. O abuso de poder, portanto, está sempre à espreita. Quem aqui não conhece os maus exemplos disso? É a hierarquia baseada no poder e na coação. É o tipo de hierarquia que muitas pessoas, com razão, repugnam.

Por outro lado, observamos uma hierarquia natural baseada na competência. Comandar um navio, cozinhar em um restaurante ou construir um prédio geralmente funciona melhor quando uma única pessoa está no comando. Alguém com conhecimento da matéria, com experiência, que compreenda o que está acontecendo e o que é necessário em todos os níveis e que saiba conciliar as diferentes perspectivas e interesses. Por isso, diante de problemas ou desafios sociais, preferimos ouvir alguém que tenha visão, alguém capaz de inspirar para que cheguemos juntos a uma solução. Portanto, existem visões e interpretações contraditórias do conceito de hierarquia, e isso se deve principalmente ao fato de que, muitas vezes, ainda temos, inconscientemente, perspectivas contraditórias dentro de nós mesmos. Podemos nos ver como um indivíduo isolado, com uma vida única, que por acaso nasceu em uma determinada época e lugar, sob certas circunstâncias, e que precisa sobreviver na luta contra os outros; ou, de forma um pouco mais positiva: que deve tirar o melhor proveito do pouco tempo que nos é concedido na vida. Essa visão nos limita à nossa personalidade exterior, aqui e agora. Se olharmos para o mundo exterior de hoje, parece que muitas pessoas encaram a vida dessa maneira. Mas essa visão, na melhor das hipóteses, é apenas parcialmente verdadeira. Não é falsa, mas é limitada.

Pois, na prática, dependemos dos outros. Além disso, todos sabem que nossas ações influenciam os outros e todos consideramos justo que o comportamento correto seja recompensado e o contrário, punido. E se, como indicado anteriormente, olharmos mais profundamente para dentro de nós mesmos, perceberemos que todos temos um senso de justiça, um senso de conexão e uma consciência. Em determinado momento, você pode perceber que há mais na vida, muito mais. Que existem visões mais amplas, muito mais amplas do que aquilo que podemos perceber no plano material. A Teosofia oferece essa visão de mundo mais ampla, com a qual podemos encarar de maneira diferente os conceitos de compaixão e hierarquia.

Fundamentos teosóficos

A Teosofia oferece uma visão de mundo totalmente diferente da convencional. Ela não parte de uma realidade limitada ao que podemos perceber com nossos sentidos, nem de uma vida única, seguida de nada absoluto ou de uma vida eterna e estática no céu ou no inferno.

A Teosofia parte, para começar, do princípio mais abrangente, a saber, o princípio da infinitude. Podemos reconhecer esse princípio da infinitude como um simples fato. Não há, por exemplo, fim para a realidade. Com tudo o que podemos medir e conhecer até hoje, nosso horizonte se amplia cada vez mais. Sempre surgem novas perspectivas possíveis. Cada pessoa tem sua própria perspectiva e, esperamos, todos nós temos a experiência de que podemos ampliar nossa perspectiva.

Além disso, a infinitude ou a ausência de limites como ponto de partida leva à conclusão de que existe uma conexão indissolúvel. Tudo está enraizado no mesmo princípio sem limites, pois, caso contrário, não seria sem limites. Tudo tem, por assim dizer, o mesmo pai. A fraternidade universal é, portanto, um fato, não apenas um belo ideal a ser almejado. Somos, em essência, um só e sempre o seremos. A separatividade é uma ilusão. Assim como a finitude é uma ilusão.

Mas como isso funciona, então? A vida humana não é finita? Tudo não é temporário, transitório, fugaz? Afinal, não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, não é?

Sim, isso é verdade quando se olha para o mundo exterior, perceptível pelos sentidos. Mas a ilimitabilidade significa justamente que tudo o que vemos, todas as manifestações, são como sombras, ondas, fenômenos temporários, assim como as lembranças, passageiras. Elas provêm de uma força subjacente. E essa força subjacente é um raio daquele infinito. Também chamamos isso de mônada. Cada ser é, em essência, uma mônada: uma ‘centelha da eternidade’ ou raio de consciência proveniente do infinito. E muito importante: esse raio ou centelha se manifesta ciclicamente. E essa forma externa é a única coisa que percebemos. Confundimos as ondas do oceano infinito com indivíduos isolados que aparentemente surgem e desaparecem. Há períodos alternados de atividade e repouso para cada consciência, cada mônada que se manifesta. A vida humana, portanto, nada mais é do que um fenômeno cíclico. O que chamamos de morte nada mais é do que um período de repouso, no qual o raio da mônada se retira temporariamente para, após esse período de repouso, encarnar novamente e prosseguir em sua evolução ou desenvolvimento. Por fim, uma ideia central essencial da Teosofia é que

tudo ser evolui ou cresce, guiado por si mesmo, mas sempre em conexão kármica com outros seres. Nenhum ser, nenhum ciclo existe isoladamente. Assim como cada onda é composta por inúmeras gotas, cada encarnação é também uma colaboração com inúmeros elementos vivos ou ‘mônadas-filhos’ em uma estrutura hierárquica. Cada veículo, por sua vez, é composto por seres vivos que nele passam por sua evolução, seja uma estrela, um planeta, um corpo humano, uma célula ou um átomo. Assim acima, assim abaixo.

Portanto, há sempre vida dentro da vida. A hierarquia e a estrutura hierárquica são, assim, também um fato na natureza. Partindo desses princípios, vamos examinar qual é o significado da hierarquia.

Hierarquia: vida dentro da vida

A Teosofia esboça uma visão de vida baseada na unidade, na responsabilidade própria e no crescimento cíclico infinito. O que significa hierarquia a partir desses princípios? Para começar: a palavra hierarquia deriva do grego clássico *hieros*, que significa ‘sagrado, repleto do divino’, e *arkhè*, que significa ‘ponto de partida; liderança’, uma derivação de *arkhein*, ‘liderar, ser o primeiro’. Uma hierarquia é, portanto, algo que é liderado por um hierarca, o primeiro, o líder, o ponto de partida, que é sagrado, imbuído do divino, e que, com isso, inspira toda a hierarquia.

De acordo com a Teosofia, toda vida, todo micro ou macrocosmo, possui um hierarca. Possui um ponto de partida relativo, tanto um ápice quanto uma semente, uma consciência orientadora com um determinado campo de influência. Toda forma de vida é estruturada hierarquicamente a partir desse hierarca. Cada forma de vida, por sua vez, é composta por inúmeros graus de vida, que formam camadas ou esferas de consciência que se interpenetram.

Há vida dentro da vida, há hierarquias dentro de hierarquias e há ciclos dentro de ciclos. Assim como conduzimos nossa vida neste planeta vivo, que faz parte do Sistema Solar vivo, que por sua vez faz parte de uma galáxia viva, e assim por diante, também nós, como indivíduos humanos, oferecemos um campo de influência no qual inúmeras ‘mônadas-filhos’ se encarnam e passam por seus muitos ciclos. Nós, como seres humanos, somos os hierarcas dos seres que compõem nosso corpo: de nossas células, moléculas e átomos, por trás dos quais também atua a consciência e que designamos como ‘átomos de vida’. Esses seres passam por seu crescimento dentro do nosso campo de influência, nossa esfera de influência. Daí também a afirmação: o ser humano é ‘um microcosmo dentro do macrocosmo’.

Hierarquia: vida dentro da vida

Formada a partir dos termos do grego clássico *hierós*, 'sagrado' e *arkhè*, 'ponto de partida; liderança'

Toda vida tem um hierarca com um determinado campo de influência

Toda vida tem uma estrutura hierárquica

Há vida dentro da vida, ciclos dentro de ciclos

O ser humano, 'um microcosmo dentro do macrocosmo'



Pitágoras apresentou essa explicação da hierarquia por meio de um símbolo, de uma imagem: a Tetraktys.

Ela consiste em dez pontos dispostos em um triângulo equilátero. É possível ver claramente o hierarca, o vértice, o topo, que constitui o campo de influência para cada um dos pontos, os quais, por sua vez, representam seres, 'mônadas-filhos' que, *por sua vez*, passam por sua própria evolução dentro desse campo de influência. Mas cada uma dessas mônadas-filhos é, por sua vez, uma mônada-pai para os seres dentro *de sua* esfera de influência. Como toda cosmologia, a Tetraktys também começa com um Um ou o Único, que, por sua vez, tem sua origem no ilimitado ou no místico ZERO. Como diz o grande sábio chinês Lao-Tze: do Tao surge o Um, do Um surge o Dois, do Dois surge o Três, e do Três surgem as dez mil coisas.⁽¹⁾

E isso, na verdade, se aplica até o infinito. Pois é possível prolongar essa Tetraktys atribuindo a cada um dos pontos na parte inferior, por sua vez, dois pontos abaixo deles, e assim por diante. E também é possível imaginar que o próprio vértice, na verdade, seja mais um ponto inferior de uma hierarquia acima dele. Um símbolo muito poderoso, sobre o qual se pode estudar e meditar por muitas vidas.

Hierarquia da Compaixão

Voltemos por um momento a esse campo de influência. Ora, nas hierarquias *dirigentes* da Natureza, o campo de influência é a compaixão. O hierarca dessa hierarquia é um ser que, movido pela compaixão, interrompe seu próprio progresso para inspirar tudo o que vem depois dele, dentro daquela hierarquia na qual ele próprio já aprendeu tudo o que havia para aprender. Chamamos a esse hierarca também de 'Vigilante Silencioso'. Um Vigilante Silencioso é um ser que, após ter se tornado praticamente onisciente por meio da evolução dentro de uma determinada hierarquia, mas apesar disso, não prossegue com sua evolução, que o levaria a regiões ainda mais ele-

vadas. Em vez disso, ele permanece à espera para ajudar os inúmeros seres menos avançados que vêm atrás dele. Ele permanece para cumprir a tarefa que ele mesmo assumiu: esperando, vigiando, ajudando e inspirando, e faz isso, do nosso ponto de vista humano, no silêncio mais profundo da compaixão espiritual. Daí o termo 'Vigilante Silencioso'. A compaixão é, portanto, esse campo de influência orientador. Como podemos definir essa compaixão? Vou dar a palavra a dois importantes mensageiros dessa Hierarquia da Compaixão:

O que é compaixão?

A Sra. Blavatsky escreve sobre isso em seu livrinho místico *A Voz do Silêncio*, entre outras coisas, o seguinte:

A compaixão não é uma qualidade. É a LEI das LEIS – a Harmonia eterna (...); a essência universal, (...) a lei do amor eterno.⁽²⁾

Vale a pena analisar bem essa afirmação. Em primeiro lugar: não se trata de uma 'característica'. Ou seja, não é algo que se tem ou não se tem. Em outras palavras, é algo universal. Algo que, portanto, não é reservado apenas a algumas pessoas, mas um estado de consciência que cada um pode encontrar em si mesmo. Embora em graus diferentes, mas voltaremos a isso mais adiante.

É 'a LEI das LEIS': com isso, é, na verdade, a coisa mais normal que existe. É o padrão de comportamento subjacente de toda a Natureza, pois as leis da natureza são padrões de comportamento dos seres que, em conjunto, compõem a Natureza, desde os mais desenvolvidos até os menos desenvolvidos. E, como já descrevemos, toda hierarquia tem um Vigilante Silencioso, que lidera a partir da compaixão. O fato de precisarmos nomear e distinguir explicitamente a compaixão como lei, na verdade, diz mais sobre nosso estado atual, nossa mentalidade que muitas vezes está tão distante disso. Alguém que é verdadeiramente compassivo, portanto, também não esperará nenhum reconhecimento especial por isso, pois age de acordo com a Natureza. O que outros talvez vejam como um sacrifício, para essa pessoa é algo natural.

A 'harmonia eterna' faz sentido quando se parte da unidade. Pois, nesse caso, cada ação tem efeito sobre o todo, por mais mínimo que seja, e esse todo, mais cedo ou mais tarde, reagirá a esse impulso. Se você jogar uma pedra no lago, verá ondas se formando, que recuam pela margem e voltam até o ponto onde a pedra atingiu a água. Agir em

consonância com essa lei do karma ou lei da restauração da harmonia significa, portanto, agir de tal forma que não seja necessária a restauração da harmonia. Colaborar com a Natureza.

‘Essência universal’: em essência, estamos sempre conectados ao todo. Nossa essência universal mais profunda é esse todo, assim como cada faísca contém a essência do fogo, cada gota a essência do oceano ou cada raio a essência do sol. Quanto mais nos conectarmos com essa essência, mais nos tornaremos, por nossa vez, uma fonte de amor e compaixão eternos. Mas trata-se de um amor diferente daquele que costumamos entender por esse termo, como o que aparece nos o típico filme de Natal. É disso que trata a seguinte citação, do quarto Líder da Sociedade Teosófica: Gottfried de Purucker.

A compaixão é o âmago, o coração da Natureza, pois a compaixão é uma forma de amor, e o amor é harmonia, e a harmonia é lei, e a lei é o coração do Universo.⁽³⁾

É o amor cósmico, também chamado de ‘o cimento do Universo’ pelo mesmo autor.

E, como ele também afirma em outro trecho:

O amor impessoal é o esquecimento de si mesmo, e o amor pessoal é a auto-exaltação.⁽⁴⁾

Algo para se refletir. O que, aliás, não significa que o amor pessoal seja errado. Mas ele é limitado. E esse amor pode se expandir para um amor mais impessoal, como também se vê acontecer em um bom relacionamento ou na relação entre pais e filhos. O bom pai ou mãe não pensa nem age apenas com base no interesse do próprio filho, mas no interesse geral, a fim de proporcionar a ele o melhor lugar nesse contexto. Por isso, dá menos ênfase ao desempenho individual da criança, mas também observa como ela se comporta dentro de um todo maior. Que responsabilidade a criança assume na sala de aula, por exemplo? Assim como um bom professor distribui sua atenção por todos os alunos.

A compaixão também pode ser descrita da seguinte forma: pensar e agir a partir de *um senso de unidade*, a partir do amor universal e impessoal, da sabedoria e do conhecimento das Leis da Natureza.

O fato de se tratar de pensar e agir significa que, do ponto de vista humano, trata-se de uma escolha consciente. Uma escolha por um determinado motivo: você faz algo por si mesmo ou pelo todo, sem pensar em si mesmo? É um

motivo que depende do nosso grau de identificação com o todo maior, a unidade à qual, na verdade, estamos indissociavelmente ligados.

E esse grau de identificação, essa capacidade de partir, em nosso pensamento e ação, de uma unidade maior, pode crescer com base na compreensão dessa unidade. Assim, vemos que alguns agem, por exemplo, em função do interesse de seu próprio país, enquanto outros agem mais em função do interesse deste mundo. Veja, por exemplo, as discussões sobre o clima. Mas também há pessoas que não raciocinam apenas a partir do interesse humano, mas a partir de todos os seres vivos. E assim é possível partir não apenas de uma Natureza exterior e visível, mas também da vida espiritual que se esconde por trás dessa realidade visível.

Por que nem sempre vemos compaixão?

Mas se a compaixão é a Lei das leis, por que não vemos compaixão o tempo todo? Pois, quando olhamos ao nosso redor no mundo atual, infelizmente ainda vemos muita insatisfação, discórdia, injustiça, ódio e violência. Será que a harmonia é realmente o coração do universo e o amor o cimento do cosmos? Isso é apenas um sonho? Ou há muito mais por trás disso?

Para compreender a resposta na sequência, é necessário olhar não tanto com os olhos externos, mas com o olho interior. Partir do contexto espiritual de toda a vida, a partir da consciência de que você é um com tudo o que vive. E aí você já terá captado parte da resposta.

A Teosofia fala de uma infinidade de outros campos de consciência, de que tudo está vivo, de Buddhas, Vigilantes Silenciosos, da Hierarquia da Compaixão. Quando as pessoas ouvem isso pela primeira vez, logo pensam: você pode provar isso? Você pode me mostrar?

No entanto, isso é pensar de forma um pouco simplista, pois, como todos sabem, não é tão rápido assim passar, de um dia para o outro, a ter uma visão totalmente diferente da vida. Isso ocorre gradualmente. E por quê? Porque, na verdade, só enxergamos o que já está desenvolvido em nós mesmos, o que vive em nós, aquilo para o qual somos receptivos.

Experimente entrar aleatoriamente em uma sala de aula da universidade, onde um professor está dando aula. Você vai captar apenas as coisas sobre as quais tem algum conhecimento. Provavelmente, serão usadas muitas palavras cujo significado você nem conhece e, portanto, não consegue formar uma imagem mental delas. Percebemos o que já se encaixa em nossa visão, o que já desenvolvemos. Pense também na mulher grávida que, de repente, vê carrinhos de

bebê por toda parte. Ou quando você dirige um carro novo e, de repente, vê esse modelo circulando por toda parte. O mesmo vale para a nossa própria vida. Se você olhar apenas para o que seus sentidos externos percebem, apenas para esta vida e para o papel que desempenha nela, então, na verdade, você está vivendo a partir da realidade de uma página do que, em essência, é um livro infinitamente longo. No fundo, cada um de nós sempre esteve aqui, sempre estará aqui, e cada vida é apenas um ciclo entre incontáveis ciclos. Se partirmos apenas de uma única vida, é como se vivêssemos apenas a partir da realidade de um único dia. Como se tudo nesse dia fosse novo para nós, em vez de levarmos em conta a história de todos os dias anteriores, ao longo de uma vida inteira, desde o nascimento, passando pela infância até a maturidade, com todo o conhecimento e experiência que adquirimos ao longo desse percurso. No entanto, se você não quiser viver de um dia para o outro e estiver disposto a partir da parte imortal dentro de si, poderá também começar a se reconhecer em sua própria história evolutiva, no grande quadro que abrange todas essas vidas! Como podemos reconhecer e desenvolver essa parte dentro de nós? Para isso, vamos refletir sobre o que o ser humano é, em essência, segundo a Teosofia.

Hierarquia em nós mesmos

Analizamos, então, a partir da parte mais elevada de nossa composição, conforme ilustrado no esquema abaixo.



Já mencionamos anteriormente que o ser humano – sim, toda forma de vida – é, em essência, igual ao infinito. Somos uma centelha ou um raio disso. Chamamos isso anteriormente de mônada, a parte imortal dentro de nós. Mas, da forma como nos manifestamos agora, o ser humano que somos, somos, na verdade, o ser que está em constante aprendizado e desenvolvimento, que aprende a expressar cada vez mais essa mônada ilimitada. Essa parte central expressa nosso *caráter* único, a parte individual. E, naturalmente, precisamos de um veículo para nos movimentarmos, para aprendermos nossas lições neste mundo exterior. Essa é a nossa parte perecível, que, vida após vida, reconstruímos ciclicamente com todos os elementos vivos com os quais já colaboramos anteriormente. As pessoas, portanto, são, na verdade, também uma hierarquia, embora geralmente não tenham consciência disso. A complexidade do ser humano pode ser subdividida em ainda mais áreas de consciência do que nesta divisão tripartida grosseira.

Na Teosofia, também distinguimos uma divisão em sete partes (veja a imagem na página seguinte). Sete princípios que podem ser reconhecidos em cada ser humano, mas, na verdade, em toda forma de vida (como acima, assim abaixo), seja ela humana, vegetal, animal, um átomo ou uma estrela.

Cada ser expressa, à sua maneira e em seu próprio âmbito, mais ou menos desses princípios. O mais elevado deles, o *Ātman*, é o mais universal ou divino. O *Sthūla-Sarīra* é o aspecto físico e o mais transitório. Mas cada um desses princípios é indispensável. Como seres humanos, estamos agora desenvolvendo ou aprendendo a expressar o quinto princípio a partir de baixo: o *Manas*, ou capacidade de pensar. Daí também vem a origem da palavra 'humano'. Nós, seres humanos, somos seres conscientes do pensamento. Nossa parte que aprende se expressa por meio do pensamento, por meio dos pensamentos. E, ao fazer isso, entendemos o pensamento de forma muito mais ampla do que é habitual. Pois essa capacidade de pensar também pode ser dividida em sete partes. Sete aspectos do pensamento, que nós, como seres humanos, também conseguimos reconhecer bem.

Esses sete aspectos do pensamento também são importantes porque nos ajudam a compreender o princípio da hierarquia: não tanto como um sistema de poder, de chefes e superiores, mas como diferente es camadas de consciência, que variam do limitado ao muito amplo.

Conhecemos, por exemplo, os momentos em que nos identificamos com nosso corpo: quando sentimos fome,

Hierarquia em nós mesmos

- Reconhecer a hierarquia em nós mesmos por meio do pensamento (manas)

7 Princípios

Ātman

Buddhi

Manas

Kāma

Prāna

Linga-Śarīra

Sthūla-Śarīra

7 Aspectos a se pensar

Pensamento inspirador

Pensamento sábio

Pensamento intelectual

Pensamento de desejo

Pensamento de vitalidade

Pensamento sensorial

Pensamento físico

Expansivo

Limitante

frio ou dor. Ao mesmo tempo, qualquer pessoa admitirá que seria uma vida muito limitada se nos deixássemos guiar apenas pelo corpo. Viver apenas para sobreviver, para comer, seria algo que chamaríamos mais de animal do que de humano.

Da mesma forma, não consideramos saudável alguém que se identifica apenas com seus sentimentos. Isso torna a pessoa instável. O sentimento tem seu lugar e sua função, mas não deve ser o que nos guia. O mesmo vale para a vitalidade: a energia de agir. Se você se deixar dominar totalmente por ela, nunca conseguir ficar parado, ficar o tempo todo correndo de um lado para outro como uma galinha sem cabeça, também consideramos isso um distúrbio. E o mesmo vale para o desejo. Alguém que é dominado por um ou mais desejos é chamado de viciado. Mas também o domínio do intelecto não é muito harmonioso; basta pensar no cientista frio que faz de tudo por suas experiências, mesmo que isso cause, por exemplo, sofrimento aos animais de laboratório. Para isso, também é necessária compreensão ou discernimento alimentados por um senso de unidade.

Em resumo, já dá para perceber que, em um ser humano normal, todos os aspectos devem ter seu lugar. Isso fica imediatamente claro na aplicação dos aspectos superiores. Pois a verdadeira compreensão do pensamento sábio que mostra a inter-relação das coisas, não é possível sem incluir também os outros aspectos nessa compreensão. Se você quer entender como algo funciona, também observa o lado físico disso, se coloca no lugar do outro por meio do sentimento, experimenta coisas e faz algo com elas, busca algo (ou seja, a compreensão) e usa o intelecto para raciocinar se algo é lógico ou correto. Quanto mais elevados forem os aspectos, mais isso exige, portanto, o domínio dos aspectos inferiores.

do baixo, o que também requer domínio. Todos os aspectos têm seu lugar, mas o que é mais determinante em seu pensamento? É o que é mais expansivo ou, ao contrário, algo que é limitante?

Aqui também se trata daquilo com que você se identifica, podendo-se ver a experiência de unidade do pensamento inspirador como o que há de mais amplo e expansivo, e o físico como o mais limitado e limitante. E assim, com base nessa lista, já é possível perceber que tipo de distinção pode existir no desenvolvimento da consciência.

Isso, obviamente, está sujeito a mudanças e crescimento e varia para a pessoa comum. Mas a compreensão da distinção entre esses aspectos nos dá orientação. Os aspectos superiores do pensamento também podem ser reconhecidos em pessoas que consideramos exemplos, pessoas que, em média, estão mais avançadas. Pense nos Mestres Mundiais: Krishna, Buddha, Jesus, Lao-Tse, Platão. Se você avaliar suas ideias à luz dos sete aspectos do pensamento, verá que os aspectos superiores estão muito mais presentes do que no ser humano comum: eles enfatizam a unidade de toda a vida e falam da unidade com o universal ou o divino em si mesmos. Eles demonstram compreensão e discernimento sobre os mecanismos da Natureza, nos apresentam ideais e divulgam uma sabedoria que ainda hoje é válida.

Se você deseja compreender a Teosofia, isso exige que olhe-mos mais com nosso olho interior, a partir da parte do nosso pensamento que amplia a percepção. Portanto, não se trata tanto de olhar para este mundo exterior, mas de partir do contexto espiritual de toda a vida, a partir da consciência de que somos um com tudo o que vive. Não apenas observar o que você pode perceber sensorialmente no aqui e agora, mas ver, contemplar a partir daquela parte em você

Portanto, também não é possível alcançar de forma realmente duradoura o senso de unidade vindo do pensamento inspirador, sem o domínio dos outros aspectos. E, neste momento de nossa evolução, a experiência de unidade é, portanto, também muito rara. Uma das definições de compaixão é a harmonia eterna. A harmonia também pode ser descrita como a união do alto e

que sempre esteve e sempre estará presente. Por exemplo, quando olhamos para a vida na Terra sob a perspectiva do desenvolvimento da consciência e distinguimos entre os diferentes reinos da natureza.

Os Reinos da Natureza da Terra

O que são esses reinos? Assim como qualquer área, este planeta também possui uma hierarquia. Ela tem um ápice, um Vigilante Silencioso. Esse Vigilante Silencioso se identifica plenamente com toda a hierarquia. Neste caso, portanto, com todos os seres que pertencem a esse planeta vivo que é a Terra.

E agora também podemos explicar por que chamamos esse ser de 'silencioso', por que, a partir de nossa capacidade de percepção limitada atual, ele é silencioso e invisível. Na verdade, só conseguimos nos imaginar isso quando despertamos algo disso dentro de nós mesmos. Em comparação com isso: se uma criança vê seu avô lendo um livro, ou o vê absorto em pensamentos, ela diria que o avô está em silêncio, não está fazendo nada, pois está imóvel. Enquanto, na verdade, o avô, em seus pensamentos naquele momento, está repleto de atividade.

Assim, o Vigilante Silencioso, o ápice da Hierarquia, para quase todos os seres menos desenvolvidos do que ele, é silencioso, imóvel, como se não estivesse fazendo nada. Abaixo do Vigilante Silencioso, existem três reinos distintos com seres também chamados de 'deuses', 'Dhyāni-Chohans' ou 'Buddhas': denominações diferentes para reinos que, em termos de alcance da consciência, se elevam acima do humano. Aliás, Dhyani-Chohan significa 'Senhor da Contemplação', o que, assim como o nome 'Vigilante Silencio-

so', também diz muito sobre como vemos esses seres. Para nós, eles parecem estar mergulhados em uma contemplação contínua.

Depois, temos o reino humano. E, abaixo dele, o reino animal, o reino vegetal, o reino mineral e também três reinos elementais. Pois não apenas acima, mas também abaixo do nosso nível de consciência, existem inúmeras formas de consciência que se manifestam em classes invisíveis para nós. Podemos reconhecer a ação dos seres elementais, com apenas uma consciência elemental limitada, em fenômenos naturais como a luz, a eletricidade ou os fenômenos climáticos que reagem diretamente às influências de seres dos reinos superiores da natureza. Assim surge a imagem de toda uma Escada da Vida, na qual cada mônada pode ascender até o nível do Vigilante Silencioso!

Atualmente, nós, como seres humanos, estamos em um ponto de inflexão interessante, mesmo quando se considera a compaixão, a Lei das leis. Os campos de consciência que, hierarquicamente, estão acima de nós, são expressões vivas e autoconscientes da compaixão. Nós, seres humanos, temos, por meio do nosso pensamento, a capacidade de orientar nossas ações de forma autoconsciente e podemos aprender a colaborar com a Natureza de maneira autoconsciente. No entanto, como ainda não reconhecemos suficientemente essas Leis da Natureza, nem nos identificamos suficientemente com elas, às vezes acabamos indo contra elas, consciente ou inconscientemente. Com isso, atraímos sobre nós muita desarmonia kármica, que teremos de restaurar, agora ou em ciclos futuros. Mas o sentido da vida é aprender a colaborar conscientemente com a Natureza, traduzindo a inspiração dos planos superiores para o plano mental.

Os Reinos da Natureza da Terra

(Relativa) Topo da Hierarquia - Vigilante Silencioso

(Para nós) expressão autoconsciente e viva da compaixão

3 reinos dos 'deuses' / Dhyāni-Chohans / Buddhas

Reino humano

'Único ator livre'

Aprendendo a colaborar de forma autoconsciente para traduzir a inspiração no âmbito mental

Reino Animal

Reino Vegetal

Reino Mineral

3 Reinos Elementais

Sem autoconsciência, seguimos inconscientemente os padrões dos reinos superiores

Os seres da natureza abaixo de nós ainda estão em processo de alcançar a autoconsciência. Eles ainda não estão preparados para desenvolver a capacidade de raciocínio, são inconscientes e seguem inconscientemente os padrões dos reinos superiores, entre os quais nós incluímos. Isso mostra imediatamente a responsabilidade que temos, como seres humanos, de não impedir, mas sim estimular a evolução dessas formas de vida menos avançadas.

Nossa fase no ciclo evolutivo humano

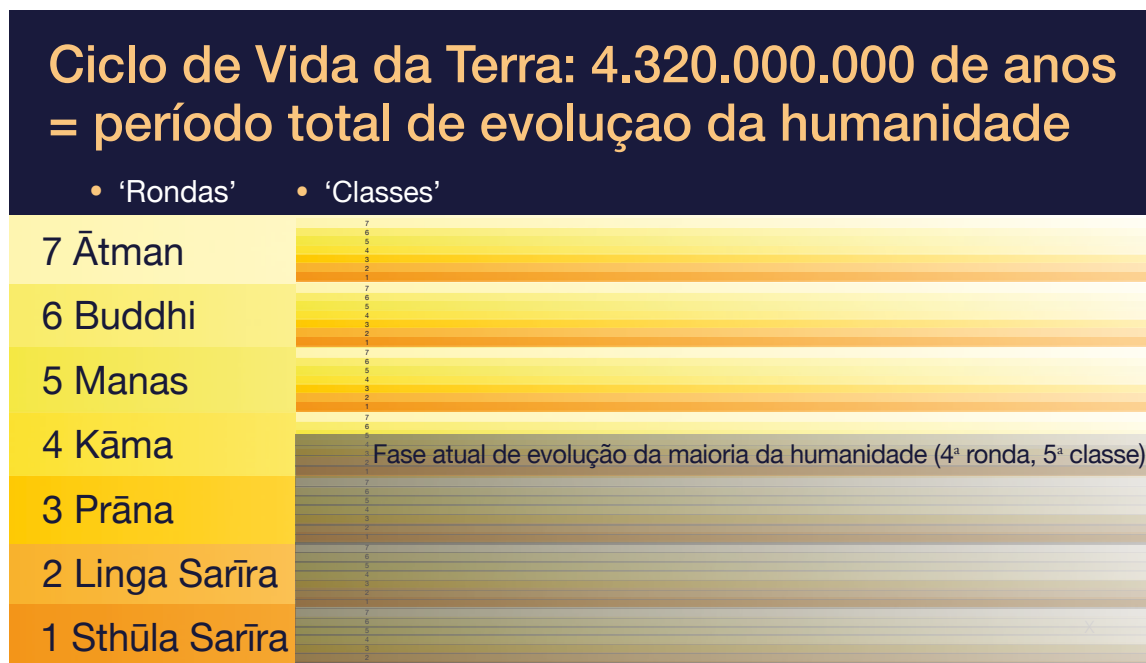
Como seres humanos, em comparação com os outros reinos da natureza, estamos, portanto, em um estágio especial no que diz respeito ao desenvolvimento de nossa capacidade de raciocínio e à conquista da autoconsciência. Isso também se aplica quando analisamos a fase atual de nossa evolução humana. Se você observar novamente esses sete aspectos do pensamento, verá que eles também correspondem a fases de nossa evolução. Lembre-se de que cada ser, inclusive nós, seres humanos, é, em essência, uma mônada, uma centelha divina, que é ilimitada e imortal e que passa por inúmeros ciclos pelo Cosmos. Essa mônada aprende, como núcleo de consciência, a atuar em cada nível de consciência, por meio da encarnação nos diversos reinos da Natureza que pertencem a uma

determinada hierarquia, como um planeta vivo.

Como mônada, percorremos, em princípio, um desses reinos da Natureza durante a manifestação ou o ciclo de vida de um planeta. E a manifestação da Terra leva um período de 4 bilhões e 320 milhões de anos. Nesse tempo, percorremos o reino humano em diferentes fases ou ciclos.

Existem, dentro disso, sete grandes fases evolutivas chamadas de Rondas. E cada uma dessas fases evolutivas corresponde, por sua vez, a um dos sete aspectos. Mas cada uma dessas sete Rondas também pode ser subdividida em sete fases, que podemos chamar de diferentes 'classes'. Assim, temos a imagem de quarenta e nove dessas classes. Cada uma dessas classes ainda dura milhões de anos e, nelas, passamos por milhares de ciclos de encarnações.

O ser humano médio encontra-se atualmente no quarto Ciclo e na quinta classe deste. Em outras palavras, estamos em uma fase intelectual do pensamento do desejo, ou *Kāma-Manas*. Como seres humanos médios, estamos, neste momento, ainda empenhados em, sobretudo, controlar o pensamento do desejo. É possível observar, portanto, que o desejo frequentemente assume a liderança e que o intelecto é utilizado para esse fim. Veja só quantas pessoas inteligentes se deixam seduzir pela ideia de ganhar dinheiro em grandes empresas sem contribuir substancialmente



No reino humano, a mônada desenvolve, a partir de si mesma, a capacidade de pensar, ou Manas. O esquema acima mostra as sete grandes fases da evolução humana, de baixo para cima (os 'Ciclos'), cada uma delas subdividida em 7 subfases ('classes'). As sete fases correspondem aos sete princípios de nossa capacidade de pensar, cujas denominações em sânscrito são mencionadas à esquerda. A parte destacada em cinza indica em que ponto da evolução o ser humano médio se encontra atualmente. A maioria das pessoas está agora na quarta Ronda, na qual se desenvolve o Kāma, ou a força do desejo, de nosso pensamento, ou Manas. Além disso, estamos na quinta classe do quarto Ciclo. E nela é desenvolvido ou dominado, em particular, o aspecto intelectual, ou Manas de Kāma.

para a sociedade como um todo. Percebe-se que, no que diz respeito ao nosso desenvolvimento atual, ainda há muito a ser conquistado no campo do senso de unidade.

Do ponto de vista kármico, ainda temos muito a processar e a aprender. Tudo o que decorre de ações pessoais, limitadas e egoístas, precisamos, de fato, restaurar, à luz da harmonia do todo, à luz da lei do Karma, a lei de causa e efeito ou de restauração da harmonia.

Essa lei descreve como a característica de uma consequência é igual à característica da ação causadora e, portanto, a consequência, de certa forma, já está contida na ação. Se nosso motivo não for puro ou altruísta, teremos que corrigi-lo à luz da unidade, nesta vida ou na próxima. Se observarmos quantas ações ainda são motivadas pelo interesse próprio, é lógico que ainda tenhamos algumas encarnações pela frente. Com essa breve explicação sobre nosso estágio de evolução como seres humanos em processo de aprendizagem, podemos agora responder melhor à pergunta sobre por que nem sempre percebemos a compaixão.

Nós nos cegamos para a compaixão

Pois, voltando à pergunta: por que vemos tão pouca compaixão, se ela é a essência do universo, a Lei das leis? Repetimos: em primeiro lugar, porque vemos apenas o que desenvolvemos em nós mesmos. E, em segundo lugar, podemos acrescentar agora que nós, seres humanos, ainda somos pensadores limitados. Ainda não pensamos de forma tão consciente nem tão ampla. O ser humano comum é bastante ignorante sobre as Leis da Natureza e, portanto, age muitas vezes por ignorância.

Olhamos principalmente com nossos olhos externos e a curto prazo, a partir de uma vida aqui na Terra. Ainda precisamos aprender a enxergar com uma visão mais interior, a partir da eternidade, da ciclicidade e do karma. Se você não partir dessa lei, talvez reaja emocionalmente a muitas coisas que aparentemente acontecem por acaso, ou ficará passivo diante delas e não refletirá mais a respeito. Talvez você se questione com menos rapidez quando alguém reagir de determinada maneira a você.

Se, por outro lado, você partir dessa lei, poderá procurar padrões. Passará a partir do princípio de que há uma conexão em tudo o que vive, sabendo que nada lhe acontece que você mesmo não tenha causado em algum momento. Que as circunstâncias e as reações dos outros, de alguma forma, fazem parte de você, que você mesmo as atraiu. Você passará então a investigar quais características estão na base de determinados acontecimentos e também a partir de quais características você reage ou gostaria de reagir. Se você

partir da unidade da vida, verá que passa a abordar o próximo de maneira diferente. Se você estiver ativamente refletindo sobre certos ideais, como a fraternidade, também tenderá a enxergar oportunidades para concretizá-los. Você percebe o que já desenvolveu em si mesmo e o que ainda pode desenvolver. As ideias universais vão, lenta mas seguramente, ganhando vida em você, e você passa a concretizá-las cada vez mais.

Em segundo lugar, já explicamos que nós, como seres humanos, com nosso pensamento relativamente livre, também podemos agir de forma relativamente livre, inclusive contra a Natureza, por ignorância das Leis da Natureza. Isso, naturalmente, leva à desarmonia, como, por exemplo, as catástrofes climáticas que vivemos atualmente por nossa própria culpa. A causa dessa desarmonia está, portanto, em nossas próprias ações, baseadas no livre arbítrio e em nosso próprio pensamento. Isso porque estamos tão focados em nossos desejos – e, na maioria das vezes, em desejos egoístas e inferiores: enriquecer, viver no luxo, o interesse próprio, etc. É isso que nos cega para a compaixão. Mas já poderíamos ter superado esse estágio. Pois, apesar de nosso foco limitado na evolução do pensamento, há a inspiração contínua proveniente da Hierarquia da Compaixão, da qual podemos nos valer. E vemos, assim como em qualquer grupo, que alguns fazem uso dela e se tornaram pioneiros à frente do pelotão médio.

Pioneiros

Assim, há pessoas que já estão um Ciclo inteiro à nossa frente – ou seja, milhões de anos de evolução. Elas desenvolveram e dominaram praticamente todos os sub-aspectos do pensamento. Elas vivem de forma duradoura na parte perspicaz, ou *buddhico-manásica*, de seu pensamento. Com isso, são também muito mais capazes do que o ser humano comum de direcionar a consciência para áreas mais internas, a fim de adquirir conhecimento e experiência nessas esferas.

Isso inclui as áreas pelas quais passamos durante o ciclo de vida e morte, e nas quais o ser humano comum ainda é totalmente inconsciente (mais sobre isso no artigo sobre Escolas de Mistérios nesta edição). Entre os diversos graus desses precursores humanos, há também um Buddha humano em atividade: um ser humano que desenvolveu de forma duradoura, em parte, o aspecto *buddhi* do pensamento. Trata-se dum ser humano da Sexta Ronda, e é, na verdade, um mistério como tal ser já possa estar presente neste quarto ciclo. Atualmente, ele é também quem lidera a Loja da Sabedoria e da Compaixão.

A Loja da Sabedoria e da Compaixão

Essa Loja da Sabedoria e da Compaixão é o ‘departamento’ humano da Hierarquia da Compaixão na Terra. Ela é composta por aqueles seres humanos pioneiros que escolhem conscientemente trabalhar a partir da compaixão em prol da compaixão. São esses pioneiros que se uniram em uma colaboração. Esses seres humanos, que sintonizam seu pensamento com a unidade da vida e dominam plenamente a parte limitada de si mesmas, são chamadas, entre outros nomes, de Professores, Instrutores, Mestres ou Mahâtmas.

Segundo Gottfried de Purucker: ‘A Grande Fraternidade dos Mestres ou Mahâtmas não é uma instituição surgida por acaso, e sabemos muito pouco sobre o amor ilimitado, o impulso divino para a compaixão, que rege as Almas daqueles que formam essa Hierarquia da Luz. Eles decidiram pela Grande Renúncia’⁽⁵⁾

Em resumo, ninguém ocupa ali um lugar por acaso, como um elo na corrente da sabedoria:

1. O Vigilante Silencioso da Terra / o Mahâ-Chohan
2. Professores / Mestres / Mahâtmas
3. Discípulos / Chelas
4. Aspirantes / Chelas leigos
5. Pessoas boas e altruístas

Vamos explicar essa lista de baixo para cima.

Felizmente, vemos neste mundo inúmeros exemplos de pessoas boas e altruístas que se empenham em melhorar o mundo. Elas trabalham por um ideal; protegem, ajudam ou ensinam os outros e não se deixam deter por nada nem por ninguém. Por mais que o mundo se oponha, elas sempre encontram novamente a força para seguir em frente e não desistem. Essas pessoas estão por toda parte e são uma inspiração para quem as rodeia. Todo ser humano que age com compaixão, movido por um motivo altruísta, pode, consciente ou inconscientemente, ser um elo na obra da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Se assim o fizerem por um período mais longo ou com maior frequência e se se comprometerem voluntariamente com o ideal da fraternidade universal, chamamos a essas pessoas de aprendizes em período de prova ou chelas leigos.

Mas alguém só se torna realmente um discípulo admitido ou *chela* quando faz um voto de colocar sua vida a serviço da humanidade. É alguém que provou repetidamente ser capaz de servir de forma duradoura. Ele então, em algum momento, também encontrará seu Mestre. E seu Mestre poderá treiná-lo para passar por certas provas. Provas para superar as partes inferiores em si mesmo e tornar-se cada vez mais uma expressão viva da compaixão.

Os Professores, Mestres ou Mahâtmas já passaram por essas provas. Eles estão familiarizados com os reinos internos e, por isso, são também os iniciadores e reveladores capazes de iniciar os *chelas* (veja também o artigo sobre Escolas de Mistérios). De certa forma, eles permitem que seus alunos passem por uma evolução acelerada para que também se tornem Mestres, de modo que, por sua vez, possam desempenhar uma função na Loja da Sabedoria e da Compaixão para proteger, curar e inspirar a humanidade.

No topo da Loja da Sabedoria e da Compaixão está o Vigilante Silencioso da humanidade, que também é o Vigilante Silencioso do planeta Terra⁽⁶⁾ e também é conhecido como o *Mahâ Chohan*, o chefe dos Mestres, o iniciador dos Mestres. Um ser que, para nós, é a expressão da compaixão pura. Ele é o ser humano mais sábio da Terra. Assim como esses exemplos humanos se identificam claramente com algo muito mais amplo do que eles mesmos, com a humanidade ou com o mundo como um todo, é possível imaginar que existam campos de consciência ainda mais amplos. Seres que, portanto, já evoluíram além da consciência humana e que se identificam com a vida que se estende até o Cósmico.

A Hierarquia da Compaixão

Assim, para cada hierarquia ou ciclo, há um Vigilante Silencioso. Há um Vigilante Silencioso Cósmico para o nosso Sistema Solar. Há um Vigilante Silencioso para cada planeta. Há um Vigilante Silencioso para cada Reino da Natureza nesse planeta. E há um Vigilante Silencioso para cada fase evolutiva de cada Reino da Natureza.

Pense também nas sete grandes fases evolutivas de centenas de milhões de anos, que, por sua vez, também consistem em sete subfases de dezenas de milhões de anos. Cada uma dessas fases é guiada – tanto iniciada quanto conduzida até o fim – por um Vigilante Silencioso.

A inspiração proveniente da Hierarquia da Compaixão está sempre presente, e a sabedoria também está, em potencial, em cada um de nós. Mas precisamos torná-la ativa em nós mesmos, tanto individualmente quanto coletivamente. E isso é uma questão de desenvolvimento, de aprendizado.

Todos os Vigilantes Silenciosos trabalham em conjunto na Hierarquia da Compaixão. Eles podem ser vistos como transformadores da compaixão cósmica, que atua por meio de cada elo e, assim, inspira cada área da vida durante cada ciclo de vida.

Como diz Gottfried de Purucker: ‘A vida é uma escola, as pessoas são alunos nessa escola e, nessa escola, há professores.’ E ele acrescenta: ‘Nessas poucas palavras, vocês têm a chave para toda a situação e a política da Grande Loja.’⁽⁷⁾

A vida é uma escola de consciência, que se estende até o infinito! Tão natural quanto educarmos nossos próprios filhos, e tão natural quanto sentirmos a responsabilidade de ensinar as crianças para que possam se inserir de forma autônoma na sociedade, tão natural é para seres de reinos de consciência mais amplos colocarem sua sabedoria e compaixão à disposição. A vida é uma escola e, para cada fase, para cada turma, há um professor que ministra suas aulas aos alunos.

E assim, sob a orientação do Vigilante Silencioso da Terra e da humanidade, há milhões de anos vêm sendo transmitidos impulsos de sabedoria que dão início a ciclos menores ou maiores. Isso ocorre no início dos grandes períodos de tempo, ou *Yugas*, que variam de mais de 4 milhões de anos até 500 mil anos antes do *Kali-Yuga* em que vivemos atualmente; no início do ciclo de precessão de cerca de 26.000 anos, no qual o eixo da Terra completa sua volta pelo zodíaco; e também no início de um ciclo messiânico, um duodécimo desse ciclo, de 2.160 anos, além de haver um impulso a cada último quarto de século.

A Hierarquia da Compaixão atua em todo o mundo e em todas as épocas. Assim, cada povo, cada país, tem seu próprio departamento e seu próprio Mestre. Isso não significa exatamente ‘de acordo com as fronteiras nacionais como as conhecemos hoje’. O que importa é: há liderança em todo o mundo e em todas as épocas. Não a partir do poder, mas a partir da compaixão. Não a partir da coação, mas a partir da inspiração. A vida é uma escola, as pessoas são alunos nessa escola e, nessa escola, há professores. Essa é a política. Na verdade, a inspiração está sempre presente, a mão estendida está lá, mas precisamos agarrá-la. E isso é, acima de tudo, uma questão de mentalidade. Estamos dispostos a viver de acordo com o que os representantes da Loja da Sabedoria e da Compaixão nos têm transmitido repetidamente? As regras são simples e todos nós as conhecemos. Ame. Perdoe. Seja honesto. Seja justo. Fale a verdade. Esqueça-se de si mesmo. Seja sábio. Seja compassivo. Se formos capazes de seguir isso, poderemos ser nós mesmos um elo na Hierarquia da Compaixão.

Como funciona a Loja da Sabedoria e da Compaixão?

Os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão reconhecem a Fraternidade Universal como um fato e vivem de acordo com ela. Por compaixão, eles escolheram dedicar suas vidas a tudo o que vive. Com isso, eles abrem mão de sua própria evolução. Mas, paradoxalmente, sua evolução acaba sendo acelerada por causa disso. Pois, a partir da

Hierarquia da Compaixão, os membros ajudam uns aos outros a desenvolver a sabedoria necessária para cumprir sua tarefa.

Portanto, eles também trabalham sempre em conjunto. Assim, diz-se dos *chelas*, os discípulos admitidos por um Mestre de Sabedoria e Compaixão, que eles primeiro ‘devem aprender a trabalhar juntos como os dedos de uma mesma mão’. Eles devem aprender a trabalhar como uma equipe coesa, como um todo.

E isso vale igualmente para os próprios Mestres. A fundação da Sociedade Teosófica surgiu inicialmente a partir de dois Mestres que indicaram seus alunos, H.P. Blavatsky e H.S. Olcott, como possíveis fundadores da Sociedade Teosófica e solicitaram permissão para isso ao seu chefe, o *Mahā Chohan*. Este concordou com a experiência com certa cautela, questionando se o mundo já estivesse pronto para isso.⁽⁸⁾

Vários Mestres estiveram envolvidos desde a fundação. E muitos *chelas* do mesmo Mestre também receberam a missão de apoiar Blavatsky. Muito foi deixado a critério dos próprios *chelas*. Isso se encaixa perfeitamente na visão do ensino esotérico da Loja, que ensina os alunos a se tornarem autônomos o mais rápido possível. Como escreve um Mestre: ‘soldados corajosos não precisam de ordens nem de incentivo constante’.⁽⁹⁾

Isso ocorre porque a Loja da Sabedoria e da Compaixão sempre atua de acordo com as Leis da Natureza. Os membros atuam em sintonia com a ciclicidade e o karma e são os chamados ‘Servidores da Lei’. Isso significa que eles nunca interferirão no karma alheio. Na verdade, isso só levaria a um karma mais complexo, adiando o restabelecimento da harmonia. Compare isso com duas pessoas que estão brigando. Não é possível resolver a situação por elas sem que elas mesmas tomem a iniciativa. No máximo, pode-se mediar, mas, em algum momento, elas terão que apertar a mão uma da outra de novo, com sinceridade.

Por isso, os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão também não coagem. Eles não impõem nada, mas inspiram. Não forçam os outros usando habilidades que essas pessoas ainda não possuem. Utilizam suas habilidades apenas para proteger as pessoas contra forças externas das quais nós, humanos, ainda não temos conhecimento. E tentam curar, dando impulsos nos momentos certos, para que as pessoas encontrem por si mesmas o caminho correto.

Eles também protegem ao transmitir certos conhecimentos e habilidades apenas àqueles que estão preparados para recebê-los. Pois conhecimento é poder. E isso exige disciplina. Afinal, será que uma pessoa comum seria capaz de agir

sempre de forma altruísta? Mesmo uma pessoa acima da média teria dificuldade com isso. Somente quando as pessoas tiverem demonstrado possuir a mentalidade correta e tiverem sido testadas nessa área é que poderão assimilar mais conhecimento. E os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão já nos deram conhecimento mais do que suficiente para trabalharmos nessa mentalidade. Com isso, nós, como pessoas comuns, podemos seguir em frente por muitas vidas. Com isso, podemos acrescentar mais uma resposta à pergunta sobre por que talvez nem sempre vejamos ou reconheçamos a compaixão: porque a Loja da Sabedoria e da Compaixão sempre respeitará nosso livre arbítrio, nunca imporá nada, mas apenas inspirará. Quanto mais alinharmos nossa vontade com a vontade espiritual desses seres, quanto mais tivermos a disciplina para controlar o egoísmo em nós mesmos e substituí-lo pela mentalidade de altruísmo e compaixão para servir ao próximo, mais reconheceremos o trabalho da Loja da Sabedoria e da Compaixão, e ele se tornará uma realidade viva para nós.

Com toda a sabedoria transmitida, os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão também abrem mão de seu próprio progresso. Pois, com tudo o que nos oferecem, eles se tornam corresponsáveis, o que significa que se comprometem com questões que já superaram há muito tempo. Isso, naturalmente, também nos confere, como destinatários, a responsabilidade de não usar o que recebemos para nosso próprio benefício, mas de transmiti-lo igualmente e, assim, colocá-lo a serviço do bem comum.

Os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão atuam revelando, desvendando e iniciando. Graças ao seu desenvolvimento, eles são capazes de acessar as esferas mais internas. Áreas nas quais nós, como pessoas comuns, ainda estamos inconscientes, como durante o sono ou a morte. Os Mestres são capazes de permanecer conscientes durante esses processos e, assim, adquirir conhecimento e experiência em primeira mão. Com isso, eles também podem ajudar outras pessoas a dar seus primeiros passos nessas áreas de forma autônoma. É isso que ocorre durante as iniciações.

Por fim, os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão atuam como elos para a Hierarquia Cósmica da Compaixão. Pois mesmo o Chefe, o Líder, o Hierarca da Loja da Sabedoria e da Compaixão, o *Mahā Chohan*, ainda é um ser humano, embora, do nosso ponto de vista, seja uma espécie de deus-homem, um *mānushya-buddha*, o ser humano mais universal que podemos imaginar.⁽¹⁰⁾

Não é este um ensinamento extremamente encorajador? Portanto, nunca estamos sozinhos. A mão estendida está sempre lá. Mas temos que ser nós mesmos a agarrá-la! A Loja

da Sabedoria e da Compaixão não age com base em favores, não responde a subornos nem a orações egoístas esporádicas.

Um elo na Hierarquia da Compaixão

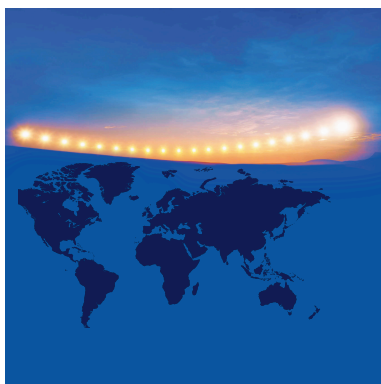
A Hierarquia da Compaixão é, desde o início da humanidade, há milhões de anos, a fonte de inspiração, sabedoria e compaixão ininterruptas. Ela transmite continuamente a Theosophia, a sabedoria divina. Nos últimos 150 anos, a Teosofia tem sido a manifestação dessa inspiração de sabedoria e compaixão.

A compaixão é ilimitada, algo que pode continuar a crescer e que também podemos cultivar. Ela surge quando nos colocamos de lado, a serviço da humanidade. De repente, você passa a perceber que possui forças insuspeitas. Que é capaz de fazer mais do que jamais imaginou. Você passa a parecer um instrumento para algo maior. Um elo na grandiosa obra da Hierarquia da Compaixão. Podemos praticar a compaixão em todos os âmbitos. Colocando no centro o maior todo que podemos imaginar, a unidade mais ampla com a qual podemos nos identificar, trabalhando por ela e, nessa Obra, esquecendo de nós mesmos.

E se formos capazes disso, mesmo que a princípio seja apenas em momentos isolados, então fazemos parte da Hierarquia da Compaixão. Às vezes, parece um sacrifício quando se fala em dar tudo pela vida ao seu redor. Mas o que, afinal, poderia ser mais significativo do que isso? O que poderia ser mais gratificante do que isso? E quanto mais fizermos isso, quanto mais isso se tornar um hábito, parte do nosso caráter, mais também experimentaremos em nós mesmos a força da Hierarquia da Compaixão para, finalmente, podermos ocupar nosso lugar nela como elo de união.

Referências

1. Lao-Tze, *Tao Te Ching*. Várias traduções, versículo 42.
2. H.P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio* [*The Voice of the Silence*].
3. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* [*Ensinaamentos Esotéricos*]. Edição original em inglês: Volume 10. Haia, Países Baixos, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 117.
4. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* [*Ensinaamentos Esotéricos*]. Edição original em inglês: Volume 1. Haia, Países Baixos, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 136.
5. Veja a ref. 3, p. 20 e 21 (p. 18 e 19 da edição original em inglês).
6. Veja a ref. 3, p. 25-26 (p. 24-25 da edição original em inglês).
7. G. de Purucker, *The Masters and the Path of Occultism* [*Os Mestres e o Caminho do Ocultismo*]. San Diego, Califórnia, Point Loma Publications, 1972, p. 36.
8. M. (Mahātma) e K.H. (Mahātma), *As Cartas dos Mahatmas*. carta 45.
9. G. de Purucker, *Esoteric Teachings* [*Ensinaamentos Esotéricos*]. Volume 2. Haia, Países Baixos, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 155.
10. Veja a ref. 3, p. 25. Edição original em inglês.



Ideias-chave

» A mônada, o núcleo da consciência de cada ser, atua em conjunto com mônadas menos avançadas, que constituem o veículo por meio do qual a mônada pode se expressar.

» A mônada percorre todos os estágios do desenvolvimento da consciência, desde os mais elementares até os mais divinos.

» Todos os seres evoluem sempre em comunhão. A inspiração flui dos seres mais avançados para os menos avançados, para que estes possam percorrer sua evolução de forma autônoma.

» Os Mānasaputras, ou ‘Filhos do Pensamento’, seres espirituais mais altamente desenvolvidos, despertaram nosso pensamento e, com isso, nossa autoconsciência.

» Assim como os Mānasaputras despertaram o pensamento ao nos envolverem com sua atmosfera, o pensamento das crianças é despertado por seus educadores e professores.

O despertar da humanidade

Existem muitos mitos e histórias sobre o despertar do ser humano: Prometeu, que roubou o fogo dos deuses e, com isso, acendeu o pensamento da humanidade; Adão e Eva, que comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e, assim, tornaram-se conscientes de si mesmos. Qual é o significado dessas histórias? Houve um momento específico de despertar da humanidade? O que aconteceu exatamente e como ainda podemos perceber isso hoje?

Neste segundo artigo desta edição temática sobre a Hierarquia da Compaixão, dedicamos atenção ao despertar da humanidade. A importância desse tema não pode ser subestimada. Trata-se da história de cada um de nós, do que nos torna humanos, mas também de como surgimos. E vamos deixar claro desde já: segundo a Teosofia, isso não foi apenas uma criação por um deus externo a nós, que começou com um único ser humano. E tampouco surgimos como seres humanos porque a consciência humana inteligente surgiu por acaso da evolução do macaco.

É necessário que, além dessas duas teorias bastante dominantes – mas muito incompletas – haja mais conhecimento sobre a doutrina teosófica, que, além disso, abrange, integra e confere profundidade tanto ao simbolismo por trás de uma teoria quanto aos fatos científicos que servem de base para a outra. E que, em nossa opinião, confere muito mais significado. A doutrina teosófica nos oferece não apenas mais compreensão sobre

nossa origem e onde nos encontramos atualmente, mas também pistas claras sobre como podemos dar continuidade à nossa evolução.

Mitos semelhantes em todo o mundo com a mesma simbologia

Atualmente, encontramos em muitas religiões e tradições explicações para a origem do ser humano. Trata-se, em grande parte, de mitos, histórias repletas de simbolismo. Na maioria das vezes, já se fala de uma figura humanoide, às vezes feita de argila ou poeira, mas ainda sem inteligência, sem razão e sem autoconsciência. É preciso ainda insuflar vida nela, é preciso despertá-la.

Às vezes, os deuses parecem não estar totalmente satisfeitos. Zeus quer destruir o homem primitivo, mas Prometeu, o Titã – uma espécie de gigante semidivino da mitologia grega – impede isso. No fim das contas, Zeus acabou enviando um dilúvio sobre o mundo.^(1,2) Prometeu previu isso e aconselhou seu filho Deucalião

a construir uma arca. Nela, ele poderia sobreviver ao dilúvio. A arca encalhou no monte Parnaso.

Isso soa familiar? Existem inúmeras histórias desse tipo sobre o dilúvio em todo o mundo. A mais conhecida para a maioria de nós aqui no Ocidente é, naturalmente, a do Gênesis. O Deus judaico-cristão, Jeová, também quer se livrar dos primeiros seres humanos, os descendentes de Adão. Somente após um dilúvio é que ele permite que um deles, considerado apto – Noé – repovoou a Terra. Ele também encalha com sua arca em uma montanha, o Ararat. São histórias simbólicas com múltiplos significados. Assim como o mito em que Prometeu roubou o fogo dos deuses para dá-lo aos homens, sobre o qual falaremos mais detalhadamente. Assim como a história do dilúvio, não existe apenas uma versão, pois há, em todo o mundo, um número notável de histórias com o simbolismo de um deus, herói ou outro ser que rouba o fogo: da Ásia às Américas do Norte e do Sul, da África à Oceania e, na Europa, desde os contos do folclore germânico até o Cáucaso georgiano.⁽³⁾

Uma sabedoria por trás de todas as formas

Por que sempre o mesmo simbolismo? Afinal, não se trata realmente de fogo que vem dos deuses, não é mesmo? Basta olhar ao seu redor para ver com que frequência ocorrem incêndios florestais, infelizmente. E com que frequência cai um raio. Além disso, o vulcanismo existe desde que a Terra surgiu. Portanto, o homem primitivo já devia conhecer o fogo. Então, qual seria o verdadeiro significado disso tudo? O mesmo se aplica, por exemplo, à história do Paraíso. Adão e Eva comem do fruto da árvore do Bem e do Mal, induzidos a isso por uma serpente. Os adeptos dogmáticos da religião cristã tentaram, com muita frequência, colocar sua versão em primeiro plano como a única verdadeira, em detrimento das outras. Passaram a interpretar essas histórias de forma muito literal e também passaram a acreditar nessa interpretação. Os pensadores independentes se afastaram desses dogmas e, entre outras coisas, por meio da ciência, chamaram a atenção para fatos que não se coadunavam com a interpretação literal da explicação religiosa. Isso, no entanto, levou, em determinado momento, a uma crença dogmática: uma explicação científica materialista como única perspectiva, com a qual o simbolismo universal e global é descartado como invenções. Enquanto o verdadeiro cientista percebe que sabemos muito pouco com certeza e que, no mínimo, são possíveis várias teorias ou explicações com base nos mesmos fatos.

Existe apenas uma Realidade, portanto só pode haver uma Verdade. Assim, ou uma das narrativas simbólicas está

correta e as demais não, como afirmam os seguidores devotos de qualquer religião. Ou então todas elas são falsas, são todas invenções, como afirmam os adeptos do materialismo científico. Ou ainda, e essa é, em nossa opinião, a opção mais razoável: os diversos mitos apresentam, cada um, um fragmento de uma mesma realidade, mas ora com a mesma simbologia, ora com uma simbologia ligeiramente diferente. Pense na parábola oriental dos monges cegos e do elefante. Cada um dos monges cegos segura uma parte diferente do elefante: um segura a cauda e afirma que é uma corda; outro, uma pata, e diz que é um tronco de árvore; e um terceiro, a tromba, que confunde com uma cobra: todos eles têm um pedaço da realidade. Então, por que não investigar o que está por trás dessas percepções? E é exatamente isso que a Teosofia nos diz. Que, por trás de todos esses mitos e histórias, existe uma única sabedoria, um único conhecimento, uma única fonte, que também pode ser chamada de Theosophia: a sabedoria dos deuses ou sabedoria divina.

E essa sabedoria oferece uma explicação bastante lógica: cada um desses mitos tem algo a nos dizer, mas não deve ser interpretado literalmente. Eles descrevem, por meio de imagens figurativas, uma determinada realidade. Se você compreender o simbolismo que eles contêm e o que ele representa, e depois comparar as histórias – que muitas vezes também utilizam os mesmos símbolos – verá que todas elas se confirmam mutuamente e apontam para uma única e mesma sabedoria e verdade subjacentes. Além disso, essa explicação não se mostra contraditória com os fatos científicos! Este artigo não tem como objetivo resumir de uma só vez como H.P. Blavatsky argumenta isso extensivamente em *A Doutrina Secreta*, com todo o simbolismo e as relações com a ciência, nem como instrutores teosóficos posteriores, como Gottfried de Purucker, desenvolveram esses conceitos. Esboçamos o processo, damos algumas orientações e esperamos que isso ofereça novos ângulos de visão e o inspire a continuar explorando por conta própria.⁽⁴⁾

Neste artigo, começamos refletindo sobre a pergunta: o que nos torna humanos? Afinal, o despertar já sugere: despertar algo que já existe. O que é, então, que desperta no ser humano e nos torna humanos?

Para compreender os mitos sobre o despertar da humanidade e responder à pergunta sobre o que nos torna humanos, é necessário conhecer, em linhas gerais, o processo da evolução humana a partir da Teosofia.

A evolução da consciência

A grande diferença entre, por um lado, a doutrina da criação e, por outro, a teoria da evolução, é que a Teosofia

ensina uma evolução da consciência, que é, em essência, ilimitada⁽⁵⁾, e que busca se expressar cada vez mais. Ilimitada significa que a consciência sempre existiu e sempre existirá. Portanto, ela não foi criada, nem, em sua essência, está limitada à encarnação em algum veículo. No entanto, a consciência não pode existir sem um veículo e, em sua manifestação, sempre terá limitações, assim como um motorista depende da qualidade de um carro. O princípio da consciência significa que não são as formas físicas que evoluem. É a consciência que se desdobra ou ‘desenrola’ a partir de dentro – o significado literal de evolução – sendo que o veículo, o físico, acompanha o desenvolvimento da consciência. A Mônada, nosso núcleo de consciência, a centelha da eternidade ou centelha divina, colabora nesse processo com outras mônadas que se encontram em um estágio menos avançado de expressão, as quais formam o veículo por meio do qual a Mônada pode se expressar (veja também o quadro sobre a Mônada).

A Mônada tem origem no infinito e, nessa colaboração, desenvolve suas capacidades latentes, percorrendo todos os estágios de desenvolvimento da consciência nos diversos reinos da natureza, desde o mais elementar até o mais divino. Por isso, os cabalistas dizem que ‘a pedra se torna uma planta, um animal, um ser humano, um espírito, e o espírito, um deus’. Um pensamento que também encontramos no sufismo, a corrente esotérica do Islã. E, na verdade, devemos considerar isso independentemente das formas, pois é, de fato, a mônada, a centelha, que se expressa cada vez mais ao percorrer as formas dos reinos da natureza: o estágio mineral, o estágio vegetal, o animal, o humano, o espiritual e o divino.

A Mônada

As mônadas são descritas como ‘centelhas da Eternidade’.⁽⁶⁾ Elas colaboram com outras mônadas, sendo que as mônadas mais avançadas na expressão de suas capacidades infinitas estabelecem uma colaboração por meio da emanção (atração e ativação) com mônadas menos avançadas. Estas últimas constituem os alicerces das mônadas superiores e representam o lado inferior (material) dessas mônadas superiores. Isso dá origem a uma cooperação entre ambas. O que chamamos de espírito e matéria consiste, portanto, em essência, em mônadas com as mesmas capacidades essenciais; o lado espiritual é composto por mônadas que expressam mais capacidades do que as do lado material. De acordo com a Teosofia, espírito e matéria são, em essência, a mesma coisa. Trata-se de mônadas que diferem apenas em seu grau de expressão.

Mas, como tudo ocorre em ciclos, em cada estágio evolutivo há o que se chama de ‘arco descendente’ de orientação material, em prol da evolução da matéria a partir do espírito; em seguida, inicia-se o chamado ‘arco ascendente’ de orientação espiritual, de volta para cima, em prol da evolução do espírito a partir da matéria.

É assim que funciona a evolução da mônada. Seu raio se expressa em diversos campos que se relacionam hierarquicamente entre si. Em todas essas hierarquias de consciência, ela adquire experiência e torna-se, assim, um ser Divino autoconsciente. Essa é a imagem universal da evolução da consciência.

Evolução da consciência humana

A evolução da consciência humana ocorre, conforme o princípio ‘como acima, assim abaixo’, da mesma maneira, mas em menor escala no âmbito humano. Embora ‘menor’ seja relativo, pois esse processo total leva um tempo considerável. Em princípio, ele pode ser concluído em uma vida da Terra que, segundo a Teosofia, leva quatro bilhões e trezentos e vinte milhões de anos.

Embora a Mônada seja, em essência, ilimitada, seu raio, ao adquirir experiência no reino natural do Homem, é também chamado de ‘mônada humana’. E é nesse estágio humano que se desenvolve, portanto, a autoconsciência. Isso ocorre por volta do ponto mais baixo do arco descendente, pois, sob a orientação do espiritual – a Mônada – o veículo material está então estruturado de tal forma que está pronto para expressar o espiritual. E é exatamente nesse ponto que o humano pode despertar.

Trata-se de uma questão puramente individual? Não, sempre evoluímos e crescemos em conexão. E, além disso, há sempre ajuda! Por parte da Hierarquia da Compaixão, que está sempre presente para inspirar, como também pode ser lido no primeiro artigo desta edição. Há sempre inspiração proveniente de seres que trabalham no Lado da Luz. Eles suspendem sua própria evolução para inspirar outros a se desenvolverem. Assim como educadores, pais e professores, de certa forma, suspendem temporariamente sua própria evolução ascendente para auxiliar seus filhos em sua evolução ‘descendente’, para que, uma vez adultos, possam seguir o caminho ascendente de forma autônoma. A Hierarquia da Luz ou da Compaixão faz o mesmo nos grandes ciclos da vida. Os diversos reinos da natureza também desempenham um papel nesse processo.

Em cada ciclo de vida deste planeta, em cada encarnação nesta Terra, temos a oportunidade de aperfeiçoar a evolução em um reino da natureza e, assim, ingressar no reino

seguinte. Repetimos: ‘a pedra se torna uma planta, uma planta se torna um animal, um animal se torna um ser humano, um ser humano se torna um espírito, e o espírito se torna um deus’. Embora cada ser ative suas capacidades por si mesmo, a partir de dentro, e assim evolua de forma autônoma, nossa evolução, à luz da unidade, é também uma questão de cooperação. Os seres em reinos da natureza mais avançados inspiram os menos avançados a desenvolver suas capacidades latentes.

A *Doutrina Secreta* fala, por exemplo, de uma época em que os deuses caminhavam pela Terra e conviviam livremente com os mortais, como também é dito no Antigo Testamento a respeito de Enoque.⁽⁷⁾ Uma época anterior àquela em que os seres divinos se tornaram invisíveis para nós no plano exterior.

Foram esses Dhyāni-Chohans, que já foram humanos nas manifestações anteriores desta Terra, que nos inspiraram e despertaram o lado humano em nós. Voltaremos a esse assunto com mais detalhes; por enquanto, trata-se apenas do panorama geral. Como existe cooperação entre consciências mais avançadas e os seres que ainda estão menos avançados. Conforme resumido por Gottfried de Purucker, o 4º Líder da Sociedade Teosófica: ‘A vida é uma escola, as pessoas são alunos nessa escola e, nessa escola, há professores. Nessas poucas palavras, vocês têm a chave para toda a situação e para a política da Grande Loja.’⁽⁸⁾

E, com essa Grande Loja, De Purucker se refere à Loja da Sabedoria e da Compaixão, o departamento da Hierarquia da Compaixão entre a humanidade aqui na Terra. Voltemos agora, por um momento, à pergunta: O que nos torna seres humanos?

O ser humano é um *pensador*

Conforme explicado no artigo anterior, todo ser, inclusive o ser humano, é composto. Estamos aprendendo a expressar um pouco do potencial ilimitado da mônada. E explicamos que, neste momento, fazemos isso principalmente por meio do quinto princípio a partir de baixo entre os sete princípios: o princípio de *Manas*, ou capacidade de pensar. Essa capacidade de pensar nos permite perceber pensamentos. Pensamos, criamos representações mentais. Podemos refletir sobre elas. E podemos direcionar nosso pensamento. Pois esse princípio de *Manas*, essa capacidade de pensamento, é, por si só, também sétuplo, e nele podemos distinguir sete aspectos do pensamento: do mais limitado ao mais amplo que podemos imaginar. E, se aprendermos a distinguir bem esses aspectos do pensamento, também poderemos aprender a direcionar nosso pensamento. Pois

quanto mais direcionarmos nossos pensamentos para os aspectos mais elevados e com maior alcance de consciência, mais os demais aspectos também encontrarão seu devido lugar. Em outras palavras: o pensador mais harmonioso utiliza todos os aspectos, mas guiado pelo mais elevado, que, na verdade, também abrange todos os demais. Mas, como concluímos no artigo anterior, não é de se estranhar que, ao olharmos ao nosso redor, nem sempre vejamos exemplos de pensamento amplo ou expansivo: muitas pessoas não pensam de forma consciente, mas sim por hábito, e ainda estão pouco familiarizadas com sua natureza superior.

Isso tem a ver com a nossa fase na evolução. Já explicamos que, em princípio, uma mônada pode percorrer o desenvolvimento da consciência de um reino da natureza ao longo de uma encarnação do planeta, que dura 4 bilhões e 320 milhões de anos. Em outras palavras, nós, seres humanos, podemos evoluir nesse período até nos tornarmos seres humanos universais. Esse processo ocorre em sete grandes fases, análogas aos sete princípios. Essas fases, cada uma com centenas de milhões de anos, são chamadas na Teosofia de Rondas. E cada uma delas, por sua vez, é composta por sete subfases de dezenas de milhões de anos de evolução, que podemos chamar de classes, também correspondentes aos sete princípios, mas, neste caso, como subdivisões.

E, como você pode ver na imagem, na nossa evolução, na verdade, mal passamos da metade. O pensamento humano médio, portanto, não está muito mais avançado do que o sub-aspecto Kâma, ou seja, o pensamento do desejo. Na verdade, ainda somos apenas meio-humanos. Ainda temos muito a aprender. Mas podemos ser otimistas, pois o copo está um pouco mais do que meio cheio, pelo menos para o ser humano médio, sem levar em conta eventuais retardatários e também os pioneiros. E graças à Teosofia, que disponibiliza continuamente a Hierarquia da Compaixão, também podemos aprender a discernir em nós mesmos como podemos orientar nossa própria evolução.



Para mais explicações, consulte a legenda na página 124.

Até que ponto somos humanos?

No esquema a seguir, vemos o Ser Humano representado, com suas partes espiritual, mental e veicular. Como Ser Humano, como parte intermediária em processo de aprendizagem entre a parte imortal e a parte mortal, temos a escolha de nos identificar com uma das duas partes restantes. Essa é, na verdade, a autoconsciência que despertou com o desenvolvimento do nosso pensamento: a capacidade de se identificar com este ou com aquele aspecto. Formar uma imagem mental de si mesmo, de como você quer ser, como quer agir e com que objetivo, tornando-se, por fim, exatamente isso.

Essa imagem de si mesmo é construída principalmente com base em quem você é externamente? Em como você é visto? No papel que desempenha nesta vida: querer ter uma determinada casa, um determinado parceiro, uma determinada aparência, um determinado salário? Uma imagem que, na verdade, é limitada e limitante? Pois isso é apenas a identificação com o 'eu sou eu', a personalidade nesta vida exterior, que se ilude estar separada dos outros.

Mas, na verdade, você está se fixando cegamente apenas no que vê, no que externamente pode parecer real, mas que é justamente o mais ilusório, pois é transitório. Pois tudo o que possuímos de material, nosso corpo e nossa personalidade inclusive, é transitório. E isso vale ainda mais para o status, a fama ou o prazer que deles extraímos.

Você também pode se identificar com aquele que está por trás da personalidade ou persona. Persona significa literalmente máscara. Por trás da máscara está o ator, que assume um papel a cada vida. Esse é o ser humano verdadeiro. Ele nutre pensamentos e ideais universais e compassivos e desenvolve sabedoria, verdade e compaixão à luz da unidade da vida. É o nosso eu que se reencarna. Nos momentos em que você se esquece de si mesmo e age de forma altruísta, você se identifica com isso e se sente cada vez mais uno com tudo o mais.

O que faz de um ser humano, um ser humano?

Atualmente, estamos um pouco além da metade de nossa evolução. E isso também pode ser reconhecido na dualidade do pensamento do ser humano comum. Reconhecemos ambas as perspectivas em nós mesmos, mas ainda oscilamos entre o pensamento pessoal limitado e o pensamento compassivo verdadeiramente humano. Porém, com esse desenvolvimento de nossa autoconsciência, alcançamos a característica mais essencial do que nos torna humanos, nas palavras de De Purucker: 'Uma consciência cada vez maior da responsabilidade moral e intelectual.'⁽⁹⁾

É isso que nos torna verdadeiramente humanos: o fato de podermos aprender, crescer e desenvolver uma responsabilidade cada vez mais ampla, sábia e compassiva. E, com isso, também podemos assumir nossa responsabilidade pelo nosso próprio crescimento e evolução. Podemos direcionar nosso pensamento, identificar-nos com uma parte cada vez mais ampla da Vida Una. E quanto mais reconhecemos e alimentamos esse lado humano em nós mesmos, mais rapidamente crescemos e nos tornamos mais humanos e mais solidários com o próximo.

Com isso, esclarecemos o que nos torna humanos. Assim, podemos agora abordar como ocorreu o despertar da humanidade, o despertar dessa crescente consciência de responsabilidade moral e intelectual. E por que isso aconteceu há 18 milhões de anos.

O despertar da humanidade

Como ocorreu o despertar da humanidade, há 18 milhões de anos? Já descrevemos que a mônada adquire experiência nos diversos reinos da natureza e, assim, evolui. Também explicamos que os seres de cada reino da natureza têm a função de ajudar seus semelhantes nos reinos inferiores a realizar sua evolução.

Seres semidivinos, do reino dos Dhyāni-Chohans, ajudaram a humanidade a despertar. Se você estiver ouvindo isso pela primeira vez, talvez possa parecer um pouco fantasioso. Mas, antes de julgar, tente primeiro compreender a lógica, a universalidade e também o valor ético disso, com base nos princípios da unidade ilimitada, da ciclicidade e do crescimento autônomo em uma estrutura hierárquica de cooperação.

No artigo anterior, refletimos sobre o conceito de hierarquia como uma estratificação de níveis de consciência ou esferas de vida, liderada por um Hierarca, o Primeiro, o Líder, o ponto de partida que inspira toda a hierarquia com um determinado campo de influência. Agora, há um conceito importante que ainda gostaríamos de acrescentar a isso no que diz respeito à formação de tal hierarquia. Trata-se do processo de emanação, que significa literalmente 'fluxo para fora' ou 'jorramento'. Isso significa que o campo de influência que emana do hierarca exerce uma certa atração magnética sobre seres menos avançados que compartilham a mesma característica. Esses seres, por sua vez, estabelecem essa cooperação dentro da hierarquia, dentro dessa esfera de influência, e, com sua própria esfera de influência, atraem seres abaixo deles, e assim por diante.

Assim, houve também o impulso dos chamados Mānasaputras, literalmente os Filhos do Pensamento. Foi a 'descida'

desses seres semidivinos que despertou a humanidade há 18 milhões de anos. Explicaremos isso mais detalhadamente a seguir, mas, para começar, vamos ver como essa história foi contada em mitos conhecidos, com algumas chaves para compreender melhor seu simbolismo.

O despertar da humanidade na mitologia

Começaremos com a história mais conhecida aqui no Ocidente, do Gênesis, o primeiro livro da Bíblia. Nele é contado como Adão e Eva comeram do Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, seduzidos para isso por uma serpente. Ora, a árvore é um símbolo milenar do Conhecimento ou da Sabedoria Sagrada ou Oculta, frequentemente guardada por serpentes ou dragões. Assim como, na mitologia grega, um dragão guarda a Árvore com as Maças de Ouro das Hesperídeos. Ou as 'árvores exuberantes' e a vegetação do monte Meru, nas tradições orientais, que são guardadas por uma serpente.

As serpentes ou dragões representam aqui os Sábios ou Mestres que tanto protegem quanto difundem a Sabedoria. Será que a serpente na história de Adão e Eva realmente tinha más intenções? As maçãs douradas daquela árvore das Hesperídeos foram um presente de casamento de Gaia para Zeus e Hera, e concediam a imortalidade a quem delas comesse. E comer de uma árvore do conhecimento do bem e do mal significa, de fato, compreensão tanto do bem quanto do mal, mas também o fim da ignorância. Não é algo negativo.

É claro que isso também se refere ao que mencionamos anteriormente como o que faz do ser humano um ser humano: o desenvolvimento do pensamento, o que implica responsabilidade moral, o reconhecimento do bem e do mal em si mesmo, ou seja, a parte limitada em nós que está voltada principalmente para si mesma e deseja perseguir seus próprios interesses, em contraposição à parte reencarnante em nós, consciente, intuitiva, sábia, compassiva e altruísta. O despertar é o momento em que nos tornamos autoconscientes, o que também é retratado na história quando Adão e Eva de repente se veem nus e passam a sentir vergonha um do outro. Adão e Eva, por meio da Sabedoria da Serpente, tornam-se de repente conscientes de si mesmos e, com isso, despertam do estado paradisíaco e infantil. E a serpente é punida por isso.



Prometeu

O mesmo aconteceu com Prometeu.

Acima, você vê Prometeu roubando o fogo dos deuses para entregá-lo aos homens, retratado nesta interessante pintura no teto do Louvre. Abaixo, no centro, você vê o homem recebendo a tocha. À esquerda, acima dele, está Prometeu, e à direita, acima de Prometeu, está a deusa Atena, a deusa da sabedoria e da paz, que também representa o pensamento superior, nascida da cabeça de Zeus. À esquerda, as deusas do destino, as fiandeiras do destino que, juntas, representam o Karma. E no canto inferior direito, Cronos, com a foice. Ele representa o tempo. Cronos também retira um anel de ouro do ser humano, talvez um símbolo da Era de Ouro, o ciclo dourado de Satya Yuga, ou seja, o estado paradisíaco. Há um número notável de paralelos entre a lenda grega antiga de Prometeu, a história judaico-cristã do Paraíso e narrativas de outras tradições, como as nórdicas, mesopotâmicas e orientais. Por exemplo, também o desfecho das inundações causadas pelo pecado, como já mencionamos anteriormente.

Prometeu significa literalmente 'aquele que sabe de antemão', 'que prevê' ou 'que vê o futuro', do grego 'pro metis', que significa 'precaução' ou 'conhecimento prévio'.⁽¹⁰⁾

É claro que não devemos interpretar literalmente o fogo que ele roubou e deu aos homens, como já mencionamos no início deste artigo. Prometeu é o portador do fogo intelectual e espiritual no ser humano. Ele representa o coletivo de seres semidivinos que acenderam a capacidade de raciocínio e a chama divina da autoconsciência no ser humano. Eles nos deram luz, inteligência e compreensão e abriram nossos olhos. Tornamo-nos autoconscientes e, assim como ao comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, a responsabilidade passou a ser nossa.

Esses seres, representados por Prometeu e também pela serpente da história do Paraíso, são também designados na Teosofia pelo termo Mānasaputras.

Mānasaputras

Mānasaputras significa literalmente ‘Filhos (-putras) da Capacidade de Pensar (Manasa-)', seres espirituais mais evoluídos. Eles foram humanos no ciclo de vida anterior do nosso planeta. Eles desenvolveram a capacidade de pensar até a perfeição relativa e agora atuam, como seres semi-divinos, nos reinos internos. Eles despertaram o manas do humano, o humano no ser humano, o pensamento no pensador e, com isso, a autoconsciência. Agora, esses Mānasaputras também são chamados de nossos ‘eus superiores’, que encarnaram em nós. Não são nosso eu supremo e nem exatamente nós mesmos, pois são seres autônomos, enquanto nós éramos, na verdade, aqueles seres humanos ainda meio adormecidos, nos quais o pensamento autônomo ainda precisava despertar.

Mas, como já explicamos, os princípios da Teosofia nos ensinam que todo ser está conectado – sim, na essência, é um só – com todos os outros seres. Essa conexão é, às vezes, tão íntima que se pode falar de um mesmo raio com diferentes focos ou transformadores. Assim, os Mānasaputras podem ser vistos como focos superiores no mesmo raio, na mesma corrente de consciência da qual somos um foco. Eles fazem parte de nossa constituição.

Como ocorreu esse despertar a partir dos Mānasaputras? Eles fizeram isso despertando em nós algo de sua própria característica de consciência, da mesma forma que, com a chama de uma vela, acende-se outra. Na verdade, os Mānasaputras irradiam seu próprio pensamento de tal forma que possamos captá-lo em nosso nível. Isso funciona segundo o princípio da ressonância. Ou seja, quando se emite uma determinada vibração, vibrações de característica semelhante passam a vibrar em sincronia, assim como tocar a nota F em um piano faz com que as outras cordas F nas demais oitavas também vibrem. Também objetos que possuem a mesma característica de vibração, uma característica semelhante, passam a vibrar em sincronia.

Voltemos por um momento à história de Prometeu.

O fato de os Mānasaputras terem ajudado a despertar nosso pensamento também os tornou corresponsáveis, do ponto de vista kármico, pelo que faríamos com esse pensamento, como explicaremos mais adiante. Zeus castiga Prometeu por ter dado o fogo aos homens, assim como a serpente foi castigada por Jeová por ter seduzido Eva a comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal.

A serpente é obrigada a rastejar pela terra e Zeus castiga Prometeu amarrando-o nas montanhas do Cáucaso. Lá, diariamente, um abutre vem arrancar seu fígado. Esse fígado regenera-se durante a noite, de modo que o tormento recomeça do zero no dia seguinte. Por que essa punição, se esses seres nos ajudaram por compaixão? Isso é kármico, pois tudo ocorre de acordo com a lei do karma. O conhecimento traz responsabilidade. Sem esse conhecimento, nós, seres humanos, também nunca poderíamos abusar dele. Os Mānasaputras são corresponsáveis kármicamente por terem nos fornecido conhecimento. Mas é um karma que os Mānasaputras escolheram conscientemente, pois também está relacionado ao momento em que eles fizeram sua aparição.

Evolução da consciência

Conforme explicado, o ciclo evolutivo geral da mônada decorre em duas fases que se sucedem. Um arco descendente de orientação material, seguido por um arco ascendente de orientação espiritual. A partir do estágio humano, a autoconsciência é desenvolvida com o despertar da capacidade de pensar. Com isso, desenvolvemos a capacidade de orientar nossa evolução de forma autônoma, direcionando-a para a expressão autoconsciente dos potenciais divinos internos.

Se nos concentrarmos na evolução do ser humano, esse processo é, em linhas gerais, exatamente o mesmo. Todo o ciclo evolutivo da mônada no reino humano leva 4 bilhões e 320 milhões de anos, uma manifestação de nosso planeta. Mas esse enorme período de tempo pode, portanto, ser dividido em fases. Já apresentamos isso anteriormente de forma sobreposta, mas trata-se, naturalmente, de ciclos.

Existem, assim, essas sete grandes fases, que chamamos de ‘Rondas’. Seria possível dizer que são sete grandes escolas de consciência. Essas fases correspondem às sete características da consciência que já mencionamos anteriormente. Desde muito limitada – a esfera física – até a mais ampla – a plena percepção da unidade com o Todo em nosso campo de pensamento humano.

O conceito de evolução significa, literalmente, ‘desenrolar’ o que já está presente interiormente. Segundo a Teosofia, essa é apenas um lado da moeda. Antes que algo possa ser desenrolado, possa evoluir, é preciso que, previamente, algo também tenha sido enrolado, algo que se enrole. Se você raciocinar a partir da consciência, o interior sempre precede o exterior. Não é possível construir uma casa sem um arquiteto. Talvez você mesmo a construa e nem sequer use um projeto, mas mesmo assim sempre terá uma ideia antes de

colocar a primeira pedra. O mesmo se aplica à evolução do cosmos e de todos os seres vivos que o compõem.

Atualmente, esses processos de involução e evolução ocorrem simultaneamente, mas se você observar apenas o exterior, por não conseguir perceber os processos internos, acaba criando uma imagem unilateral. Assim, alguns biólogos observam apenas os corpos que se transformam, mas ainda é um mistério como a natureza consegue, às vezes em um período muito curto, fazer surgir as características externas necessárias para a sobrevivência. Felizmente, há cada vez mais biólogos que percebem que isso não é por acaso, mas que há uma força interior atuando por trás, que orienta esses processos. E alguns deles já se aproximam bastante da Teosofia ao partirem da premissa de que a consciência atua através de cada célula ou por trás dela.

Se considerarmos os sete princípios da consciência, podemos distinguir as seguintes sete fases no que diz respeito à involução e à evolução.

1. O Ātman, ou princípio da unidade – o divino ou universal – involui, enquanto o Sthūla-Śarīra, ou princípio físico, evolui
2. O Buddhi, ou princípio da iluminação, involui, enquanto o Linga-Śarīra, ou princípio astral, evolui
3. O Manas, ou capacidade de pensar, involui, enquanto o Prāna, ou princípio da vitalidade ou das correntes de vida, evolui
4. O Kāma superior involui, enquanto o Kāma inferior evolui, seguido pelo ponto de inflexão a partir do qual, ao contrário, o Kāma superior evolui e o Kāma inferior involui ou se retrai, enquanto o Kāma superior evolui
5. O Prāna involui, enquanto o Manas evolui
6. O Linga-Śarīra involui, enquanto o Buddhi evolui

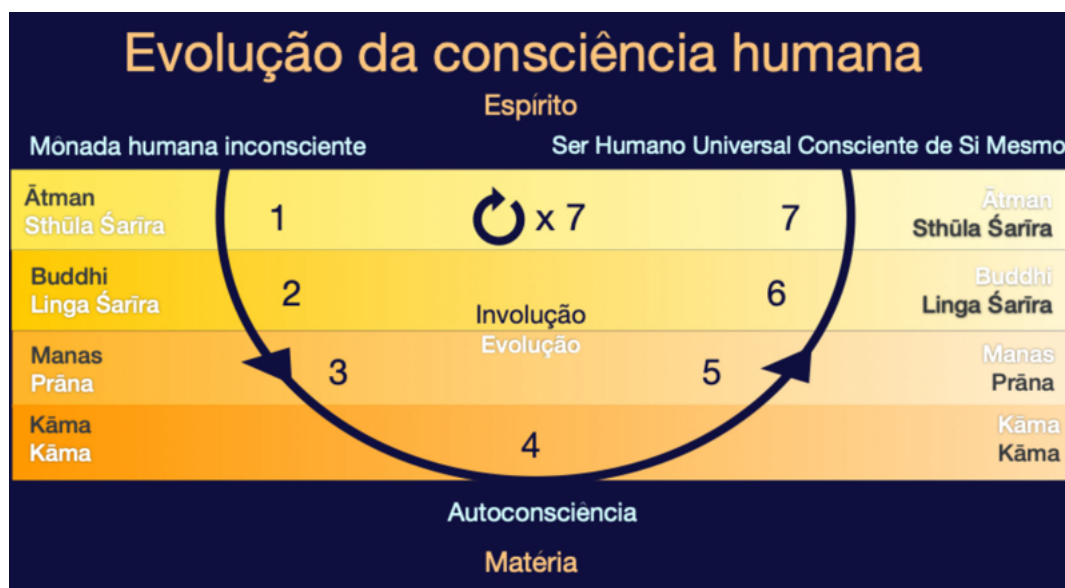
7. Por fim, o Sthūla-Śarīra, ou princípio físico, involui, e o Ātman, o princípio mais universal, divino ou de unidade, evolui.

Involuir-se, aliás, não significa que esses princípios desapareçam, mas que são dominados pelos aspectos espirituais: Manas, Buddhi e Ātman.

É claro que isso parece um pouco complexo quando se lê pela primeira vez. Por outro lado, a Teosofia é sabedoria universal. Isso implica que esse processo – ‘como acima, assim abaixo’ – pode ser reconhecido em cada ciclo evolutivo. No final do artigo, daremos um exemplo de uma vida humana. É um exercício muito interessante para você mesmo verificar se consegue reconhecer esse processo de evolução e involução de acordo com os sete aspectos de forma mais ampla; pense no desenvolvimento de uma organização, de um projeto ou no ciclo de vida de, talvez, uma civilização como um todo. Por que estamos falando disso? Para reexaminar as características de nós, como seres humanos, no momento em que ocorreu nosso despertar a partir dos Mānasaputras, ou Filhos do Manas, e quais foram as consequências kármicas disso para eles – o que, nos mitos, também é referido como punição.

Quando nosso pensamento despertou?

Conforme mencionado, em nossa fase evolutiva atual, ainda estamos apenas um pouco além da metade. Portanto, acabamos de passar pelo ponto de inflexão a partir do qual o Kāma superior evolui e o Kāma inferior involui, sendo controlado ou dominado por nós. Observe também que cada Ronda representa centenas de milhões de anos de evolução da mônada e que eles próprios podem ser divididos em sete classes, cada uma com ainda dezenas de milhões de



anos. Se mostrarmos o que 18 milhões de anos significam nessa escala – veja os esquemas acima lado a lado – talvez você mal perceba a diferença! Se considerarmos 18 milhões de anos em todo o nosso ciclo evolutivo de mais de 4 bilhões de anos, isso ocorreu há relativamente pouco tempo! Neste esquema, podemos ver que o despertar ocorreu, portanto, também na Quarta Ronda, a Ronda na qual ainda nos encontramos. A Teosofia explica ainda que esse importante ponto de inflexão em nosso desenvolvimento teve início por volta da metade da terceira classe dessa Quarta Ronda. Vamos agora examinar quais princípios desempenham um papel nesse processo.

A humanidade pouco antes do despertar

Como éramos nós, seres humanos, naquela terceira classe da Quarta Ronda, antes de nos tornarmos realmente humanos? E falamos em ‘nós’ porque, partindo do princípio da ciclicidade ou da reencarnação, pode-se afirmar que essas foram nossas encarnações anteriores como consciência humana em crescimento ou em desenvolvimento. Ora, não é como se, naquela época, fôssemos totalmente desprovidos de capacidade de raciocínio ou totalmente inconscientes. Éramos comparáveis a uma criança que ainda não pensa de forma autônoma, com idade entre cinco e sete anos.⁽¹¹⁾ Já havia um prenúncio do pensamento, mas, na verdade, era principalmente instintivo. Nós, seres humanos daquela época, tínhamos lampejos de intuição, tínhamos sentimentos e a consciência vaga das crianças, mas ainda não dispúnhamos de verdadeira razão, sensatez ou intelecto. Portanto, ainda não se falava em pensamento nem em autoconsciência, e isso, na verdade, levaria ainda centenas de milhões de anos sem a descida dos Mānasaputras.⁽¹²⁾ Isso poderia ser comparado a uma criança que crescesse isolada, sem pais, como as crianças-lobo, por exemplo. Que, por causa disso, acumulam um atraso tão grande que não pode mais ser recuperado no resto de suas vidas.

Por que os Mānasaputras vieram, então? Porque a humanidade, na terceira classe da Quarta Ronda, tinha uma abertura para receber determinada inspiração. O quarto princípio precisava, em primeiro lugar, estar suficientemente desenvolvido para poder servir de veículo para o quinto.⁽¹³⁾ Mas também é possível, se você observar atentamente o desenrolar do processo – como acima, assim abaixo – comparar o ciclo de uma classe ao ciclo de uma Ronda, conforme ilustrado no esquema de evolução e involução. E então você percebe que, na terceira fase, à medida que o Prāna evolui, o Manas se involui. Portanto, já há algo do manas que se enraíza na consciência nessa terceira classe ou subfase

da evolução. E foi exatamente por isso que os Mānasaputras puderam realizar seu trabalho naquele momento. E, naturalmente, isso não foi apenas um único momento. Nem todos estavam simultaneamente na fase em que a capacidade de pensamento era ativada. Esse foi um processo que levou várias centenas de milhares de anos!⁽¹⁴⁾

Por que os Mānasaputras foram punidos

Agora podemos explicar por que, no mito de Prometeu e na história do Paraíso, se fala de uma punição. Pois vemos que o pensamento e a autoconsciência foram ativados em nós pelos Mānasaputras, antes de termos alcançado, como mônadas humanas, o ponto mais baixo da evolução material. Ainda estávamos em uma subfase do desenvolvimento do Prāna, uma fase bastante infantil, em uma espécie de estado paradisíaco.

Assim como as crianças ainda são cheias de dedicação e confiança em relação aos pais, nós, como pensadores em início de caminho, ainda confiávamos plenamente nos seres que estavam à nossa frente na evolução. Mas, assim como a infância dá lugar à puberdade, onde o desejo passa a desempenhar um papel mais importante, o mesmo se aplicou à humanidade que, após a terceira classe, entrou na quarta. A quarta classe da Quarta Ronda, portanto, com uma característica dupla de desejo. Ora, o desejo é um princípio neutro, mas tudo começou com um período em que, a princípio, se expressava sobretudo o desejo direcionado para o inferior, ou seja, o desejo pela substância, pela matéria e pelo domínio sobre ela, pelas aparências. E como nossa capacidade de raciocínio já havia despertado, o intelecto pôde ser empregado para perseguir esses desejos externos, ilusórios e muitas vezes egoístas. Para alguns, a astúcia e a esperteza tornaram-se, assim, mais importantes do que a sabedoria. Entramos na Era Atlântica, na qual predominavam muitos desejos egoístas. A sabedoria dos Mānasaputras precisava ser protegida contra o abuso em benefício próprio. Abordaremos esse assunto com mais detalhes no próximo artigo, quando falarmos sobre as Escolas de Mistérios que foram fundadas para esse fim.

Atualmente, a grande maioria da humanidade já ultrapassou esse ponto mais baixo. Estamos, em média, na metade do caminho, na quarta subfase, da quinta classe da Quarta Ronda (4-5-4). A característica do desejo, ou Kāma, voltou a ser dominante. E o karma atlântico ainda pesa sobre nós, como podemos vivenciar diariamente ao nosso redor.

A punição dos Mānasaputras consiste no fato de terem ativado nosso pensamento prematuramente, antes do necessário, ainda antes de termos atravessado o ponto mais baixo

do desejo. Pois isso os tornou corresponsáveis pelo nosso uso egoísta do pensamento para satisfazer desejos pessoais. Eles são kármicamente corresponsáveis por isso. Eles perturbaram o desenvolvimento natural e foram ‘punidos’ por seu ato compassivo de nos despertar mais cedo como seres humanos. Além disso, tiveram que descer a um mundo que, para eles, é um submundo: eles próprios já passaram pelo desenvolvimento humano. Estão acorrentados a este plano material. Estão condenados, como a serpente, a contorcer-se no mundo do desejo exterior.

No entanto, o atraso em sua própria evolução é kármico: as causas disso estão em manvantaras anteriores (manifestações do planeta). Se observarmos agora como nós, seres humanos, lidamos com os seres do reino animal e, com isso, interferimos em sua evolução natural e a retardamos, isso nos dá uma ideia do que precisa ser restaurado. No manvantara anterior, as mônadas que hoje compõem a humanidade – e que, no manvantara anterior, ainda faziam parte do reino animal – tiveram seu desenvolvimento retardado. Nossa capacidade de raciocínio neste manvantara já deveria estar em ação. Se não tivéssemos recebido a ajuda dos Mānasaputras, teríamos sofrido um atraso muito maior. No entanto, os Mānasaputras, com sua visão de futuro, e como o próprio nome Prometeu já indica, sabiam exatamente o que estavam escolhendo naquele momento. Eles sabiam que era necessário ajudar a humanidade a recuperar o atraso. O desenvolvimento da autoconsciência ofereceu ao ser humano mais oportunidades de dar início à ‘escola de aprendizagem da humanidade’, pois o elevou acima das meras tendências animais. Isso lhe deu a liberdade de pensamento, tornando-o, por assim dizer, o único ator livre, mas também obstinado, na natureza. Com esse pensamento ainda imaturo, o ser humano também pôde tomar decisões totalmente equivocadas, perseguir seus desejos egoístas, levando a todo tipo de desarmonia, insatisfação, injustiça, violência, dor, etc. Algo cujas consequências ainda vemos hoje. São esses desejos e tendências inferiores da humanidade que, figurativamente, acorrentaram Prometeu à rocha. O abutre representa, nesse contexto, ‘o desejo sempre insatisfeito’⁽¹⁵⁾, que ainda hoje bica diariamente o fígado dos Mānasaputras. Trata-se dos desejos e tendências pessoais e animais que nunca podem ser saciados de forma duradoura, pois se voltam para as coisas transitórias da vida exterior: riqueza material, status, glorificação pessoal, prazer animal, luxo, conforto.

Apesar disso, os Mānasaputras escolheram esse destino por compaixão pela humanidade, que, de outra forma, permaneceria por um período de éons em um estado quase infantil,

instintiva, sonhadora, sem autoconsciência, sem progresso real, sem aprender todas as lições éticas, inclusive com os erros que possivelmente cometemos. E, em parte, isso foi uma obrigação kármica, que compensa um atraso na evolução ocorrido anteriormente, que eles causaram em um ciclo anterior. Um período em que nós ainda estávamos no reino animal e eles, no reino humano.

Se, com esse conhecimento, olharmos novamente para as escolhas que fazemos diariamente, para os motivos que nos levam a agir, esperamos compreender que também temos uma responsabilidade para com os Mānasaputras de abandonar o que é pessoal, limitado e limitante, e de ser verdadeiramente humanos, altruístas e compassivos – qualidades para as quais eles nos inspiraram e ainda nos inspiram.

Exemplo da ativação do pensamento: uma vida humana

A ideia teosófica de involução e evolução da consciência, o processo de emanção e o despertar contínuo de uma consciência essencialmente ilimitada nos dão uma imagem clara do sentido da vida. De que, por meio de nosso próprio desenvolvimento, podemos construir uma compreensão cada vez mais ampla da fraternidade universal, da unidade espiritual da vida e de nossa responsabilidade moral. Um desenvolvimento que nunca cessa, mas que alcança níveis cada vez mais elevados, vai cada vez mais longe, conduzindo cada vez mais à unidade e à harmonia. Esse crescimento ocorre apenas com base no livre arbítrio, com base na expressão espontânea das capacidades que repousam em nós. Esse processo de evolução – ‘como acima, assim abaixo’ – pode ser reconhecido em cada ciclo, portanto também no ciclo de uma vida humana, e, assim, aplicado na prática.

De acordo com a Teosofia, repetimos em cada encarnação, em cada ciclo de vida, em pequena escala, o que ocorreu em toda a nossa história como humanidade na Terra. Chamamos isso de recapitulação. É uma palavra que tem origem na embriologia. No estágio embrionário, vemos, de fato, como cada embrião repete as formas das fases evolutivas anteriores.

Mas isso é apenas o lado externo, pois internamente, do ponto de vista da consciência, o mesmo ocorre. Assim como no útero repassamos de forma acelerada as Rondas já vividos anteriormente, após o nascimento repassamos novamente o desenvolvimento ou a in- e evolução da consciência das cinco classes anteriores deste Quarta Ronda, até que, por volta dos vinte anos, voltamos a ser adultos e continuamos a aprender. É todo o processo de involução e evolução de nós, como humanidade, mas acelerado em uma

única vida. Todos esses aspectos da consciência são abordados sucessivamente nesse processo.

Durante a fase de bebê, reconstruímos o corpo, enquanto a noção de unidade involui. Os sentimentos surgem então na fase da primeira infância, ao mesmo tempo em que as primeiras percepções e o discernimento se desenvolvem. Em seguida, aprendemos a expressar a vitalidade e, de forma lenta mas segura, por volta dos cinco aos sete anos, a controlá-la à medida que o intelecto começa a funcionar. E na puberdade, vê-se o idealismo em ação, e o adolescente deseja usar o desejo para construir um mundo melhor, embora isso ainda ocorra, na maioria das vezes, de forma um tanto desajeitada. O desejo passa então a ser cada vez mais controlado pelo intelecto, pela razão e pela consciência moral acumulada em encarnações anteriores, por certas percepções e pela responsabilidade moral. E então, em determinado momento, chegamos novamente ao ponto em que nossa evolução chegou até então, e retomamos o fio da meada como adultos.

Vemos que, na terceira fase – aproximadamente do terceiro ao sétimo ano – o pensamento autônomo e a autoconsciência começam a se desenvolver de forma lenta, mas segura. Na história do Paraíso, falamos sobre o momento em que nos tornamos autoconscientes, quando Adão e Eva de repente se viram nus e passaram a sentir vergonha um do outro.

A vergonha, a percepção de que causamos uma determinada impressão nas outras pessoas, é também um primeiro sinal de que as crianças estão desenvolvendo a autoconsciência. Os educadores (pais, professores, avós, etc.) funcionam, na verdade, como os Mānasaputras. Por meio de suas muitas conversas com a criança, da leitura de histórias e das respostas às inúmeras perguntas que as crianças fazem nessa fase, eles são os iluminadores do pensamento incipiente na criança. E, na verdade, também atuam como ‘eus superiores’ temporários, que chamam a atenção das crianças para sua crescente responsabilidade moral.

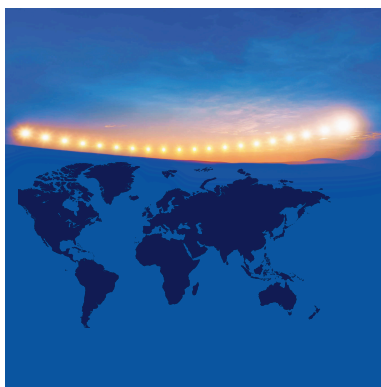
Pais e educadores têm a possibilidade de fazer com que o pensamento da criança se manifeste de maneira harmoniosa. Despertando os aspectos superiores ao mesmo tempo que o desenvolvimento dos inferiores, para que a criança aprenda a conhecer e a controlar a si mesma. Assim como os Mānasaputras despertam nosso pensamento ao nos envolverem em sua atmosfera, o pensamento das crianças é despertado pela atmosfera da família ou da sala de aula em que crescem ou são educadas. E isso não é tanto algo que você faz como educador, mas sim algo que você realmente é. O que você irradia dia após dia. Pense em uma família

harmoniosa, na qual o desenvolvimento da sabedoria interior é estimulado de diversas maneiras e os membros se dedicam abnegadamente uns aos outros e aos demais.

Se agora relacionarmos isso com a visão ampla do ser humano que a Teosofia nos apresenta – aquilo que nos torna humanos, essa consciência cada vez maior da responsabilidade moral e intelectual – então, esperamos que fique mais claro o que devemos fazer quando temos um papel a desempenhar na educação ou no ensino das crianças, ou mesmo no aprendizado mútuo. Pois, com esse conhecimento, cada um de nós é capaz de dar uma contribuição, de, como seres humanos, tornarmos uns aos outros mais humanos.

Referências

1. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume II. Várias edições, p. 412 (edição original em inglês).
2. Êsquilo, *Prometeu Acorrentado*. H.W. Smyth (editor da edição on-line), verso 235. (Fonte: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus3Atext3A1999.01.00103Acard3D196>).
3. Wikipédia em inglês, verbete ‘Theft of fire’.
4. Mais informações sobre este assunto podem ser encontradas, por exemplo, em *A Doutrina Secreta*, de H.P. Blavatsky, ou em *Fundamentos da Filosofia Esotérica* ou *Man in Evolution* [O Homem na Evolução], de G. de Purucker.
5. Consulte também os três Preposições Fundamentais na contracapa.
6. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume I. Várias edições, p. 16 (edição original em inglês).
7. Bíblia. Gênesis 5:24.
8. G. de Purucker, *The Masters and the Path of Occultism* [Os Mestres e o Caminho do Ocultismo], 1ª edição. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1939. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-masters-and-the-path-of-occultism/>).
9. G. de Purucker, *Man in Evolution* [O Homem na Evolução]. 1ª edição. Point Loma, Califórnia, Theosophical University Press, 1941. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/man-in-evolution/>).
10. Ver ref. 1, p. 413, nota de rodapé (edição original em inglês).
11. G. de Purucker, *Studies in Occult Philosophy*. [Estudos em Filosofia Oculta], 1ª edição. Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1945, p. 125, artigo: ‘The child mirrors the race’ [‘A criança reflete a raça’]. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/>).
12. G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. 2, p. 258, 363. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>).
13. Ver ref. 1, p. 161-162, estrofe 7 (edição original em inglês).
14. Ver ref. 9.
15. Ver ref. 1, p. 413 (edição original em inglês)



Escolas de Mistérios

Ideias-chave

» As Escolas de Mistérios são centros de compaixão em torno de Mestres espirituais. Os fundadores das Escolas de Mistérios eram enviados da Loja da Sabedoria e da Compaixão.

» O objetivo das Escolas de Mistérios é despertar as faculdades interiores do ser humano, para que ele possa empregar sua sabedoria adquirida por si mesmo em benefício de tudo o que vive.

» Os ‘mistérios menores’ representavam, na forma de uma encenação dramática repleta de simbolismo e com uma base moral, o que ocorria nos ‘grandes mistérios’.

» A decadência interior levou ao fechamento das Escolas de Mistérios.

» A força interior por trás das Escolas de Mistérios, a Loja da Sabedoria e da Compaixão, estará sempre presente.

» Por meio do Movimento Teosófico moderno, mais ensinamentos dos Mistérios tornaram-se de domínio público

As correntes de inspiração provenientes das Escolas de Mistérios às vezes são visíveis, mas geralmente passam despercebidas pelo ser humano que se concentra nas preocupações cotidianas e nas turbulências do mundo. O que são as Escolas de Mistérios? Por que elas atuam em segredo?

Desde a fundação da Sociedade Teosófica, em 1875, foi gradualmente revelado, por meio de H.P. Blavatsky, de seus Mestres e, posteriormente, de seus sucessores, como as correntes de inspiração provenientes do plano espiritual fluem para o mundo. Isso teve início com o despertar da humanidade pelos Mānasaputras, os filhos da mente, que, há 18 milhões de anos, despertaram nosso pensamento, conforme explicamos no artigo anterior. Mesmo após o despertar da capacidade de pensamento, a inspiração continuou, assim como, na verdade, há inspiração contínua proveniente da Hierarquia da Compaixão. Um marco seguinte em nossa evolução foi a fundação das Escolas de Mistérios, há cerca de quatro a cinco milhões de anos.

A necessidade de sigilo

Os Mānasaputras aceleraram nossa evolução em muitos éons. De outra forma, teríamos nos desenvolvido muito mais lentamente. Essa aceleração, porém, teve um preço. O momento em que eles conseguiram despertar nosso pensamento ocorreu antes de termos atingido o ponto

mais baixo de nosso desenvolvimento material. Um ponto em que o desejo pela vida exterior é mais forte e, com isso, também a ilusão de que nos imaginamos separados da unidade espiritual é mais intensa. Nosso pensamento autônomo, que normalmente só começaria a funcionar após esse ponto mais baixo, pôde agora ser empregado para perseguir esses desejos externos: por bens, por status, por poder. Algo que ainda hoje podemos observar.

Pois, como seres humanos, como ‘parte intermediária’ em processo de aprendizagem entre a parte imortal e a parte mortal de nossa composição (veja o esquema de nossa composição no primeiro artigo), com o despertar de nossa autoconsciência, ganhamos a possibilidade de nos identificarmos com um dos dois extremos em nós mesmos. Por um lado, a parte humana superior, que se reencarna e que, com autoconsciência, nutre pensamentos e ideais altruístas, universais e compassivos. Ou, por outro lado, com a parte humana inferior e pessoal em nós, que se imagina separada do todo, com pensamentos egocêntricos, limitados e limitantes, o que faz com

que nos deixemos guiar, de forma mais inconsciente, pelos desejos e tendências inferiores. E, no ponto mais baixo de nossa evolução, a atração por essa parte inferior era a maior. E assim chegamos diretamente à razão para a criação das Escolas de Mistérios.

Pois vamos percorrer rapidamente a evolução inicial do pensamento humano autônomo. Isso começou há cerca de 18 milhões de anos com o despertar dos Mānasaputras, conforme explicado no artigo anterior. O ser humano era como um ‘semelhante a um deus’, ainda que inconscientemente. Ainda não havia mal, nem egoísmo, pois o ser humano seguia, quase instintivamente, a orientação sábia de seres mais avançados.

Posteriormente, em conexão com o afundamento cada vez mais profundo do ser humano na matéria, foram instituídas dinastias divinas: uma sucessão de governantes divinos e iluminados, reis-sacerdotes e iniciados que, a partir da sabedoria e da compaixão que desenvolveram por conta própria, conduziram as civilizações da época, assim como haviam feito nas classes anteriores da escola de evolução humana.⁽¹⁾ Mas quando o desejo começou a dominar cada vez mais o pensamento humano e, com isso, o egoísmo aumentou, surgiram, há cerca de 4 a 5 milhões de anos, as Escolas de Mistérios. Algo a que também se faz referência em Enoque, com a afirmação de que Deus o levou embora.⁽²⁾ Isso significa que os ‘Enochs’ ou ‘Enoichions’, os Videntes com seu conhecimento e sabedoria, saíram da vida pública e se retiraram para o oculto. A sabedoria dos deuses, ou Theosophia, precisava ser protegida contra o abuso egoísta por meio do isolamento e do sigilo. A partir daquele momento, a sabedoria passou a ser ensinada diretamente apenas às pessoas consideradas aptas para tal. Elas faziam um voto de não divulgar essa sabedoria. Prometiam utilizá-la exclusivamente para fins altruístas. E, à medida que demonstravam, por meio da disciplina, ser capazes de colocar essa sabedoria em prática em suas vidas, podiam receber mais sabedoria. Assim surgiram diferentes graus de treinamento. Esse sigilo existia para evitar o uso indevido do conhecimento, mas também para impedir que a sabedoria se degenerasse. Quando as pessoas recebem conhecimento, mas ainda não são capazes de compreendê-lo, pode acontecer que transmitam coisas que não foram ditas ou que não foram assim pretendidas, o que sempre acarreta grandes consequências kármicas e morais. Além disso, tratava-se também de um conhecimento que não era isento de perigo. Os ensinamentos mais profundos tratam, entre outras coisas, da vida e da morte, bem como da possibilidade de preservar a consciência durante esses processos cíclicos.

Sem a orientação adequada e a preparação moral suficiente, é muito arriscado entrar em contato com os reinos invisíveis e com os seres que neles habitam.

Por fim, os próprios Mestres espirituais precisavam ser protegidos tanto contra uma espécie de veneração cega – da qual ninguém realmente se beneficiaria – quanto contra a perseguição, pois seu conhecimento impedia que outros continuassem a abusar de seu poder sobre o povo ignorante. Por isso, eles não podiam mais atuar publicamente nessa qualidade, como acontecia durante as dinastias divinas.

Devido a esse sigilo, pouco se sabia entre a população em geral sobre o conteúdo dos mistérios; apenas a existência das escolas era de conhecimento público, por meio dos chamados ‘mistérios’, como explicaremos a seguir. A partir de 1875, mais informações foram divulgadas por meio da literatura teosófica.

O que são as Escolas de Mistérios?

A palavra ‘mistério’ vem do grego: ‘muo’, que significa manter os lábios fechados, e ‘mustēs’, que significa iniciado, referindo-se ao primeiro grau de iniciação, no qual o discípulo passava a estar sujeito ao sigilo a partir daquele momento. As Escolas de Mistérios são centros em torno de Mestres espirituais, em torno de um foco de compaixão. Os fundadores das Escolas de Mistérios eram enviados da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Devido ao caráter oculto das Escolas de Mistérios, os membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão podiam continuar a difundir sua sabedoria com base na compaixão entre seu seletivo grupo de alunos e, assim, exercer indiretamente uma influência harmoniosa sobre o mundo. Nesse ambiente, as pessoas podiam ser treinadas e auxiliadas em seu desenvolvimento espiritual, após o que lhes era dada a opção de se tornarem membros ativos daquela Loja da Sabedoria e da Compaixão. Uma Escola de Mistérios pode ser vista como uma universidade para a alma humana. Os alunos estudam principalmente os mistérios da natureza interior do ser humano e, com isso, também a estrutura do cosmos. Nas Escolas de Mistérios, os alunos se empenham, por meio da autodisciplina e da dedicação, em se tornarem um com seu deus interior em prol da compaixão. As escolas atuam com base na compaixão, em prol da compaixão.

Muitas Escolas de Mistérios atuavam em torno de grandes templos ou monumentos sagrados. Para o ocidental, as Escolas de Mistérios da Grécia Antiga são as mais conhecidas, como as de Eleusis, Samotrácia e Delfos. Além disso, Pitágoras, Platão e Asclépio tinham suas próprias Escolas de Mistérios. A grande pirâmide de Gizé, no Egito, também

era um monumento de iniciação ligado a uma Escola de Mistérios. Originalmente, as pirâmides não eram, portanto, tumbas dos faraós. Só se tornaram isso depois que a civilização entrou em decadência e a sabedoria se perdeu. A construção das pirâmides revela um tesouro de conhecimento esotérico e habilidades, tanto dos arquitetos quanto dos construtores. No México e no Peru também podem ser encontrados monumentos semelhantes a pirâmides que estavam ligados a Escolas de Mistérios, como os de Teotihuacán.

Stonehenge, na Inglaterra, Newgrange, na Irlanda, e Karnac, na França, são outros vestígios conhecidos de monumentos ligados às Escolas de Mistérios, cujas construções, por si só, já são enigmáticas. Cada um deles foi construído em torno de uma determinada posição do sol. Certas condições cósmicas são propícias à iniciação, como, por exemplo, as transições entre as estações. Além de determinados momentos, certos locais na Terra podem ser propícios, mas as iniciações não dependem diretamente disso. Devido ao caráter íntimo e sagrado das iniciações, os mistérios costumavam ocorrer em segredo, por exemplo, em espaços subterrâneos, às vezes longe do mundo habitado.

Na tradição dos druidas, por outro lado, não se encontram edifícios, pois eles costumavam realizar suas reuniões em cavernas e florestas. Na Índia, encontram-se templos em cavernas parcialmente ocultos em torno de uma Escola de Mistérios, como em Karli ou Elefanta.

O que era ensinado?

O que era ensinado nas Escolas de Mistérios? Em resumo: a síntese entre Religião, Filosofia e Ciência. Essas três disciplinas não eram separadas umas das outras nas Escolas de Mistérios. Elas formam um *todo*, pois a verdade e a sabedoria são uma só, e essa sabedoria única é ensinada em todas as suas facetas.

A Religião investiga o ‘para que’ ou o ‘o quê’ das coisas em sua essência: o que é a vida em essência, quem somos nós, como seres humanos, em essência e para que vivemos? A Filosofia trata do ‘por que’ de tudo, da interligação de todas as coisas. Por que vemos o que vemos? Por que as Leis da Natureza estão interligadas? Por que algo é correto ou justo? E a Ciência investiga mais o ‘como’ das coisas. Como tudo se encaixa? Como algo funciona? Por que uma determinada consequência sempre se segue a uma determinada causa? Elas são inseparáveis. Todas as três emanam de nossa consciência humana e, juntas, formam nossa capacidade de investigar a verdade, explicá-la e nos tornarmos um com



Samothrace, Newgrange e Karli.

ela. Para o verdadeiro pesquisador da verdade, esses três aspectos estão sempre interligados.

As diversas disciplinas científicas que conhecemos hoje também têm, portanto, sua origem nas Escolas de Mistérios. Nelas, não se observavam apenas os fenômenos externos, mas também – e sobretudo – se estudava a vida por trás desses fenômenos. Assim, a astrologia e a astronomia eram ensinadas como uma única disciplina. Não se tratava apenas de saber medir e calcular o movimento dos corpos celestes, mas também das características das consciências cósmicas que atuavam por meio deles. O mesmo vale, por

exemplo, para a matemática e a teoria da harmonia. Não se tratava apenas de cálculos, mas também da proporção correta das coisas, da harmonia do conjunto dos seres no cosmos. Todas as ciências que conhecemos hoje – química, meteorologia, geologia, zoologia, botânica – já eram estudadas nas Escolas de Mistérios. O mesmo vale para a filosofia e a religião: os mistérios do Cosmos, a origem divina do ser humano, mas também a legislação e a organização do Estado faziam parte dos ensinamentos, mas, mais uma vez, como reflexo das leis universais e da hierarquia na natureza viva.

Além disso, a linguagem, as artes e os ofícios – da arquitetura ou construção civil à agricultura – têm sua origem nas Escolas de Mistérios. E, em tempos antigos, quando o corpo ainda era visto como algo sagrado – como um templo para a alma –, também se ensinava o funcionamento oculto do corpo humano e como mantê-lo em bom estado, utilizá-lo adequadamente ou, eventualmente, curá-lo. Assim, entre outras coisas, a medicina, a higiene e até mesmo o canto e a dança faziam parte dos ensinamentos. Em resumo: tratava-se de um ensino da Theosophia em todos os seus aspectos. Com o objetivo de: tornar-se essa sabedoria. E aqueles que, movidos pela compaixão, desejavam tornar-se colaboradores da Escola dos Mistérios, tinham a oportunidade de aprender a verdade sobre todas as coisas e, por fim, vivenciá-la por si mesmos.⁽³⁾ Pois, após os graus em que o conhecimento era ensinado, isso se transformava no processo de iniciação ou experiência autônoma: os Mistérios maiores.

Os Mistérios maiores e menores

Embora, historicamente, saibamos pouco sobre os Mistérios, uma vez que os ensinamentos e processos exatos eram mantidos em sigilo absoluto, esses centros são conhecidos há muito tempo em todo o mundo e em todas as épocas. Isso se deve principalmente aos chamados mistérios menores. Pois neles era narrado, na forma de drama – na forma de uma espécie de peça teatral repleta de simbolismo e com base moral – o que ocorria nos Mistérios maiores. Os ensinamentos sobre a vida eram apresentados de forma velada nos mistérios menores. Isso também se aplicava às experiências pelas quais o iniciado precisava passar para comprovar por si mesmo a veracidade dos ensinamentos. Além disso, os ensinamentos dos Mistérios eram apresentados de forma velada por meio de símbolos – por exemplo, na forma de contos de fadas ou mitos – para estimular a intuição das pessoas de que há algo mais, de que existem explicações para a origem do ser humano e do cosmos, para as leis da

natureza, para a ética e a moral. Pense, por exemplo, no mito de Prometeu ou na história do Gênesis; veja o artigo anterior. Por meio desses mistérios menores, e do simbolismo semelhante presente em muitos mitos e contos de fadas em todo o mundo, podemos, portanto, descobrir algumas coisas sobre o que ocorria nas grandes Escolas de Mistérios.

Esotérico e exotérico

A diferença entre os mistérios menores e maiores aponta para a distinção entre o que chamamos de ‘esotérico’ e ‘exotérico’. A palavra esotérico vem do grego ‘esoterikos’, ‘pertencente ao círculo interno’, de ‘esotero’, ‘mais interno’, e também significa ‘oculto’ ou ‘secreto’. ‘Exotérico’ é o oposto disso e significa ‘abertamente’ ou ‘exteriormente’. É possível encontrar, em todas as religiões mundiais e grandes filosofias do mundo, vestígios desse ensinamento interno ou secreto, que mais tarde passou, em maior ou menor grau, de esotérico para exotérico.

Assim, toda religião mundial original ou grande corrente filosófica do mundo teve suas correntes esotéricas, que mais tarde se tornaram um pouco mais conhecidas e, portanto, exotéricas; pense, por exemplo, nos Upanishads como parte do ramo esotérico do hinduísmo, na Cabala no judaísmo, no gnosticismo no cristianismo, no Mahāyāna no budismo e no sufismo no islamismo. Por meio dos ensinamentos esotéricos, era possível descobrir o significado mais íntimo dos textos religiosos. Essas chaves eram transmitidas, em sigilo, de mestre para discípulo, após os fundadores originais.

Os Mistérios maiores: a iniciação

O objetivo das Escolas de Mistérios era despertar as capacidades interiores do ser humano, para que ele pudesse adquirir, de forma autônoma, conhecimento sobre o Eu e o Universo, a fim de, posteriormente, poder empregar essa sabedoria adquirida por si mesmo em benefício de tudo o que vive. Os Mistérios maiores representam os processos de iniciação nos quais o aluno adquire experiência de forma autônoma nos campos da consciência interior.

A iniciação é uma evolução acelerada em prol da compaixão. Os processos de iniciação não existem para servir ao aluno individualmente, mas para, a partir da compaixão, ajudar os alunos que desejam trabalhar pela compaixão, que desejam tornar-se colaboradores da Loja da Sabedoria e da Compaixão.

Assim como os Mānasaputras despertaram nosso pensamento e, com isso, aceleraram nossa evolução em muitos milhões de anos, da mesma forma os alunos passam, por

meio da iniciação, por um processo mais ou menos semelhante. Eles se treinam para desenvolver algo em si mesmos de forma acelerada, para despertar algo em si mesmos e dar-lhe vida. Trata-se de ativar os aspectos superiores da consciência do pensamento e, paralelamente, de controlar os aspectos inferiores. Com isso, o aluno passa a ter total controle de si mesmo em todas as circunstâncias. Nos graus superiores de iniciação, o objetivo é comprovar certos ensinamentos com base na própria experiência.

O aluno é preparado para entrar, de forma autônoma, em regiões internas. Reinos internos pelos quais todos nós passamos durante o sono e a morte. Atualmente, fazemos isso inconscientemente, pois ainda não estamos familiarizados com eles. E, por isso, pouco aprendemos com essa experiência. Nos Mistérios, ensina-se como podemos manter nossa consciência durante esses processos. Lá, o aluno, caso seja considerado apto para isso e esteja suficientemente preparado por seu mestre, acaba sendo submetido a um teste. Trata-se, portanto, de passar pelo ciclo da vida e da morte, mas de forma consciente. Com isso, podemos experimentar por conta própria e comprovar efetivamente as Leis da Natureza, como a ciclicidade ou a reencarnação, o karma e as hierarquias da consciência.

Além dessa experiência autoconsciente da verdade dos Ensinamentos dos Mistérios, ocorrem também, durante os diversos níveis de iniciações, encontros com a própria natureza divina interior em diferentes níveis. Nas iniciações superiores, fala-se até mesmo de uma identificação, em maior ou menor grau, com essa natureza interior. De certa forma, a pessoa torna-se, em parte, um veículo para a própria divindade interior. Algo que também é retratado em diversas religiões, por meio de vários mitos e narrativas. Um exemplo disso é a auréola, a coroa de raios divinos ou coroa de luz que paira acima da cabeça, retratada tanto em imagens de Buddha, quanto em imperadores romanos e santos cristãos. (o que não significa necessariamente que todas as figuras mostradas fossem, de fato, iniciadas nesses reinos superiores; o significado do símbolo pode ter se perdido com o passar do tempo).⁽⁴⁾

Além disso, as provas fazem parte das iniciações: o aluno também atravessa reinos que, em termos de nível de consciência, às vezes são mais baixos ou mais densos do que este mundo terreno, e, com isso, deve provar que é capaz de permanecer em contato com seu 'Eu Superior' nessas circunstâncias.

O objetivo de tudo isso é que o aluno alcance, assim, um certo nível de maestria que lhe permita ajudar a humanidade com as próprias experiências e percepções pelas quais

passou durante a iniciação. Ele poderá atuar como professor e inspirar outras pessoas. E poderá ajudar outras pessoas a restaurar a desarmonia. Assim, ele também se torna um protetor e guardião desse ensinamento e o transmitirá com pureza, mas apenas àqueles que forem aptos para isso.

Por que as Escolas foram fechadas

Atualmente, todas as Escolas de Mistérios mencionadas acima não estão mais ativas, pelo menos externamente. Não são mais organizados os mistérios menores e as escolas estão fechadas. A última Escola de Mistérios conhecida no Ocidente, a Academia Platônica em Atenas, foi fechada em 529 pelo imperador Justiniano, muito provavelmente a pedido dos próprios mestres.

Pois, lenta mas seguramente, havia ocorrido um declínio. O sigilo havia sido violado e a vida interior por trás da Escola de Mistérios se extinguiu. Esse processo gradual, na verdade, já vinha ocorrendo desde o surgimento das primeiras Escolas de Mistérios. Como escreve Blavatsky: 'Entre o povo, os Mistérios degeneraram em feitiçaria, que mais tarde assumiu a forma de religiões exotéricas, de culto idólatra repleto de superstições.'⁽⁵⁾ Enquanto a fé é justamente algo que não aparece nos dicionários teosóficos, como ela escreve mais adiante.⁽⁶⁾ E vemos na história também quanto sofrimento resultou da luta entre religiões e religiosos que se mantiveram rigidamente apegados à sua própria fé.

Mas o fato de as Escolas de Mistérios não estarem mais ativas externamente não diz nada sobre o que ainda ocorre nas sombras. A força interior por trás das Escolas de Mistérios, a Loja da Sabedoria e da Compaixão, permanece sempre presente e sempre estará presente. Ela apenas se retira da esfera pública durante os chamados tempos inférteis, como Platão os chamava. Em nossa época, por um lado, os Mistérios passaram a ocupar um plano mais secundário e a se tornar mais ocultos; por outro lado, desde 1875, houve também um enorme impulso para tornar mais conhecida a doutrina esotérica.

Escolas de Mistérios nos dias de hoje?

Gottfried de Purucker, o quarto líder da Sociedade Teosófica, escreve que a forma exotérica das Escolas de Mistérios foi amplamente substituída 'pelas diversas atividades do Movimento Teosófico, que é, ele próprio, exotérico como movimento'.⁽⁷⁾ Pois, com o trabalho de H.P. Blavatsky, de seus colaboradores e de seus sucessores diretos, muito mais do que até então era esotérico – parte dos Ensinamentos dos Mistérios – foi revelado e tornou-se exotérico do que

havia ocorrido em milhares de anos. A partir do lançamento de, entre outros, *A Doutrina Secreta*, todo o conteúdo nela contido deixou de ser secreto de uma só vez. Pelo menos não é mais secreto para aqueles que se esforçam para compreender esse livro. Para muitos outros, que não fazem tais esforços, a ‘doutrina’ continua sendo secreta. E essa divulgação pública ocorreu, naturalmente, de forma consciente, sob a orientação daqueles Professores ou Mestres que também atuam por meio das Escolas de Mistérios. É possível deduzir algo da disciplina necessária para ingressar em uma Escola de Mistérios a partir do Voto de Adesão à Seção Esotérica ou Escola Oriental, fundada por H.P. Blavatsky em 1888.

Seria muito extenso abordar isso em detalhes aqui, mas, a título de ilustração, compartilhamos três artigos do Juramento:

- **Artigo 1:** Comprometo-me a procurar tornar a Teosofia uma força viva em minha vida.
- **Artigo 4:** Comprometo-me a travar uma luta contínua contra minha natureza inferior e a julgar as fraquezas dos outros com gentileza.
- **Artigo 5:** Comprometo-me, por meio do estudo e de outras formas, a me capacitar para ajudar e ensinar os outros.⁽⁸⁾

Essas regras (ou artigos) deixam claro que os Mistérios começam em nós mesmos. Isso exige, antes de tudo, um motivo puro e a disciplina necessária para dar vida ao que aprendemos. Não há como resumir isso melhor do que com estas palavras de um dos Mestres: ‘Viva a vida e você conhecerá a Doutrina, pois o conhecimento então lhe será concedido naturalmente.’⁽⁹⁾

Referências

1. H.P. Blavatsky. *A Doutrina Secreta*. Vol. II, p. 429, edição original em inglês.
2. H.P. Blavatsky. *A Doutrina Secreta*. Vol. II, p. 532
3. H.P. Blavatsky. *Collected Writings, [Escritos Compilados]*. Vol. XIV. p. 255.
4. G. de Purucker. *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. p. 426. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>
5. H.P. Blavatsky. *A Doutrina Secreta*. Vol. II, p. 281
6. H.P. Blavatsky. *A Chave para Teosofia*, Capítulo 6. Muitas edições.
7. G. de Purucker. *Studies in Occult Philosophy [Estudos em Filosofia Oculta]*, 1ª edição, Covina, California, Theosophical University Press. (‘Mystery-Schools of today’ [‘Escolas de Mistério da Atualidade’]. p. 636
8. H.P. Blavatsky, *Escritos Compilados*, Volume XII. *The Meaning of a Pledge [O Significado de um Voto]*. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1980, p. 506.
9. See ref. 4, p. 508.



Impulsos espirituais antes da chegada de H.P. Blavatsky em 1875

Ideias-chave

» Os impulsos espirituais remetem à Teosofia como fonte (reconhecível pelos três preposições fundamentais). Eles são orientados principalmente pela compaixão.

» Os impulsos espirituais geralmente surgem em sintonia com os ciclos da natureza. As eras ou ciclos são períodos de vida das consciências, nos quais e com os quais mantemos uma colaboração.

» Os impulsos espirituais compartilham uma única fonte: a Loja da Sabedoria e da Compaixão. Eles se complementam e nunca se contradizem.

» Os impulsos espirituais apelam à divindade interior do ser humano, ao seu próprio livre arbítrio.

» Há uma linha ininterrupta de inspiração que pode ser percebida em todo o mundo e de século em século.

Em todo o mundo e em todas as épocas, sempre houve impulsos de sabedoria, compaixão e paz. Em nossa memória coletiva, muitas vezes associamos indevidamente esses impulsos espirituais a uma única pessoa, que parecia surgir tão repentinamente quanto desaparecia: Krishna, Buddha, Pitágoras, Lao-Tse, Jesus, Platão, Maomé, etc.

No entanto, os impulsos espirituais não existem isoladamente. Quem se dedica a investigar descobre que, do Oriente ao Ocidente, é possível traçar linhas de conexão entre os impulsos espirituais, seus contextos e sua continuidade, desde o passado remoto até a história recente. Com a chegada de H.P. Blavatsky em 1875, essas linhas se unem e voltam à tona.

Neste último artigo, gostaríamos, para começar, de mostrar como é possível reconhecer que a Teosofia foi divulgada em todo o mundo e em todas as épocas. Faremos isso com base nos impulsos espirituais mais recentes. E estamos nos referindo, em particular, a um período de cerca de três mil anos. Trata-se de um período sobre o qual também dispomos de alguns registros históricos no âmbito externo. Esses três mil anos, na escala de tempo da evolução da humanidade neste planeta – conforme explicamos em artigos anteriores – podem ser comparados a apenas meia hora de uma vida inteira. Voltaremos a refletir sobre essa escala de tempo da evolução humana e destacaremos alguns ciclos importantes que desempenham um papel nela.

Com isso, podemos demonstrar que

esses impulsos, na verdade, se sucedem ininterruptamente. São os pulsos do batimento cardíaco espiritual que fornecem incessantemente à humanidade inspiração, sabedoria e compaixão, em todo o mundo e em todas as épocas.

Refletiremos sobre os impulsos espirituais no Oriente e no Ocidente. Neste artigo, serão mencionados muitos nomes e conceitos provenientes de tradições de todo o mundo. Utilizamos os nomes dos Mestres e os ensinamentos dessas tradições principalmente para ilustrar que eles compartilham a mesma Loja de Sabedoria e Compaixão como fonte e difundem a mesma sabedoria universal, ou Teosofia. É claro que apontaremos esses princípios universais, e, se você se apegar a eles, continuará enxergando a floresta por entre as árvores!

Como reconhecer a sabedoria universal ou Teosofia nos impulsos espirituais?

Teosofia significa sabedoria divina ou sabedoria dos deuses. Isso aponta para uma sabedoria que tem sua origem em planos de consciência que transcendem o humano, que se elevam acima dele, o que também é designado como divino. Mas essa sabedoria não deriva sua autoridade apenas de sua fonte, mas sobretudo por ser universal.

E, portanto, também pode ser encontrada em nós mesmos. É uma sabedoria que sempre existiu, que sempre existirá e que também pode ser encontrada em todo o mundo e em todas as épocas. Portanto, não se trata simplesmente de uma corrente filosófica ou de uma religião, como o budismo, o platonismo ou o cristianismo. Essas correntes, em sua origem, nada mais são do que um reflexo da Teosofia, mas apresentadas e expressas por um Gautama Buddha, um Platão ou um Jesus de Nazaré, na linguagem e em consonância com a cultura de sua época. É claro que Buddha não anunciou que iria trazer o budismo, mas trouxe a sabedoria que acumulou para servir à humanidade com compaixão. Essa sabedoria universal, ou Teosofia, pode ser reconhecida por meio dos três princípios fundamentais, os três postulados, que podem ser lidos na capa de nossa revista. Resumidos brevemente como:

1. ausência de limites
 2. ciclicidade
 3. igualdade fundamental ou ‘como acima, assim abaixo’.
- Para começar, apresentamos alguns exemplos de como é possível reconhecer esses três princípios nas grandes tradições religiosas e filosóficas em todo o mundo.

A ausência de limites nas tradições mundiais⁽¹⁾

Como não é possível expressá-lo em termos humanos, no hinduísmo utiliza-se apenas a palavra ‘Aquilo’, tradução de *Tat*, para designar o princípio ilimitado do qual tudo provém.

No budismo, fala-se de *Śūnyatā*, ou seja, ‘o Vazio’. Não é possível atribuir-lhe quaisquer características. Ele transcende nosso mundo de fenômenos.

Na Edda escandinava, também se encontra esse conceito de Vazio ou Profundidade, ao qual chamam de *Ginnungagap*.

No *Popul Vuh* guatemalteco, ele é chamado de ‘o Grande Mar do Espaço’. Espaço é uma metáfora que se encontra com frequência para designar o princípio ilimitado. Ele é desprovido de características, não pode ser apalpado nem percebido por si só, mas, ao mesmo tempo, é impossível imaginá-lo ausente de qualquer lugar.

Na Babilônia, havia um conceito semelhante, *mummutiamatu*, ou ‘grande mar’ ou ‘profundidade’.

Na China, falava-se de *Tsi-Tai*, o Auto-Existente ou a escuridão desconhecida.

Lao-Tse falava do ‘Tao que não pode ser nomeado’, que é o único Tao verdadeiro.

Na *Bíblia* hebraica, é chamado de ‘o abismo’.

Na *Cabala* esotérica, *Ain Soph*, que significa ‘sem limites’. Os antigos gregos tinham o conceito de Caos, que originalmente também tinha o significado de ‘Vazio’, mas que mais tarde passou a designar justamente ‘a Plenitude’. Um paradoxo interessante que também reflete a ideia budista de que a plenitude do mundo dos fenômenos é inerentemente vazia.

A escola de Demócrito e Epicuro falava da ‘Profundidade’, e outros filósofos gregos, como Anaxímenes e Anaximandro, e mais tarde também Platão e os neoplatônicos, referiam-se ao *Apeiron*, ou seja, à ausência de limites.

Os druidas da Europa Ocidental falavam da ‘Virgem Negra’, da qual tudo provinha. Algo que corresponde àquela ideia chinesa de algo que é Auto-Existente e obscuro.

Os cristãos gnósticos também falavam da ‘Profundidade’ e, por fim, *Alá* é descrito no Islã como ‘o TODO’, que não pode ser representado, pois também não é possível estabelecer qualquer semelhança.

São todos conceitos semelhantes que denotam algum aspecto do princípio da ilimitabilidade, do espaço infinito ou da duração eterna, que não pode ser nomeado nem compreendido, mas que também é impossível de ser excluído de qualquer contexto.

Ciclicidade nas tradições mundiais

O princípio da ciclicidade também pode ser encontrado nas grandes tradições religiosas em todo o mundo.

No hinduísmo, por exemplo, diz-se: O Universo vive em Brahma, provém dele e retornará a ele.⁽²⁾

No budismo, fala-se da gota de orvalho que retorna ao oceano resplandecente.⁽³⁾

No *Tao Te Ching*, de Lao-Tse, está escrito: ‘O movimento do Tao é o retorno (a si mesmo)’.⁽⁴⁾

O apóstolo Paulo afirma na *Bíblia* do cristianismo: ‘Pois n’Ele vivemos, nos movemos e existimos’.⁽⁵⁾

No *Alcorão* islâmico encontramos a frase: ‘A Alá pertencemos, e a Ele retornaremos’.⁽⁶⁾

Todas essas reflexões ilustram o princípio da ciclicidade. Além disso, a doutrina da reencarnação é comum no Oriente, e também o era no Ocidente, no antigo Egito e na Grécia antiga. Também no cristianismo primitivo era uma

doutrina aceita.⁽⁷⁾ Seria exagero aprofundar esse assunto aqui, mas há muitas evidências a favor disso.

‘Como acima, assim abaixo’ nas tradições de todo o mundo

Por fim, o terceiro princípio básico, que descreve a igualdade fundamental de toda a vida, pode ser resumido no axioma hermético ‘como acima, assim abaixo’ e que também implica que todo ser possui, em essência, potencialidades ilimitadas.

É possível reconhecer isso no *Chhândogya Upanishad*, um texto esotérico hindu, na afirmação: ‘Tat twam asi’ (‘Tu es Aquilo’) Krishna diz no *Bhagavad-Gītā*: *Aham Ātman*, eu sou o Ātman; minha morada está no coração de cada ser.⁽⁸⁾ No budismo, há a ideia de que todo ser possui, em essência, a natureza de um Buddha⁽⁹⁾ e, com o tempo, se tornar um Buddha.⁽¹⁰⁾

Platão escreve em seu diálogo *Timeu*:

‘As almas têm os mesmos princípios e estrutura que a Alma do Mundo.’⁽¹¹⁾

E os estoicos falam da miscelânea de tudo com tudo.⁽¹²⁾

Zaratustra, da tradição persa, ensina: ‘pois quem conhece a si mesmo, conhece em si mesmo o TODO’.⁽¹³⁾

O conhecido lema que estava inscrito acima do Oráculo de Delfos, na Grécia, também aponta para isso: ‘Homem, conheça a si mesmo’.

Lao-Tse, da China, expressa isso da seguinte forma: ‘Aqueles que conhecem os outros são sábios. Aqueles que se conhecem a si mesmos são iluminados’.⁽¹⁴⁾

E no *Novo Testamento* encontramos a declaração de Jesus: ‘O Reino de Deus está dentro de vós’.⁽¹⁵⁾

Esperamos ter demonstrado, com esses exemplos, que as três ideias centrais da sabedoria universal, ou Teosofia, podem ser encontradas em todo o mundo. Que isso também seja verdade em todas as épocas, explicaremos mais adiante.

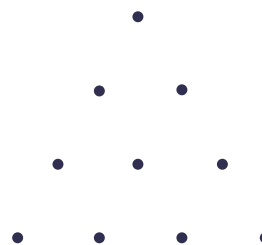
O cosmos como um todo vivo

As três ideias centrais da Teosofia conduzem ao que também pode ser chamado de princípio espiritualista. Isso significa que, por trás de todos os fenômenos externos, há uma força subjacente em ação. Por trás de tudo o que percebemos no plano material, atua a consciência. E essa consciência é, em essência, ilimitada.

Se o você raciocinar de forma coerente a partir desse princípio, construirá uma imagem do cosmos como um todo vivo. Se nos limitarmos ao nosso próprio planeta, um ser vivo no Sistema Solar vivo, descrevemos no primeiro artigo que ali se distinguem diferentes reinos da natureza,

diferentes classes de consciência. Cada ser passa por cada uma dessas classes para adquirir experiência. Assim, a consciência se desenvolve do mineral à planta, do animal ao ser humano e, por fim, a um ser supra-humano, ou seja, divino. E também dentro desses reinos da natureza, distinguimos diferentes fases de evolução que se sucedem ciclicamente.

Essa evolução cíclica está relacionada à ideia do que se ‘vida dentro da vida’. Assim como nós, seres humanos, passamos por nossa evolução dentro de um ciclo de vida do Vigilante Silencioso deste planeta Terra. A Terra é, em outras palavras, uma hierarquia de vida, uma cooperação de consciências liderada por um hierarca com um determinado campo de influência. Cada vida faz parte de uma hierarquia e é, por sua vez, uma hierarquia em si mesma, assim como nosso corpo também é composto por inúmeras células vivas. A Tetraktys, que conhecemos por meio de Pitágoras – um nome que encontraremos mais adiante – ilustra isso muito bem.



Cada ponto é uma mônada que coopera com outras mônadas. (Veja também o quadro sobre ‘A Mônada’ no segundo artigo desta edição). A ideia de vida dentro da vida, ciclos dentro de ciclos, oferece, portanto, uma perspectiva interessante sobre o que realmente são as eras ou os períodos de tempo.

Vida dentro da VIDA, ciclos dentro dos CICLOS

As eras ou ciclos são períodos de vida de consciências mais avançadas, com as quais mantemos uma relação de cooperação. Os conceitos orientais *kalpa* e *manvantara* são exemplos disso. Um *kalpa* ou um *mahā-manvantara* é o período de vida de um planeta ao longo de suas sete voltas. Isso também é chamado de ‘dia de *Brahmā*’, com duração de 4.320.000.000 de anos. O ‘dia de *Brahmā*’ refere-se a um ser cujo nível de consciência se eleva tão acima do nosso que toda a evolução pela qual passamos como humanidade neste planeta, ao longo de mais de quatro bilhões de anos, é, para esse ser, como um dia. *Manvantara* é uma palavra em sânscrito que significa ‘entre dois manus’. *Manu* representa, nesse contexto, um conjunto de seres ou entidades.

Portanto, trata-se, também aqui, de períodos de vida de seres. *Mahā* significa grande.

No primeiro artigo, falamos sobre os Vigilantes Silenciosos. Trata-se de seres que já aprenderam tudo dentro dessa hierarquia, mas que, por compaixão, ‘aguardam’ conscientemente para ajudar todos os seres da hierarquia em sua evolução. Existe, assim, um Vigilante Silencioso para cada hierarquia ou ciclo. Um Vigilante Silencioso Cósmico para o nosso Sistema Solar, um para cada planeta do nosso Sistema Solar, um Vigilante Silencioso para cada reino da natureza nesse planeta, como a humanidade, o reino animal ou o reino vegetal, e um para cada fase evolutiva desses reinos: as rondas e as classes.

Todos os Vigilantes Silenciosos trabalham em conjunto e formam a Hierarquia da Compaixão. Eles são os transformadores da compaixão cósmica que transmitem a inspiração do alto para o baixo. Essa inspiração se estende da consciência mais avançada até o nível mais elementar de um determinado ciclo, passando por diversos elos intermediários.

Impulsos cíclicos da Compaixão

No primeiro artigo, mencionamos que a Hierarquia da Compaixão sempre atua de acordo com as leis da natureza. Isso significa também que atua em sintonia com os diversos

ciclos. É possível identificar Vigilantes Silenciosos para cada um dos sete grandes períodos evolutivos da humanidade: as ‘rondas’ que duram 616.896.000 anos⁽¹⁶⁾ e as sete ‘classes’ dentro cada ronda que levam de um a várias dezenas de milhões de anos (os períodos exatos não são especificados na literatura teosófica). Além disso, há também, para cada classe, os chamados *Yugas*. Trata-se de períodos de milhões de anos que se sucedem em duração e se relacionam na proporção de 4:3:2:1. O mais curto é o *Kali-Yuga*, de 432.000 anos. Em seguida, há o Ciclo de Precessão, de 25.920 anos, dos quais muitos estão contidos em um *Kali-Yuga*. Este é também o período em que o eixo da Terra, que gira como um pião, completa uma volta inteira. Um duodécimo do Ciclo de Precessão é o chamado Ciclo Messiânico, de 2.160 anos. Este é o ciclo em que também surgiu H.P. Blavatsky, sucedendo a Jesus, o Nazareno.

Há ainda o ciclo secular. De acordo com a Teosofia, no último quarto de cada século surge um Mestre ou mensageiro. E, naturalmente, esses ciclos se sobrepõem a ciclos maiores, como no caso da vinda de H.P. Blavatsky em 1875, quando um ciclo secular, um ciclo messiânico e talvez períodos de tempo ainda maiores se sobrepuseram.

Como em cima, assim abaixo: na verdade, há um fluxo contínuo de inspiração, tanto interior quanto exterior, mesmo que nem sempre reconheçamos esses impulsos. Às vezes, os Mestres ou mensageiros surgem sem se revelarem de forma muito clara. Aliás, isso costuma ocorrer quando o mundo ainda não está suficientemente aberto a isso. Não sabemos quais atividades de preparação ou encerramento ocorreram nas áreas internas. E temos poucas informações sobre a qual grupo espiritual essas atividades se destinam. E há também a inspiração proveniente de pessoas que realizam algo no mundo, sem que elas próprias percebam que estão sendo inspiradas.

Pois, embora a Hierarquia da Compaixão sempre atue em sintonia com os ciclos cósmicos, não se deve ver isso como uma espécie de relógio automático! Os impulsos são sempre direcionados, em primeiro lugar, a partir da compaixão, e, ao mesmo tempo, há respeito pelo livre arbítrio; e essa interação é determinante, não o fato de tudo ocorrer na exata hora, de acordo com o ritmo! Como diz Krishna no *Bhagavad-Gītā*:

Eu me produzo entre as criaturas, ó filho de Bharata, sempre que há um declínio da virtude e uma insurreição do vício e da injustiça no mundo; e assim eu me encarno de era em era para preservar os justos, destruir os ímpios e estabelecer a retidão.⁽¹⁸⁾

Ciclos dentro de ciclos

Os números abaixo são aproximados: trata-se de processos e ciclos de seres vivos dotados de livre arbítrio, o que leva a ajustes, da mesma forma que podemos acelerar ou desacelerar nossos batimentos cardíacos.

1 kalpa, manvantara ou Dia de Brahmā: 4.320.000.000 anos (equivalente a 1 ciclo de vida do nosso planeta Terra)

Composto por: 7 rondas de dezenas de milhões de anos

Cada Ronda é composto por: 7 *classes evolutivas* de dezenas de milhões de anos

Cada classe evolutiva é composto por *Mahā-Yugas* que totalizam 4.320.000 anos, sucedendo-se na seguinte ordem:

Satya-Yuga: 1.728.000 anos

Tretā-Yuga: 1.296.000 anos

Dwāpara-Yuga: 864.000 anos

Kali-Yuga: 432.000 anos

Cada Yuga é composto por ciclos de precessão de 25.920 anos

Cada ciclo de precessão é composta por 12 ciclos messiânicos de 2.160 anos

Ciclos messiânicos são compostas por diversos ciclos seculares e ciclos anuais, que incluem os solstícios e equinócios anuais.

Isso demonstra que a compaixão é a característica fundamental na vida dos Mestres e mensageiros da Hierarquia da Compaixão. Quando há necessidade, eles oferecem ajuda. Como esses impulsos espirituais se disseminam?

Como os impulsos espirituais se disseminam

Gottfried de Purucker descreve como a inspiração flui continuamente a partir do ‘Oriente Místico’.⁽¹⁹⁾ E, ao fazer isso, ele não se refere a um local específico; trata-se de um sinônimo para o Coração do Universo, a Hierarquia Cósmica da qual fazemos parte. Esse fluxo é transformado por meio de nosso próprio Sol espiritual. Estamos falando, portanto, do Sol Místico e não apenas de seu corpo exterior, que observamos diariamente. Esse fluxo entra em nossa Terra pelo Polo Norte Místico. Também nesse caso, não se trata do Polo Norte exterior, mas de uma região de consciência espiritual invisível para nós, que nas tradições orientais também é designada como a montanha Meru. Através do Polo Norte, esse fluxo segue para o umbigo da Terra, a localização da Grande Loja ou Loja Central — Śambhala. Este é o local da Loja da Sabedoria e da Compaixão na Terra, invisível para o ser humano comum. Este é o nosso lar espiritual, onde também reside o Vigilante Silencioso da humanidade, o *Mahā-Chohan*. Todas as Escolas de Mistérios, Lojas Nacionais ou sociedades esotéricas ainda em atividade em todo o mundo, que protegem ou difundem a Teosofia, estão intimamente ligadas a ela como filiais dessa Loja Central.

É a partir dessa Loja que os mensageiros se manifestam entre os homens. E, neste momento, a Teosofia exotérica ou pública é difundida por meio do Movimento Teosófico, que a HPB deu início. Embora outras organizações exotéricas — como certas correntes filosóficas ou religiosas — também possam, consciente ou inconscientemente, ainda divulgar partes dessa sabedoria e, quando possível, serem utilizadas pelos Mestres para esse fim, desde que a compaixão seja a motivação deles.⁽²⁰⁾ No entanto, em muitas dessas organizações, o fogo espiritual enfraqueceu ou ficou obscurecido pelo egoísmo, pelo poder, superstição etc. Além disso, como já foi dito, pessoas individuais altruístas também podem, de forma mais ou menos consciente, servir de instrumento para a transmissão de impulsos de sabedoria ou compaixão.

Do Oriente para o Ocidente

Os impulsos espirituais se espalham por toda parte e em todos os momentos. No entanto, de modo geral, é possível observar um movimento do Oriente para o Ocidente. Isso

está relacionado às correntes que percorrem a Terra, indo do Nordeste para o Sudoeste e com a localização da Grande Loja em algum ponto das planícies tibetanas, cercada por uma cadeia da majestosa cordilheira do Himalaia, onde muitos mensageiros também são treinados e preparados para o trabalho. Trata-se, aliás, de uma região, que para nós, pessoas comuns, é inacessível e até mesmo invisível. Portanto, não tem nada a ver com os países e povos do Oriente tal como os conhecemos. Portanto, não se deve confundir a sede da Loja da Compaixão com países ou pessoas concretas e amplamente conhecidas daquela região.

Os impulsos espirituais transmitidos nos países ocidentais têm, portanto, origem oriental: um fato praticamente desconhecido no Ocidente.

No que diz respeito à difusão desses impulsos espirituais, um conceito importante é o de *guruparamparā*.

Guruparamparā – transmissão de impulsos espirituais

Esse conceito deriva de *Guru* (que significa Mestre) e *-paramparā*, que significa ‘duas vezes além’, ou seja, ‘linha’, ‘sucessão’ ou ‘série ininterrupta’. Refere-se à série ininterrupta ou sucessão de Mestres em uma determinada tradição de sabedoria. No Ocidente, esse conceito também é conhecido como ‘Cadeia de Hermes’.

Ele aponta para duas coisas: em primeiro lugar, a sucessão ou série de Mestres que se estende para cima ou para baixo, dependendo do ângulo de visão em termos de qualidade espiritual. Assim, já indicamos que existem Vigilantes Silenciosos em cada esfera, desde a mais cósmica até o próprio indivíduo, que colaboram entre si, desde os domínios internos até os externos. Assim como há um Vigilante Silencioso para a humanidade, um para cada ciclo e um para cada classe dentro dele. O *Mahā-Chohan*, ou Mestre-Professor, orienta os Mestres, e estes, por sua vez, orientam seus alunos ou *chelas*. Esses *chelas* são, principalmente, os mensageiros que, a cada século, divulgam algo da Teosofia entre as pessoas ou, de outra forma, atuam nos bastidores em prol do bem-estar da humanidade. A seguir, citaremos alguns exemplos disso.

Em segundo lugar, o conceito de *guruparamparā* remete à sucessão temporal. Nesse contexto, cada Mestre é sucedido por outro que seja considerado adequado para o cargo e que seja treinado para garantir que o impulso possa prosseguir ininterruptamente. As verdadeiras Escolas de Mistérios, as sociedades esotéricas e, na medida do possível, também suas organizações exotéricas, procuram, tanto quanto possível, reproduzir essa hierarquia natural ou *guruparamparā*.

Antes de aprofundarmos os diversos impulsos espirituais, porém, é importante também refletir sobre a seguinte questão: como reconhecer um Mestre em tal *guruparamparā*? Como saber se ele é um representante da Hierarquia da Compaixão?

Como reconhecer um Mestre?

Em primeiro lugar: esse Mestre atua a partir da compaixão, em prol da compaixão. Ele (e, ao dizer ‘ele’, referimo-nos igualmente a uma ‘ela’) trabalhará, portanto, sempre ‘de graça’ e nunca pedirá dinheiro. Ele atua com base no conceito de unidade e fraternidade. Ele sempre apela à divindade interior do ser humano, ao livre arbítrio, e, portanto, nunca tornará os outros dependentes nem exercerá poder sobre eles.

Ele também trabalha exclusivamente com voluntários, pessoas que, movidas pela compaixão e pelo livre arbítrio, se oferecem para se tornarem seus colaboradores e terem acesso à sua sabedoria. Ninguém será forçado nem remunerado por ele para isso.

Ele nunca se apresentará como a fonte ou o criador da sabedoria que transmite, mas sempre se referirá à Teosofia como fonte, (sob vários nomes), que, por sua vez, recebeu de seres ainda mais avançados do que ele. Frequentemente, ele também reaviva a sabedoria de um ciclo anterior ou de um impulso espiritual. Assim como Gautama, o Buddha, por exemplo, restaurou o declínio dos ensinamentos hindus de um ciclo anterior, e os ensinamentos de Jesus, o Nazareno – que podem ser lidos no *Novo Testamento* – claramente renovam e refinam os do *Antigo Testamento*.

E, por fim, nos ensinamentos de um Mestre da Loja da Sabedoria e da Compaixão, é sempre possível reconhecer os três preposições fundamentais: o princípio da ausência de limites ou da infinitude, a ideia de ciclicidade, e as potencialidades infinitas inerentes ao próprio ser humano. No entanto, isso pode, por vezes, ser expresso por meio de comparações ou metáforas, dependendo do voto de sigilo que se aplica aos ensinamentos (veja também o artigo anterior). Cada um deles transmitiu sua mensagem em uma cultura de uma determinada época, para pessoas de uma determinada época, e, portanto, só podem ser bem compreendidos de acordo com as terminologias e imagens mentais daquela época.

Impulsos espirituais adequados à cultura e à época

Conforme explicado acima, a fonte original dos impulsos espirituais é sempre a mesma. A forma de apresentação, no

entanto, é diferente – ou parcialmente diferente – em cada cultura e época. Se estudar a literatura oriental, com, por exemplo, de um lado, muitos milhares de sutras budistas, ou uma fonte que consiste em apenas 81 paradoxos em 5000 caracteres chineses, é possível reconhecer plenamente nelas os mesmos pensamentos teosóficos.

Considere, por exemplo, termos budistas como *Nirvāna* ou *Śūnyatā*. Houve muitos equívocos sobre esses conceitos quando foram introduzidos no Ocidente. *Nirvāna* significa, traduzido literalmente, ‘extinção’. No Ocidente, por muito tempo interpretamos essa tradução literalmente, como se um ser fosse, de fato, se dissolver no nada ao ‘apagar-se’. Mas entrar no Nirvāna não é um esvaziamento literal; trata-se, na verdade, de se fundir com o supremo, o oposto do esvaziamento. Apenas a parte inferior, material, de um ser é ‘esvaziada’.

E *Śūnyatā*, o ‘vazio’, não significa que os budistas busquem o vazio. Como se fossem uma espécie de niilistas que negam que qualquer coisa realmente exista. Enquanto que, se quisermos imaginar o supremo, tão elevado quanto pudermos, não é possível atribuir-lhe uma forma, pois, ao fazê-lo, estamos a revesti-lo. Assim como no Alcorão está escrito que não se deve representar Alá, o conceito de *Śūnyatā* do budismo pode ser interpretado nessa mesma esfera.

Lao-Tse resume isso muito bem no primeiro paradoxo de seu *Tao Teh King*, ao dizer: ‘quanto mais você o deseja, menos você o vê’. Pois quanto mais se aborda algo com desejo, mais se fica obcecado por isso e mais limitada se torna a sua visão.

Adumbração

O desafio que todo Mestre ou mensageiro enfrenta é transmitir a sabedoria que adquiriu a partir de um determinado nível de consciência a pessoas que ainda não possuem, a não ser de forma latente, as mesmas qualidades de consciência. Assim como, na verdade, todo professor enfrenta o desafio ao dar aula de matemática e precisar começar pela adição e subtração, utilizando exemplos simples que as crianças possam compreender. Esse processo é exatamente o mesmo quando se trata de divulgar a Teosofia. Ao mesmo tempo, os Professores devem preservar a pureza de sua mensagem. Uma meia-verdade ou uma verdade mal compreendida pode, às vezes, causar mais mal do que bem. Eles sabem que têm a responsabilidade de proteger as pessoas contra o perigo potencial de seu conhecimento, pois conhecimento é poder. Assim como você não deixa crianças brincarem com fogo.

O conhecimento altamente esotérico e profundo pode ser muito difícil de compreender para quem ouve falar dele

pela primeira vez. Uma maneira de torná-lo mais adequado para uma introdução gradual pode ser designada pela palavra ‘adumbração’. Isso significa, literalmente, ‘sombra’. Refere-se a um esboço fugaz e vago de algo. No início, os Professores apresentam seu conhecimento de forma conscientemente esboçada, para torná-lo adequado a um estudo que se desenvolva de forma mais gradual.

E isso exige que os estudiosos expandam, por assim dizer, sua consciência, seu pensamento e suas qualidades espirituais. Eles devem se treinar para compreender e assimilar os conceitos esboçados. Assim, os ensinamentos vão sendo preenchidos de forma lenta, mas segura. Segue-se mais conhecimento, ensinamentos mais profundos, sabedoria mais espiritual.

Isso também significa que o conhecimento divulgado, as diversas publicações, não contêm a palavra final. Para a sabedoria profunda e esotérica, é necessária uma expressão muito melhor, mais elevada e muito mais espiritual, mas que ainda não é compreensível nem acessível para nós, seres humanos.

Tradução e decadência

No período inicial da atuação de Blavatsky, foi dedicado um trabalho imenso para traduzir adequadamente pensamentos e conceitos do Oriente para o Ocidente, geralmente para o inglês. Em muitos casos, optou-se também por manter o sânscrito original e, em seguida, explicar o conceito a partir do sânscrito. A enorme vantagem disso é que, ao estudar e compreender melhor esse termo sânscrito, ele pode permanecer o mesmo, mas a imagem a ele associada pode continuar a se expandir. Um exemplo é a palavra sânscrita *Dharma*, que pode ser traduzida de forma muito simples como ‘lei’. Contudo, uma lei, segundo o significado teosófico, é muito mais do que uma lei elaborada pelos seres humanos. Uma lei é, na verdade, um padrão de comportamento de seres mais avançados, ao qual se submetem manifestações inteiramente cíclicas. Seres que se desenvolvem seguindo o mesmo plano de etapas, por exemplo. Portanto, é essencial fazer a tradução correta dos conceitos, para evitar que os ensinamentos se degenerem. Atualmente, muitos Mestres, como Gautama, o Buddha, Jesus, o Nazareno, e Amônio Sacas, nunca escreveram nada por conta própria. Isso foi feito posteriormente por seus discípulos. Lao-Tse ou Platão são exceções a essa regra.

O *Novo Testamento*, por exemplo, só surgiu em suas primeiras formas de publicação cerca de trezentos anos após o falecimento de Jesus, o Nazareno. É por isso que ele é chamado, por exemplo, de o evangelho *segundo* Mateus.

Com a difusão do budismo da Índia para países do norte, como o Tibete, a China e o Japão, muitos sutras foram traduzidos para o tibetano, o chinês, o japonês, e assim por diante. Ao longo de mil anos, certas publicações originais em sânscrito se perderam. Alguns sutras foram posteriormente retraduzidos pelos chineses de volta para o sânscrito. É possível imaginar o impacto disso na preservação da pureza e da vitalidade dos conceitos fundamentais.

Ora, conceitos provenientes de uma língua e tradição não podem ser transferidos de forma exata para outra. Nesse contexto, um tradutor não tem como evitar dar uma determinada interpretação. Considere o exemplo do *Tao Te King*, de Lao-Tse, do 6º ou 5º século a.C. Existem, em inglês, cerca de 150 traduções diferentes dessa obra. Como determinar, então, qual é a correta?

Independentemente das traduções, percebe-se, após mil anos, que uma determinada mensagem de sabedoria se tornou extremamente diluída. Muitas vezes, ainda existe boa literatura, mas ela é interpretada de uma maneira totalmente diferente. Os mesmos conceitos também podem ter adquirido um significado diferente ao longo do tempo. Mesmo na literatura teosófica, apesar de terem se passado apenas 150 anos desde a publicação de certas obras, já estão surgindo reedições com ‘correções’ baseadas em interpretações pessoais. Fazer alterações nas edições originais sem a supervisão do autor é um caminho perigoso que leva à decadência dos ensinamentos.

‘Assim ouvi dizer’

Outra razão para a decadência é que as pessoas passam a considerar a adumbração mencionado anteriormente, o caráter esquemático, de forma excessivamente absoluta. Ou passam a interpretá-lo dessa maneira.

Veja-se o budismo. Em sua origem, trata-se de uma filosofia de vida. Não é uma religião que envolva uma adoração específica. Mas, atualmente, em alguns países, é a religião oficial do Estado. Como isso é possível se existem sutras nos quais o próprio Buddha diz: ‘Não devem me adorar. Não devem me venerar. Devem estudar o que eu ensino?’ Sua mensagem é moldar sua própria vida com base nos ensinamentos, em vez de orar a seres superiores, deuses, buddhas ou bodhisattvas. Isso também não faz sentido, segundo os ensinamentos do Buddha, pois esses seres superiores atuam em harmonia com as leis da natureza e não de acordo com favores pessoais. Você nunca os receberá.

Isso pode ser evitado por meio da atitude conhecida pela expressão ‘Assim ouvi’. Ou seja: estudei isso, foi assim que o recebi e é assim que o transmito. Deixo que os sábios falem,

indicando as fontes. Se praticarmos a disciplina de aplicar isso de forma consistente, evitaremos a decadência e a necessidade de restaurar os ensinamentos com o passar do tempo. Apresentamos agora dois exemplos de difusão de impulsos espirituais no Oriente que se enquadram nos últimos três mil anos: os ensinamentos de Gautama, o Buddha, e os de Lao-Tse.

A difusão do budismo

Uma das razões para o surgimento de Gautama, o Buddha, foi reverter a degeneração e o declínio do hinduísmo. Ele devolveu ao povo comum os ensinamentos esotéricos que os brâmanes mantinham em segredo para si mesmos. Isso faz do budismo uma espécie de renovação, mas, ao mesmo tempo, trata-se de uma filosofia bastante abrangente. Na árvore conceitual acima, é possível observar a difusão do budismo nos primeiros séculos após o falecimento de Gautama, o Buddha.

Quando o Buddha falece e entra no Nirvãna, seus discípulos, seus *arhats* ou *chelas*, a transcrever e publicar seus ensinamentos. Realiza-se também o primeiro concílio, no qual se discute esses textos. Cem anos depois, a chamada tradição *Mahāsāṃghika* já se dividia em dezoito escolas ou correntes, cada uma disseminando diferentes interpretações do budismo. Observa-se então uma divisão entre o *Hīnayāna* e o *Buddhayāna*. *Hīnayāna* significa ‘o pequeno veículo’, enquanto *Buddhayāna* significa ‘o veículo ou o caminho do Buddha’. Desta última surgiu o *Mahāyāna*, que significa ‘o grande veículo’. Dele, surgiram diversas outras escolas, como a *Yogācāra* e a *Madhyamika*. Cada uma dessas escolas possui suas próprias publicações, cada uma com sua ‘matiz’ específica. Ao estudar ambas as correntes, obtém-se uma visão mais clara da fonte original.

Assim, percebe-se com que rapidez tal mensagem se espalha por inúmeros textos: os *Prāṇāpāramitās*, o *Saddharma Pundarīka* ou *Sutra do Lótus*, o *Lankavatara Sutra*, o *Sutra do Diamante*, e assim por diante. É um desafio identificar, em todas essas diferentes formas de apresentação, a ideia central do impulso da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Conforme descrito, os três princípios fundamentais constituem uma pedra de toque essencial para isso. Também é possível reconhecer, em diferentes correntes, uma sucessão de Mestres que trazem à tona, repetidamente, a mesma Teosofia, mas sempre renovada.

Lao Tse e o *Tao Te King*

Outro exemplo da difusão de um impulso espiritual proveniente do Oriente é o *Tao Te King*. Essa obra foi escrita pelo próprio Lao-Tse no final de sua vida, por volta do 6º ou 5º século a.C. Na época, ele não era muito popular na China. Por isso, decidiu ‘voltar para casa’, o que, para ele, significava seguir em direção ao Ocidente, rumo ao Tibete. Ao chegar à fronteira, ele é reconhecido pelo guarda de fronteira. E este diz: ‘Mestre, o senhor não pode ir embora sem deixar nada para trás!’

‘Tudo bem’, diz Lao-Tse, ‘Dê-me apenas um pincel e bambu.’ Em seguida, ele escreveu o *Tao Te King*, em apenas cinco mil caracteres chineses. E partiu.

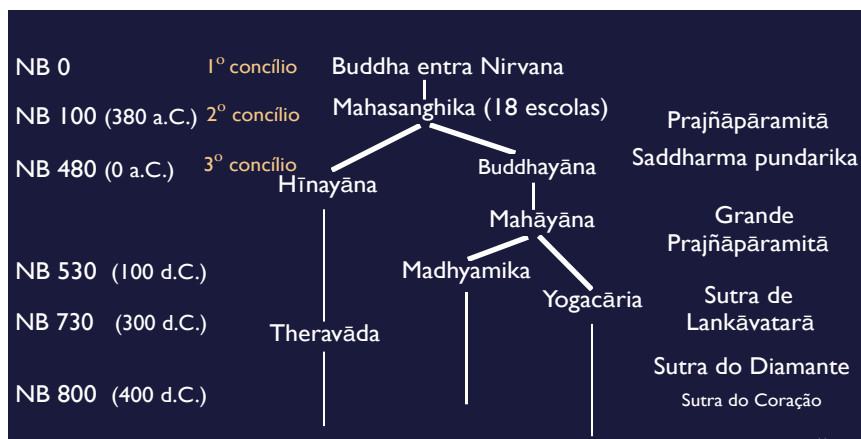
O *Tao Te King* original consistia, portanto, em painéis de bambu amarrados uns aos outros com um pouco de corda. Com o passar dos anos, a corda se desgastou, alguns painéis de bambu se perderam e a ordem original foi perdida.

No 3º século de nossa era, viveu Wang Pi, um jovem inteligente que, desde muito cedo, estudava filosofia e literatura chinesas. Ele reorganizou o *Tao Te King* em sua ordem original, uma ordem que se coaduna com as ideias que conhecemos de *A Doutrina Secreta*, e corrigiu alguns pontos.

Pouco tempo depois, ele faleceu, com apenas vinte e três anos de idade. Pouco antes disso, já sabendo que iria morrer, o próprio Wang Pi afirma que havia vindo para cumprir essa tarefa e que, naquele momento, seu trabalho estava concluído. Esse é um bom exemplo da maneira como a Loja da Sabedoria e da Compaixão envia, periodicamente, seus mensageiros para garantir que a verdade continue a existir no mundo.

Impulsos espirituais no Ocidente

Vamos agora citar alguns impulsos espirituais no Ocidente dos últimos três mil anos, para deixar claro que a Loja da Sabedoria e da Compaixão está ativa em todas as épocas e tradições. Destacamos uma série de ensinamentos



característicos e a transmissão da tradição da sabedoria, seja por meio de uma sucessão direta ou não. Começamos com Pitágoras, com o qual nos conectamos ao Oriente e também incorporamos um pouco da sabedoria egípcia.

Pytágoras (aprox. 570-495 a.C.)

Pitágoras era originário da Ásia Menor, a atual Turquia. Ele é conhecido, entre outras coisas, pela afirmação: ‘Tudo é vibração’, em consonância com a afirmação de *A Doutrina*



Secreta de que o movimento é a única realidade. O conceito de mônada – o núcleo imortal e, em essência, ilimitado de todo ser vivo – é abordado na doutrina de Pitágoras. Ele também é conhecido pelo símbolo da Tetraktys, embora, segundo Blavatsky, não tenha sido seu inventor, uma vez que este tem origem oriental.⁽²¹⁾

Os pitagóricos ensinavam ainda a *metempsicose*, ou migração da alma, um aspecto da doutrina da reencarnação.

Ele foi o primeiro a utilizar a palavra grega ‘filósofo’, alguém que possuía sabedoria sobre as forças subjacentes que mantêm o universo unido. Ele próprio era modesto demais para se autodenominar assim. Os *Versos de Ouro* pitagóricos contêm dez virtudes, análogas às dez pāramitās do budismo.

A maioria das pessoas, naturalmente, também conhece o Teorema de Pitágoras. Isso demonstra que a ciência, a filosofia e a religião, em sua época, eram vistas como um todo, como três perspectivas sobre a sabedoria eterna.

Pitágoras baseou-se na sabedoria antiga de diversas tradições. Ele foi iniciado nos Mistérios de Orfeu, que, como Blavatsky indica, na verdade tinham origem na Índia.⁽²²⁾ Além disso, Pitágoras estudou por vinte e dois anos no Egito e acabou sendo iniciado nos Mistérios do Templo de Tebas. Com isso, ele também conseguiu que os orientais compartilhassem com ele o conhecimento dos sábios do Oriente.

Pitágoras influenciou muitos filósofos da Grécia Antiga e, posteriormente, filósofos ocidentais que vieram depois dele, como Platão, os neoplatônicos, hermetistas como Paracelso e também cientistas como Galileu. Pitágoras já ensinava o sistema heliocêntrico, por exemplo.

Platão (c. 427-347 a.C.)

Uma segunda figura-chave na tradição ocidental é Platão. Citaremos aqui algumas ideias centrais na filosofia de Platão. Em primeiro lugar, a união com o divino.⁽²³⁾ Esse

era o apelo de Sócrates. Sua essência é a seguinte: ‘Ó Pai Zeus, conduza-me a uma vida em que o homem exterior na Terra e o homem interior sejam um só!’⁽²⁴⁾



Platão é mais conhecido por sua Teoria das Ideias. Em resumo, ele afirma que existe um mundo interior de Ideias imortais e universais que precede o mundo exterior dos fenômenos. A Ideia do Bem se eleva acima de todas as outras ideias, situando-se ainda acima de conceitos como a Verdade e a Beleza. O Bem é a Ideia

da qual essas ideias derivam sua verdade e beleza. Também as virtudes como a justiça, a sabedoria, a coragem e o auto-controle provêm dela. Segundo Platão, a Ideia do Bem não pode ser limitada por nenhuma definição ou descrição, em consonância com o primeiro princípio fundamental da Teosofia.

O segundo princípio fundamental também é encontrado em toda parte. Platão, por exemplo, refere-se em diversos trechos à doutrina da reencarnação, como no diálogo *Fédon* ou no último capítulo de *A República*.

E também o terceiro princípio fundamental se encontra muito claramente em Platão. Alguns exemplos de seus diálogos:

- ‘A vida é auto-movimento.’ (a capacidade de agir e reagir)⁽²⁵⁾
- ‘Todas as almas são imortais e eternas.’⁽²⁶⁾
- ‘Tudo o que existe é composto pelo uno e pelo múltiplo, e abrange em si mesmo o finito e o infinito.’⁽²⁷⁾
- ‘As almas têm os mesmos princípios e estrutura que a Alma do Mundo.’⁽²⁸⁾

Platão era, portanto, segundo um de nossos professores teosóficos, um teosofista.⁽²⁹⁾

Outra ideia que surge em Platão é a do rei-filósofo. Ele descreve o ideal de um líder natural entre os homens: alguém que deve ser compelido a assumir sua posição, pois alegrar-se que sempre deve haver alguém ainda mais adequado do que ele. Esse líder é a personificação da justiça natural, que precede e se eleva acima das leis humanas limitadas. Também é possível reconhecer nisso a compaixão. Assim como em sua famosa Alegoria da Caverna. Nela, surge, naquele que foi libertado das correntes da caverna (o mundo exterior) e que descobriu a luz (interior) lá fora, o desejo de indicar aos seus companheiros o caminho para a luz. Para isso, ele deseja retornar à caverna.

Platão utilizava muitas comparações e metáforas, como a da caverna, pois, como iniciado nos Mistérios, não podia

divulgar diretamente certas ideias. Ele próprio afirma a respeito:

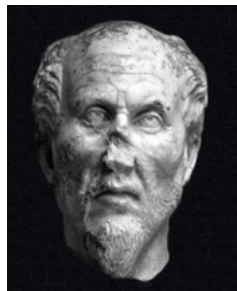
‘Você diz que, em nossa conversa anterior, não expliquei suficientemente a natureza do Primeiro [a Ideia do Bem ou do Um]. Falei deliberadamente de forma enigmática, para o caso de a tábua chegar acidentalmente, por mar ou por terra, às mãos de alguém que, sem conhecimento prévio sobre o assunto, não pudesse compreender seu conteúdo.’⁽³⁰⁾ Eis, mais uma vez, a responsabilidade do mensageiro de transmitir as coisas com clareza.

Platão funda sua Academia em Atenas, sendo que a liderança, após sua morte, é transferida para seu sobrinho Espeusipo, dando início a uma nova cadeia de Hermes ou sucessão de Mestres.

Plotino (c. 205-270) e Alexandria

Nos séculos II e III d.C., uma nova escola foi fundada em Alexandria por Amônio Sacas. Alexandria era uma metrópole renomada naquela época, onde se reuniam as mais diversas filosofias e crenças, do Oriente ao Ocidente: budismo, platonismo, sabedoria egípcia, sabedoria persa, seitas judaicas, os primeiros cristãos, etc. O objetivo de Amônio

era reunir todas essas religiões sob a única sabedoria universal que constituía a fonte de cada uma delas. Daquela época também remonta a palavra ‘Teosofia’. Sacas, no entanto, não deixou nada por escrito, e tudo o que sabemos sobre ele e seus ensinamentos provém principal-



mente de seu aluno Plotino e do aluno de Plotino, Porfírio. Como se baseiam principalmente em Platão, a escola ficou posteriormente conhecida como a dos neoplatônicos.

Plotino é conhecido, entre outras coisas, por sua doutrina sobre o UM. Ela é equivalente à ideia de Platão sobre o UM ou a Ideia do Bem. Plotino conseguiu ser mais explícito sobre essa ideia do que Platão em sua época. Plotino também ensinou o processo de emanação: a ideia de que tudo emana ou flui do UM e também retorna ciclicamente para o UM. Ele ensinava uma doutrina idêntica à do Vedânta, a saber, que a Alma Espiritual, que emana do princípio Divino do UM, após sua jornada, volta a se unir a Ele.

Para concluir, uma citação de Plotino como ilustração da Teosofia daquela época:

‘Nosso pensamento não pode compreender o UM, enquanto qualquer outra imagem permanecer ativa na alma. Por isso, é preciso libertar a alma de todas as coisas externas e voltar-se inteiramente para dentro de si mesmo, sem

qualquer inclinação para o que está lá fora, e livrar o pensamento das formas ideais, assim como antes dos objetos sensoriais, e até mesmo esquecer-se de si mesmo, para assim alcançar a visão do UM.’⁽³¹⁾ Isso se alinha perfeitamente com o que Lao-Tse escreve sobre a impossibilidade de perceber o Tao enquanto ainda se tem desejos.

H.P. Blavatsky fala em *A Chave para Teosofia* sobre a Escola Neoplatônica como uma precursora dos teosofistas. Eles também eram chamados de *Philalethen*, amantes da verdade.⁽³²⁾

Há também menção a um claro *Guruparamparā*. A Escola Alexandrina era uma espécie de cópia da Escola de Platão. E os neoplatônicos, após a Escola de Alexandria, também reconstruíram a Escola de Platão em Atenas, depois que esta havia sido destruída no século I a.C. Alguns mestres e seus alunos que se sucederam em uma dessas escolas foram: Amônio de Sacas, Plotino, Porfírio, Jâmblico, Hipátia,

Proclo e Damásio. Este último foi um dos últimos sete filósofos da Academia de Platão em Atenas antes de ela ser fechada em 529 pelo imperador Justiniano. Ele encontrou refúgio junto ao imperador persa Cosroes. Um fato importante, como veremos mais adiante.

Com os neoplatônicos, já nos encontramos nos primeiros séculos de nossa era. É claro que não podemos ignorar outro grande impulso quando falamos do Ciclo Messiânico:

Jesus, o Nazareno (século I a. C.)

O mensageiro Jesus, o Nazareno merece uma série inteira de artigos. Jesus era o que, na Teosofia, é chamado de fenômeno avatarico: uma colaboração temporária entre diversos seres que torna possível a manifestação ou encarnação de um ser divino. Um mistério.⁽³³⁾



Um de seus ensinamentos centrais era: ‘O Reino de Deus está em vós’. ‘Amai a vossa divindade acima de tudo. E, da mesma forma: amai o próximo como a vós mesmos.’

Com isso, ele substituiu o ensinamento mosaico da vingança e do ‘olho por olho, dente por dente’ – que ainda pode ser encontrado no

Antigo Testamento – por um ensinamento de perdão, tal como se encontra no *Novo Testamento*. Menos conhecido é o fato de que Jesus era chamado de Nazareno, não tanto porque era natural de Nazaré – como a Igreja Ortodoxa tenta nos fazer acreditar – mas porque pertencia aos nazarenos, uma seita judaico-budista da Síria, parte do grupo

mais amplo dos essênios. Também no Sermão da Montanha reconhecemos a forte influência do budismo. Basta compará-lo com o *Pratimoksha sutra* budista para perceber as semelhanças.⁽³⁴⁾

O impulso de Jesus continua atuante, embora o ensinamento tenha degenerado rapidamente em muitas superstições nas diversas seitas e igrejas após a morte de Jesus. Isso não impede que a doutrina cristã, em sua essência, contenha sabedoria universal, como o ensinamento do amor ao próximo e do perdão, presente no já mencionado Sermão da Montanha. Todas as religiões exotéricas tiveram, em sua origem, impulsos da Teosofia, na qual a religião, Filosofia e Ciência caminhavam lado a lado. Isso também se aplica ao Islã, especialmente em sua Era de Ouro, entre os séculos VIII e XIII.

Filosofia islâmica (séculos VII a XIII)

O Islã teve início com o profeta Maomé (570-632). Ele surgiu numa época em que os árabes eram um povo rude e indisciplinado, com pouco senso ético.⁽³⁵⁾ As tribos árabes estavam constantemente em guerra umas com as outras; havia muita violência.

Maomé é conhecido pela frase *La ilaha illa' llah*: 'Não há outro Deus além de Deus'. Isso pode ser interpretado como um Deus pessoal, exterior a nós. Contudo, acreditamos que essa tenha sido, antes, a maneira de Maomé se adequar àquela época. Também é possível interpretá-la como o divino, o Uno, o Todo, o divino que está em toda parte e em lugar algum.

O fato de o Islã também reconhecer profetas anteriores, como Adão, Enoque, Noé, Abraão, Moisés e Jesus, indica que a noção de Deus é algo universal.

Nos primórdios do Islã, os dogmas religiosos também eram submetidos à investigação filosófica. Se Alá é igual ao Todo, como isso se explica? Ele pode ter atributos se é universal? O renomado filósofo islâmico Avicena, por exemplo, apresentou uma prova filosófica da existência de Deus, que aponta muito mais para uma concepção universal do divino. Algumas de suas afirmações são: 'o mundo é infinito'. Ou: 'a necessidade da existência em si mesma', pois, segundo Avicena, uma origem deve ser algo que não seja contingente, ou seja, que não decorra de outra coisa. Se você começar a falar sobre isso, já se torna contingente. Deve haver, necessariamente, uma coisa que não seja contingente e que exista em si mesma – e à qual você já faz injustiça apenas ao lhe atribuir um nome.

Encontra-se aqui, portanto, uma explicação semelhante à do primeiro princípio fundamental: tudo o que se diz a

respeito disso o diminui, o limita. Só é possível expressá-lo por meio de negações.

Aliás, Avicena também ensinava a ideia de emanção.

Na chamada 'Idade de Ouro do Islã', entre os séculos VIII e XIII, religião, filosofia e ciência não eram separadas. Muitos filósofos dedicavam-se tanto à religião quanto à ciência: à matemática, à astronomia ou à medicina. Bagdá era, naquele período, o centro da civilização. O ambiente intelectual era muito livre, aberta e tolerante. A filosofia, por vezes, entrava em contradição com o *Alcorão*. Infelizmente, mais tarde, assim como aconteceu com a Igreja Cristã, surgiu um certo dogmatismo e os dissidentes passaram a ser perseguidos. Ao passo que o *Alcorão* afirma: 'Não há coação na religião'.⁽³⁶⁾

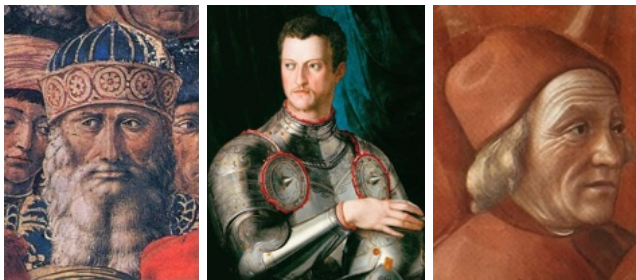
Já mencionamos que, após o fechamento da Academia em Atenas, os sete filósofos remanescentes, entre os quais Damásio, encontraram abrigo na corte do imperador persa Khosru. Um fato importante, pois, com isso, os ensinamentos de Platão e dos neoplatônicos chegaram ao mundo persa e, posteriormente, ao mundo islâmico! E isso acabou por ter um impacto significativo para despertar a Europa da escuridão da Idade Média, com o...

Renascimento, os Rosacruz e a Reforma (séculos XIII a XVII)

...Renascimento! Nesse contexto, três figuras assumem destaque: o bizantino Gemisto Pletão (c. 1355-1454), Cosme de Médici (1389-1464) e Marsílio Ficino (1433-1499).

Gemisto nutria grande interesse por Platão e, por isso, também se autodenominava Pletão. Aos 83 anos, teve a honra de acompanhar o imperador bizantino em uma visita a Florença. Durante sua estada, proferiu palestras sobre o platonismo e o zoroastrismo, que contaram com a presença de muitos jovens florentinos. Um de seus alunos ocasionais foi Cosme de Médici, filho de um banqueiro da rica e influente família dos Medici. Este ficou tão impressionado com o entusiasmo de Pletão que decidiu fundar uma Academia Platônica em Florença. Em 1462, a Academia de Platão foi fundada em Florença por Cosme de Médici, que nomeou Marsílio Ficino para dirigi-la.

Ficino era o médico da família de Médici e um especialista em grego antigo. Cosme providenciou todas as obras originais em grego de Platão e dos neoplatônicos, que haviam permanecido bem preservadas e disponíveis, sobretudo graças ao mundo islâmico! Ficino traduziu todas essas obras de Platão e dos neoplatônicos para o latim. Há ainda um quarto fundador do Renascimento a ser mencionado nesta lista, Pico da Mirandola, sobre o qual voltaremos em breve.



Gemisto Pletão, Cosme de' Medici e Marsílio Ficino.

Além disso, observamos, nesse período da Idade Média tardia e da Reforma, o surgimento dos Rosa-cruzes, dos alquimistas e dos cabalistas. No século XIII, o alemão Christian Rosenkreuz teve uma visão de Cristo. Ele se dedicava à magia negra. Em sua visão, recebeu uma advertência a esse respeito. Em seguida, fez um voto e, depois disso, desapareceu. Os Rosa-cruzes buscavam unir os mais diversos ramos do ocultismo e logo se tornaram famosos pela extrema pureza de sua vida e por seus poderes extraordinários, bem como por seu profundo conhecimento. Paracelso (1493-1541), Jakob Böhme (1575-1624), também conhecido como 'Teosofista', e Thomas Vaughan (1621-1666) são algumas figuras importantes que desempenharam um papel na difusão da sabedoria antiga, ou Teosofia, por meio das sociedades dos Rosa-cruzes, alquimistas e cabalistas.

Os alemães Johann Reuchlin (1455-1522) e seu aluno Martinho Lutero (1483-1546) foram figuras importantes para a Reforma. Na Holanda, destacaram-se Desiderio Erasmo (1466 – 1536), Guilherme, o Taciturno (1533 - 1584) e Grócio (1583 – 1645), que lutaram pela liberdade religiosa e de consciência e pelos direitos universais. É interessante pesquisar cada uma dessas e de outras figuras da época na literatura teosófica para obter mais informações sobre seu trabalho e seu papel na difusão dos impulsos espirituais desse período.

Destacamos uma pessoa como ilustração do impulso renascentista: Pico della Mirandola.

Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494)

Pico estudou filosofia desde muito jovem, mas também se aprofundou no Islã e nos ensinamentos judaicos. Em 1484, conheceu em Florença Marsílio Ficino, que se tornou seu mestre. Ele tinha apenas 24 anos quando publicou suas novecentas teses. Com elas, procurou, entre outras coisas, harmonizar o islamismo, o judaísmo, o cristianismo e o platonismo. Seu principal objetivo era conciliar as contradições entre



as diferentes tradições e revelar uma verdade universal. Com algumas de suas teses, ele antecipava a grande Reforma. A Igreja, na época, não ficou muito satisfeita com sua publicação e, apesar de sua defesa, suas teses foram rejeitadas e proibidas. Pico foi obrigado a fugir e faleceu aos 31 anos de idade em circunstâncias suspeitas, provavelmente por envenenamento. Como introdução às suas novecentas teses, ele escreveu o *Discurso sobre a dignidade humana*, considerado uma espécie de manifesto do Renascimento. Citamos aqui algumas frases:

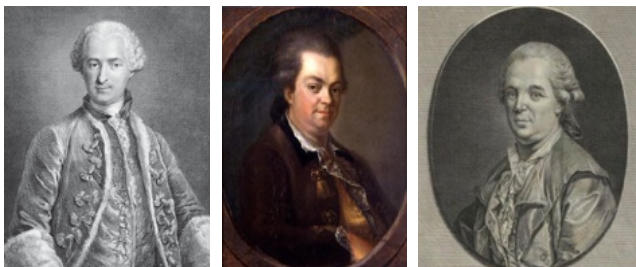
'A você, Adão [o arquétipo do ser humano], não concedemos um local de residência fixo, nem um rosto próprio, nem um dom específico em particular; o objetivo é que você obtenha e possua a morada, a aparência e os dons que você mesmo escolher, de acordo com seu próprio desejo e discernimento. (...) Você não está sujeito a nenhuma restrição. Você determinará por si mesmo sua natureza, de acordo com seu próprio livre arbítrio, ao qual eu o confiei. (...) Como artista livre e soberano, você deve ser, por assim dizer, seu próprio escultor [segundo Plotino] e esculpir a si mesmo na forma que preferir. Você pode degenerar para as formas inferiores, as animais, mas também pode, por sua própria decisão, renascer nas formas superiores, que são divinas.'⁽³⁷⁾

Para quem está familiarizado com a literatura teosófica, é possível reconhecer aqui a Teosofia pura. Com o Renascimento e, posteriormente, a Reforma, começou claramente a soprar um novo vento na Europa Ocidental. Esse vento foi ainda mais avivado no século seguinte.

Revoluções e Maçons (século XVIII)

No século XVIII, o espírito de liberdade de pensamento e de consciência ganhou cada vez mais força na Europa, alimentado ainda por três figuras ligadas ao Movimento Teosófico da época e que também previram as revoluções a que isso levaria: Saint-Germain (1691-1784), Cagliostro (1743-1795) e Mesmer (1734-1815).

Essas três figuras estão envoltas em muitos mistérios, e circulam inúmeras histórias fantásticas a respeito delas. A partir dos diversos relatos, fica claro que cada uma delas possuía dons extraordinários. Sobre Saint-Germain, por exemplo, diz-se que ele falava fluentemente inúmeras línguas: francês, alemão, holandês, espanhol, português, russo e inglês, e que tinha familiaridade com o chinês, o latim, o árabe, o grego antigo e o sânscrito. Era extremamente musical, inteligente e dotado de habilidades sociais, e frequentava as cortes da época, de Paris a Londres e à Haia.



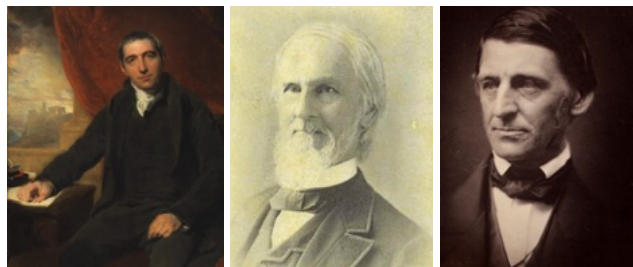
Saint-Germain, Cagliostro e Mesmer

Não para se divertir, mas para realizar trabalho diplomático. Ele sabia que as revoluções de pensamento que se aproximavam também provocariam transformações na sociedade, como na França, e desejava que estas ocorressem da forma mais pacífica possível. Blavatsky o denomina ‘o maior Adepto Oriental que a Europa conheceu nos séculos passados. Mas a Europa não o conheceu de verdade.’⁽³⁸⁾ St. Germain liderou o impulso proveniente da Loja da Sabedoria e da Compaixão no século XVIII, que se manifestou principalmente por meio do médico e cientista alemão Anton Mesmer.

Cagliostro também apoiou esse impulso. Mesmer curava, entre outras coisas, por meio do magnetismo, estimulava a investigação científica desses fenômenos invisíveis e, assim, elevava o pensamento a um domínio mais imaterial. Esses três senhores estavam ligados ao surgimento da Maçonaria no século XVII. O movimento maçônico constituiu uma das manifestações da Teosofia na longa cadeia de Hermes, mais ou menos na sequência do impulso dos Rosa-cruzes, dos quais Cagliostro ainda fazia parte.⁽³⁹⁾

Do outro lado do Oceano Atlântico, entretanto, havia outro impulso em andamento em prol da liberdade de pensamento e do afastamento do poder eclesiástico: a independência americana. Os *Pais Fundadores* e corajosos maçons, como, entre outros, George Washington e Benjamin Franklin, foram inspirados nessa jornada pela obra e pelas ideias de Thomas Paine (1737-1809). A frase de Paine: ‘Meu pensamento é minha própria igreja’ é muito reveladora. Em parte graças às suas ideias, a Declaração de Independência dos Estados Unidos foi redigida sem qualquer referência à fé cristã ou ao Deus cristão, a crença dogmática que, durante séculos, havia impedido o progresso do desenvolvimento humano, do direito e da liberdade. Em vez disso, faz-se referência aos direitos naturais de cada ser humano: como o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade.

Discutiremos agora, por fim, o prelúdio que antecedeu o impulso de Blavatsky em 1875, na primeira metade do século XIX.



Thomas Taylor, Alexander Wilder e Ralph Waldo Emerson.

O prelúdio para 1875

No final do século XVIII, o mundo apresentava uma face totalmente diferente. Além da Revolução Francesa e da Independência dos Estados Unidos, ocorreu também a unificação alemã sob o comando de Bismarck. A França, a Alemanha e a Inglaterra desempenharam, então, um papel na difusão da sabedoria oriental introduzida no Ocidente: na França, por meio do interesse pelas *Upanishads*, na Alemanha por meio do estudo do sânscrito, entre outros, pelo professor Max Müller, e na Inglaterra por meio da colonização da Índia.

Nos Estados Unidos, a influência do platonismo cresceu, em parte graças a figuras que, anteriormente, no âmbito da língua inglesa, deram vida às ideias de Platão, como Henry More (1614-1687) e, principalmente, Thomas Taylor (1758 -1835), que traduziu para o inglês toda a obra de Platão e dos neoplatônicos. Esse trabalho foi aproveitado com gratidão, entre outros, pelo platonista americano Alexander Wilder (1823-1908), que mais tarde ajudou H.P. Blavatsky a escrever seu primeiro livro *Ísis Sem Véu*, e por alguém como Ralph Waldo Emerson (1803-1883), o filósofo transcendentalista, que estudou essas traduções em sua cidade natal, Concord, juntamente com o escritor Henry Thoreau, entre outros. Emerson também é conhecido pelo ensaio *The Over-Soul (A Alma Suprema)*, um termo que foi posteriormente utilizado em *A Doutrina Secreta* na descrição do terceiro princípio fundamental. Uma frase característica desse ensaio que reflete o pensamento teosófico:

No ser humano está a alma do todo; o silêncio sábio; a beleza universal, à qual cada parte e cada partícula estão igualmente ligadas; a UNIDADE eterna.

Uma sequência ininterrupta de inspiração

Abordamos agora os impulsos espirituais no Oriente e no Ocidente, desde três mil anos atrás até 1875. Esperamos ter demonstrado, com isso, que existe uma linha ininterrupta de inspiração que é transmitida de século

em século, de mestre para mestre. E ainda há muito mais que não mencionamos, pois tratamos apenas de um período de três mil anos, com foco em uma pequena parte do mundo. Assim, poderíamos ainda abordar a sabedoria do Antigo Egito, a da América do Norte e do Sul, da África, da Escandinávia, a dos celtas, dos germânicos, da Escola Estóica, da Cabala, ou de inúmeros outros mitos, contos de fadas ou manifestações artísticas, como as obras inspiradas de dramaturgos, de Ésquilo a Shakespeare, de artistas, de Van Gogh a Mondrian, de arquitetos, de Pollio a De Bazel, etc., etc.

Quais são as conclusões que podemos tirar disso?

- Os impulsos espirituais compartilham uma única fonte – a Loja da Sabedoria e da Compaixão.
- Os impulsos espirituais estão presentes em todo o mundo, em todas as épocas e tradições.
- Os impulsos espirituais se complementam.
- Os impulsos espirituais atuam a partir da compaixão pela compaixão (e também sempre ‘de graça’, como, por exemplo, St. Germain, que oferecia seus conselhos e serviços diplomáticos gratuitamente às cortes).
- Apela à divindade interior do ser humano, ao seu próprio livre arbítrio.
- Remetem à Teosofia como fonte (reconhecível pelos três preposições fundamentais).

Referências

1. Todos os exemplos são retirados de: G. de Purucker, *Esoteric Teachings [Ensinaamentos Esotéricos]*, Volume 3. Haia, Países Baixos, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 31.2
2. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, Volume I, p. 8 (edição original em inglês).
3. Edwin Arnold, *A Luz da Ásia*. Publicações diversas, última página.
4. Lao-tse, *Tao Te King*, paradox 40.
5. *Bíblia*. Atos 17:28. Veja também: G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, capítulo 33, p. 445. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>
6. *Alcorão*, Sura 2, verso 156.
7. Veja, por exemplo: W.Q. Judge, *Echoes of the Orient [Ecos do Oriente]*, Volume II, p. 142; Volume III, p. 110-111.

8. *Bhagavad-Gītā*, capítulo 10, sloka 20.
9. Fonte: Wikipédia em inglês, verbete ‘Buddha-nature’.
10. G. de Purucker, *Wind of the Spirit [O Vento do Espírito]*. Covina, Theosophical University Press, 1944, p. 278.
11. Platão, *Timaeus*, 41d-e.
12. G. de Purucker, *Fundamentos da Filosofia Esotérica*. p. 42. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>
13. Pico da Mirandola, *Discurso sobre a dignidade humana*, várias edições.
14. Ver ref. 4, paradoxo 33.
15. *Bíblia*. Lucas 17:21.
16. G. de Purucker, *Esoteric Teachings [Ensinaamentos Esotéricos]*, Volume 4. Fundação I.S.I.S., Haia, 2015, p. 111.
17. Ver ref. 16.
18. *Bhagavad-Gītā*, capítulo 4, verso 6-8.
19. G. de Purucker, *Preceitos de Ouro do Esoterismo*. Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/golden-precepts/>
20. Ver ref. 7, Volume I, p. 270.
21. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*. Volume 1, p. 612 (edição original em inglês).
22. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*. Volume XIV, p. 293.
23. Herke Groot, *Plato en zijn betekenis voor onze tijd [Platão e sua importância para a nossa época]*, Haia, Fundação I.S.I.S., 2017.
24. G. de Purucker, *Three Things to remember [Três coisas a serem lembradas]*, em: *The Theosophical Forum*. Volume XVII, número 5, novembro de 1940.
25. Platão, *Leis* 894c-896d.
26. Platão, *Fedro* 245c-e.
27. Platão, *Filebo* 16c-d.
28. Platão, *Timeu* 41d-e.
29. G. de Purucker, *Studies in Occult Philosophy [Estudos em Filosofia Oculta]*, Covina, California, Theosophical University Press, 1945, p. 553 (pergunta ‘Platão sobre as duas almas do mundo’). (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/studies-in-occult-philosophy/>).
30. Platão, *Epistoles*, II, 312e
31. Plotino, *Enéades*, VI.9.7
32. H.P. Blavatsky, *A Chave para Teosofia*. Várias edições, p. 1.
33. Veja, por exemplo, a palestra *De leer over de Avatāras [A doutrina sobre os Avatāras]* de Herman C. Vermeulen, datada de 13 de março de 2024. (Fonte: <https://youtu.be/48zvnHCzNew>).
34. Veja, por exemplo, a série de artigos *O segredo por trás do Sermão da Montanha em Lúcifer – o Portador da Luz*, no. 2 abril 2026 e no. 3 julho 2026. A Parte 3 ainda não foi publicada.
35. Barend Voorham, *Een andere kijk op de Islam [Uma nova perspectiva sobre o Islã]*, Haia, Fundação I.S.I.S., 1997.
36. *Alcorão*. Sura 2, verso 256.
37. Ver ref. 13, p. 50.
38. H.P. Blavatsky, *Glossário Teosófico*. Várias edições, verbete ‘St. Germain’.
39. H.P. Blavatsky, *Collected Writings*. Volume I. 3rd edição. Wheaton, Illinois, The Theosophical Publishing House, 1988, p. 103-104, *A few questions to Hiraḥ [Algumas perguntas para Hiraḥ]*.



Acolhimento caloroso às ideias teosóficas em Lisboa

Após as reações extremamente positivas do ano passado ao simpósio *Sabedoria Universal* em Lisboa, havia muito entusiasmo para organizar também este ano um simpósio em português. E assim foi feito! O simpósio da Sociedade Teosófica de Point Loma (TSPL), realizado no último dia 11 de outubro, *Quatro ideias para melhorar o mundo*, foi a versão em português dos simpósios holandeses, alemão e ingleses deste ano.

As quatro ideias – Unidade, Solidariedade, Karma e Reencarnação – foram abordadas por três palestrantes: Luíz Torres, Sieglinde Plocki e Barend Voorham. A equipe de palestrantes da TSPL contou ainda com o apoio de cinco membros que também cuidaram da parte técnica e da mesa de livros. A conexão via Zoom, estabelecida a partir da Holanda, serviu de canal de comunicação com o mundo exterior, especialmente para os interessados brasileiros.

Os interessados presentes, além de

um núcleo fixo, demonstraram grande interesse. A maioria ainda tinha ouvido pouco ou nada sobre a Teosofia. No entanto, cada uma das três palestras revelou-se bastante cativante à sua maneira.

Despertou-se uma centelha de compreensão e um interesse mais profundo. Isso também ficou evidente nos workshops, nas quais surgiram muitas perguntas e comentários. As conversas foram verdadeiramente de coração para coração. A explicação sobre o curso *Sabedoria Universal* também despertou interesse. Infelizmente, para os interessados que participaram via Zoom, não foi possível participar de um workshop, mas talvez isso possa ser viabilizado na próxima ocasião. Em termos numéricos, o número de interessados em Lisboa foi modesto, mas a força e o poder de atração que se concretizaram neste 11 de outubro certamente contribuirão para o nascimento e o crescimento de um novo Núcleo teosófico.

Após o término do simpósio, os participantes do simpósio tiraram espontaneamente uma foto em grupo para destacar o sucesso do encontro.



Perguntas e respostas

Será que mais sabedoria teosófica será concedida à humanidade, no futuro, quando a humanidade estiver preparada para isso?

Sim, isso está correto, mas, por enquanto, temos mais do que o suficiente com o conhecimento esotérico que nos foi transmitido desde 1875. Esse conhecimento é amplamente suficiente para os próximos 2.000 anos, e já devemos nos considerar afortunados se conseguirmos assimilar esse conhecimento de maneira razoavelmente adequada.

Haverá muito poucas pessoas capazes de assimilar mais do que aquilo que nos foi concedido até agora. A natureza de cada impulso espiritual está sempre precisamente sintonizada com o que a humanidade é capaz de assimilar. Permitam-me ilustrar isso com um exemplo simples: você também não tentaria explicar a teoria da relatividade de Einstein a uma criança pequena.

Os impulsos espirituais de maior magnitude, como os de H.P. Blavatsky, ocorrem periodicamente, no início ou no fim de um ciclo. Nessas transições de um ciclo para outro, a receptividade é relativamente grande ou a necessidade é relativamente grande. Os Mestres da Sabedoria e da Compaixão são mais sábios do que nós e capazes de ouvir essa ‘batida na porta’ espiritual-ética.

O que se aplica em grande escala também se aplica aos indivíduos. Todo ser humano pode dar a ‘batida na porta’ correta. Não importa, para isso, em que parte do mundo ele resida. Como? Atribuindo ao seu pensamento o mesmo tom fundamental de compaixão e compreensão a partir do qual todos os Mestres da Sabedoria vivem. Então, há ressonância. Os Mestres reagem, por

assim dizer, intensificando, ‘soprando’ a pequena chama da percepção e do esquecimento de si. Essa pessoa talvez receba uma intuição que lhe abra um novo mundo de compreensão. Então, enquanto isso durar, ela se tornará um transmissor de um raio de sabedoria universal para seus semelhantes.

Os Mānasaputras são seres altamente evoluídos?

Não, os Mānasaputras são seres que estão um ou mais passos à frente da ‘escola do reino humano’. Portanto, pertencem a reinos da natureza que se sucedem ao reino humano.

No caminho cósmico do crescimento interior, nós, seres humanos, estamos empenhados em desenvolver e dominar a capacidade de pensamento, o quinto princípio da consciência (*manas* em sânscrito). Os Mānasaputras já fizeram isso. Eles foram, de fato, seres humanos em grandes ciclos anteriores (Manvantaras) e já aprenderam as lições que estamos aprendendo agora. Os Mānasaputras, portanto, já desenvolveram plenamente sua capacidade de raciocínio e são, por isso, capazes de ‘despertar’ a capacidade de raciocínio – antes ainda adormecida – da humanidade incipiente, ‘despertando-a’, ao ‘envolver’ essas pessoas e irradiá-las com sua esfera de influência *manas*. Graças ao estímulo deles, a capacidade de raciocínio passou a ressoar e a se tornar ativa nas consciências que estavam preparadas para isso. Pode-se considerar os Mānasaputras como seres semidivinos, *Dhyān-Chohans* em fase inicial: o termo que designa todos os seres que se desenvolveram mais do que o ser humano. A relação entre os Mānasaputras e os seres humanos pode ser comparada – no que

diz respeito aos princípios – à relação entre os seres humanos e os animais.

Existe uma cooperação mútua entre as diversas Escolas de Mistérios na Terra?

Certamente, e mais ainda, elas formam um todo único. Todas as escolas de mistérios são partes integrantes da Loja da Sabedoria e da Compaixão, a Loja-Mãe. Todas trabalham em prol da humanidade, a partir da consciência de que a fraternidade universal é um fato na Natureza. Sua motivação e objetivo são os mesmos. Portanto, é lógico que trabalhem como ‘os dedos de uma mesma mão’, sob a liderança da Loja central.

Cada grande cultura ou país possui sua própria filial da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Essas filiais atuam, via de regra, em segredo, de forma totalmente desconhecida pelo público. Elas realizam seu nobre trabalho nos bastidores. Nunca se envolvem com política, disputas de poder ou qualquer interesse de grupo, mas inspiram a comunidade com visões e ideais elevados, sempre que possível. Sabe-se que H.P. Blavatsky, durante seus anos de formação (de 1851 a 1875), viajou várias vezes ao redor do mundo, visitando alguns centros para aprender com eles.

As mulheres também eram/são admitidas nas Escolas de Mistérios?

Certamente. H.P. Blavatsky passou por certas iniciações. Na literatura teosófica, também se menciona a existência de várias outras iniciadas.⁽¹⁾ Ao avaliar se alguém é apto a ingressar como aluno em uma Escola de Mistérios, o sexo aparente não é levado em consideração de forma alguma.

O que importa exclusivamente são as qualidades interiores do candidato: que a pessoa tenha demonstrado, ao longo de um longo período, em todos os aspectos da vida, que sua abnegação e sabedoria prevalecem. Portanto, pessoas com um modo de vida ético inabalável. O sexo do nosso corpo é apenas um aspecto externo de nós mesmos: ele faz parte do veículo que o verdadeiro ser humano reencarnante utiliza nesta encarnação. O próprio ser humano reencarnante é assexuado.

A atual separação em sexos dentro da humanidade é um período transitório. Trata-se de uma fase temporária em nossa evolução. Chegará, portanto, um tempo em que deixaremos para trás essa fase – semianimal – e passaremos a nos reproduzir de maneira mais espiritual.

Já hoje existem pessoas que se identificam tão fortemente com sua parte imortal que alcançaram domínio total sobre as partes perecíveis de sua constituição. Elas são capazes de escolher conscientemente, a cada renascimento, se encarnarão em um corpo masculino ou feminino. Diz-se que tais pessoas avançadas costumam escolher um corpo masculino com mais frequência do que um feminino, pois tal corpo apresenta algumas vantagens, entre as quais uma maior estabilidade hormonal. No entanto, às vezes há razões para se optar justamente por um corpo feminino.

Resumindo: o sexo aparente, do ponto de vista do verdadeiro Ser Humano, não tem importância.

Referência

1. G. de Purucker, *Questions We All Ask [Perguntas que todos nós fazemos]*. Volume 1. Point Loma, California, Theosophical University Press, 1929, p. 354. (Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/questions-we-all-ask-series-1-2/>).

De que maneiras a Loja da Sabedoria e da Compaixão oferece impulsos: apenas por meio da divulgação de ensinamentos, ou também por meio de outras formas de apoio?

Esses impulsos vão além da ação externa de divulgar ensinamentos, pois esta última não oferece qualquer garantia de que tais ensinamentos sejam compreendidos e, posteriormente, aplicados com sabedoria na prática.

É necessária, portanto, uma orientação inspiradora e sábia. Um componente fundamental desse impulso é a atuação de um ou mais Mestres espirituais. Seu exemplo, seu modo de vida, inspira muitos a seguirem seus passos – não apenas na época em que viveram, mas também nas muitas gerações posteriores.

Além disso, os Mestres, membros da Loja da Sabedoria e da Compaixão, atuam sempre por meio de múltiplos canais ao transmitir um novo impulso de Sabedoria Universal. Trata-se sempre de trabalho em grupo. Assim, no impulso de 1875, estiveram envolvidos diversos Mestres e, além da representante imediata, H.P. Blavatsky, havia vários outros chelas e colaboradores. Ao ler as Cartas dos Mahâtmas, percebe-se que um número considerável de pessoas esteve envolvido nesse impulso, as quais, sob a inspiração dos Mestres, deram o primeiro impulso para uma mudança no padrão geral de pensamento. Às vezes, as pessoas não têm consciência de que desempenham um papel nesse grandioso processo. Trata-se de indivíduos que, de maneira altruísta, procuram criar um clima mental diferente e, com isso, reformar a sociedade. Todos nós conhecemos exemplos disso. Graças à sua natureza compassiva, eles podem, em um determinado período, tornar-se um canal para os Mestres. Seria possível, por exemplo, que rece-

bessem uma intuição clara, que se tornasse o fio condutor do resto de suas vidas. De onde vem tal intuição? Pode ser da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Devemos perceber que todo impulso espiritual tem como objetivo ennobrecer o pensamento da humanidade e, portanto, atua sobretudo na esfera *espiritual-mental*. Isso significa que, por exemplo, ao lermos um livro de H.P. Blavatsky, a ‘leitura em si’ ainda não necessariamente conduz a uma compreensão mais ampla. O desafio consiste em estar disposto a abandonar suas próprias opiniões arraigadas e buscar, por trás das palavras, o significado mais profundo, as conexões mais profundas, e, a partir disso, extrair consequências para a prática. Somente com tal atitude é que o senhor abre seu pensamento para os pensamentos universais que irradiam continuamente da Loja da Sabedoria e da Compaixão. Só então um texto teosófico pode levar à iluminação interior de seu próprio pensamento e ação. Trata-se, portanto, sempre de conferir ao nosso pensamento um caráter tal que possamos, em nossa consciência, *ressonar* com a sabedoria universal da Loja da Sabedoria e da Compaixão.

Tudo está em evolução. Seria possível afirmar que a Teosofia está em evolução?

Não, esse não é o caso. A Teosofia, que é outra palavra para verdade ilimitada, não é algo que possa se desenvolver. Afinal, somente as coisas que são limitadas podem se desenvolver. E isso se aplica a todos os seres, independentemente do estágio de desenvolvimento em que se encontrem. Todos os seres possuem, em essência, potencialidades ilimitadas, mas sempre conseguem desenvolvê-las apenas até um determinado ponto. Isso também se aplica ao deus supremo que podemos imaginar. A Teosofia, no

entanto, não é um ser. É a formulação divina das leis do Cosmos. Ela é o ‘conhecimento eterno e ilimitado’. Mas o grau em que um ser a compreende pode, naturalmente (para esse ser), crescer cada vez mais, expandir-se cada vez mais.

O que também muda constantemente é a maneira como a Teosofia é apresentada.

A Loja da Sabedoria e da Compaixão ‘apresenta’ a Teosofia periodicamente de uma forma que seja compreensível para nós. Ela faz isso quando a humanidade necessita de um novo impulso espiritual. Nesse momento, a sabedoria universal é moldada de modo a que possa ressoar no pensamento daquela cultura. É apresentada de forma que o maior número possível de

pessoas reconheça seu valor para a solução de seus problemas. E como a humanidade vem crescendo em compreensão e compaixão ao longo de milhares de anos, essas ‘embalagens’ também evoluirão: elas conterão cada vez mais conhecimento. Mas os princípios fundamentais da Teosofia nunca se alteram.

Agenda

Palestras em inglês aos domingos

Todas as semanas, há uma palestra transmitida ao vivo aos domingos, às 19h30 (horário da Europa Central). No dia da palestra, aparecerá uma mensagem em vermelho na página inicial informando que a palestra pode ser acompanhada ao vivo. Clique nessa mensagem e você será redirecionado para a transmissão ao vivo no YouTube. Após cada palestra, haverá uma sessão de estudo interativa via ZOOM. Caso deseje participar desse estudo, inscreva-se em nosso site para que possamos enviar-lhe o link do ZOOM.

Mais informações em: www.blavatskyhouse.org

Visão geral de toda a série 2026-2027

A programação de 2026-2027 possui uma estrutura clara. As palestras de outubro oferecem uma visão geral (uma ‘visão panorâmica’) dos princípios da Teosofia. Nos meses de novembro a fevereiro, nossas palestras são inspiradas nos quatro ‘elos da corrente de ouro’ que H.P. Blavatsky mencionou em seu livro *A Chave da Teosofia*. Trata-se de quatro princípios teosóficos que, quando aplicados, unem a humanidade em uma única família, uma única Irmandade universal. São eles:

- (a) **unidade universal e causalidade;**
- (b) **solidariedade humana;**
- (c) **a lei do Karma;**
- (d) **a reencarnação.**

A série de palestras de março a junho explora nossa origem e nosso lugar no Cosmos, bem como a profunda conexão entre nosso destino e o do Cosmos, proporcionando-nos uma compreensão profunda do significado e das potencialidades da vida.

A lista (em inglês) das palestras:

Universal Wisdom for daily life (introduction to course Universal Wisdom)

- 18 Oct The Unity of Life
- 25 Oct The Mystery of Man

Karma: the universal law of equilibrium

- 01 Nov Is Karma just?
- 08 Nov Karma and Astrology
- 15 Nov How to deal with suffering?
- 22 Nov The end never justifies the means!

Reincarnation: the lost key in Western thought

- 29 Nov The process of dying
- 06 Dec What happens after death?
- 13 Dec Will I become myself again?
- 20 Dec Reincarnation and karma: keys to a just society

No faith, yet Religion

- 10 Jan The divine origin of Man
- 17 Jan Salvation or free will?
- 24 Jan Prayer or meditation?
- 31 Jan The initiation of Epiphany

No inner peace, no outer peace

- 07 Feb The end of wars
- 14 Feb Inspiring Leadership
- 21 Feb Conflict prevention
- 28 Feb Peace education

Esoteric Wisdom in Blavatsky's Books

- 07 Mar The reality of the Universal doctrine - introduction to *Isis Unveiled*
- 14 Mar The origin of the Cosmos - introduction to *The Secret Doctrine, Vol. 1*
- 21 Mar The origin of Mankind – introduction to *The Secret Doctrine, Vol. 2*
- 28 Mar The destiny of Mankind – introduction to *The Voice of the Silence*

Spiritual Science

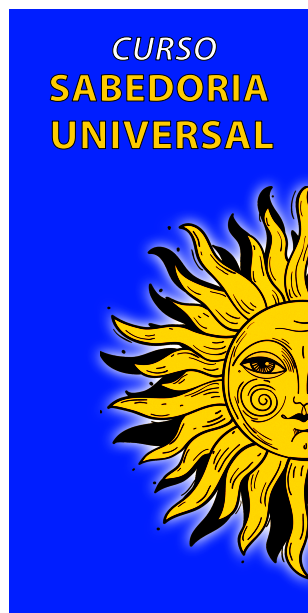
- 04 Apr Theosophia: the synthesis of Religion, Philosophy and Science
- 11 Apr The nature of force and matter
- 18 Apr The scientific impulse of the Renaissance
- 25 Apr Theosophical aspects of space research

History and Future of Humanity

- 02 May Evolution, creation or ...?
- 09 May Does our DNA determine who we are?
- 16 May Will there be an apocalypse?
- 23 May Challenges and opportunities of our current evolutionary cycle

Living in the spirit of Brotherhood

- 30 May *Dharma*: recognize your duties in life
- 06 Jun Social justice worldwide
- 13 Jun Mental resilience
- 20 Jun The future of Humanity



Curso Sabedoria Universal Início em outubro de 2026

Este curso é baseado na Sabedoria Universal. Todos podem conhecer essa sabedoria. Essa sabedoria não é nova; ela é o cerne de todos os grandes sistemas religiosos, filosóficos e científicos.

Ela explica a vida, os processos da natureza e fornece respostas para todas as perguntas da vida. Essa sabedoria tem vários nomes, como Filosofia Esotérica, Chochmah, Prajñāpāramitā, Gupta-Vidyā e Gnoses. Usamos o nome Theosophia.

Neste curso, daremos a você instruções sobre como conhecer essa sabedoria. Isso começa com você mesmo, com a revelação de seu próprio pensamento. Por meio de pesquisas independentes sobre a Sabedoria Universal e do intercâmbio com outros participantes do curso, as ideias se tornarão mais claras. Assim, você construirá gradualmente uma filosofia de vida, que lhe permitirá resolver todas as questões da vida e, assim, contribuir para um mundo mais harmonioso.

O curso será ministrado pelo Zoom.

Para mais informações e inscrições, envie um e-mail para info@blavatskyhouse.org

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwenhand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74, 2518
AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito de
fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.º número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz. Para
subscrições: enviar mensagem para a sede
editorial: luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode ser
reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrônica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou de
outra forma, sem permissão anterior da
Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

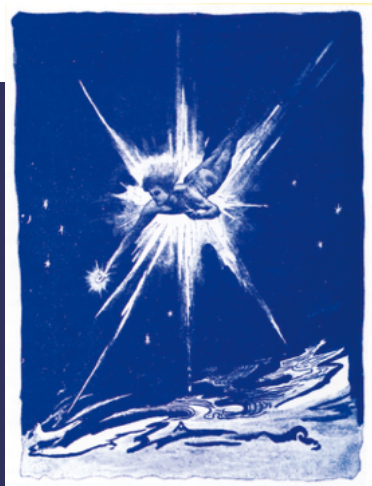
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton . .. Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).